**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA HUMANA**

GILSELIA LEMOS MOREIRA

**O TURISMO NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO LITORÂNEO:
uma análise das transformações socioespaciais da cidade de
Ilhéus no sul da Bahia a partir de 1990**

(Versão corrigida)

São Paulo
2011

GILSELIA LEMOS MOREIRA

**O TURISMO NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO LITORÂNEO:
uma análise das transformações socioespaciais da cidade de
Ilhéus no sul da Bahia a partir de 1990**

(Versão corrigida)

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia Humana da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
Geografia.**

Área de concentração:

Orientadora: Profa. Dra. Glória A. Alves
Versão Corrigida.
De acordo_____

São Paulo
2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gilsélia Lemos Moreira

Título da tese O TURISMO NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO LITORÂNEO: uma análise das transformações socioespaciais da cidade de Ilhéus no sul da Bahia a partir de 1990

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de concentração:

Orientadora: Profa. Dra. Glória A. Alves

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

GILSELIA LEMOS MOREIRA

**O TURISMO NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO LITORÂNEO:
uma análise das transformações socioespaciais da cidade de
Ilhéus no sul da Bahia a partir de 1990**

(Versão corrigida)

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia Humana da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
Geografia.**

**Área de concentração: Geografia
Humana**

Orientadora: Profa. Dra. Glória A. Alves

**São Paulo
2011**

Aos meus queridos filhos, Jaqueline e Rafael

AGRADECIMENTOS

É importante deixar claro que contamos com a colaboração de professores, familiares, amigos e colegas no processo de produção desse trabalho. Mas, são tantas as pessoas a agradecer que, mesmo correndo o risco da omissão, me atrevo a citar os nomes daqueles a quem devo agradecer pelo meu crescimento humano, moral e intelectual.

À Deus pela dádiva da vida para que eu pudesse dar mais esse passo.

À professora Dra. Glória A. Alves, pelo apoio, incentivo e dedicação. A convivência com a Glória me ensinou muito da vida acadêmica e da Geografia. Ela foi muito mais que uma orientadora, foi amiga e confidente. Seu profissionalismo e competência foram para mim um estímulo. Também agradeço pelas horas de conversa e orientação e pelo cuidado durante as viagens. A Glória me ensinou a ser mais confiante, a ter coragem e acreditar que é possível construir uma sociedade mais justa. Tê-la como professora e amiga foi importantíssimo para meu crescimento teórico e pessoal

À professora Dra. Ana Fani A. Carlos, por ter me acolhido na Universidade de São Paulo. Por meio da Fani conheci a professora Glória que oportunamente tornou-se minha orientadora. Também agradeço a Fani pelas disciplinas ministradas durante o curso de doutorado e pelas sugestões, críticas e estímulo na minha qualificação.

À professora Dra. Rita de Cássia A. Cruz, pelas críticas e estímulos em todas as apresentações de trabalho. Seu auxílio foi elementar no desenvolvimento da minha pesquisa. A seriedade e competência da Rita foram para mim um parâmetro de comportamento no trabalho acadêmico.

Ao programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e Letras da Universidade de São Paulo, pela oportunidade dos estudos desenvolvidos.

Aos colegas do Grupo de estudos: Paula, Lívia e Danilo, pela convivência no Laboratório de Geografia Urbana e nas viagens para os congressos e encontros de pesquisa. À amiga Flor, pelo importante auxílio nas tardes que pareciam intermináveis enquanto eu trabalhava no LABUR.

A pesquisa de campo teria sido impossível de ser realizada sem a colaboração de meu irmão – Neco Lemos e minha mãe D. Val Brandão. Eles me acompanharam em todas as viagens à cidade de Ilhéus. Aos moradores do Teotônio Vilela que se dispuseram a

responder nossas perguntas bem como o auxílio dos amigos da Associação de Moradores do bairro Teotônio Vilela.

Agradeço ao Dr. Robert Godoy - diretor da Associação de Turismo de Ilhéus, ao Dr. Luigi Massa - presidente da ATIL, pela oportuna colaboração com informações tão pertinentes que muito nos auxiliaram neste trabalho. Também agradeço a Maurício Torres - chefe de serviços turísticos da SETUR/Ilhéus e ao chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Ilhéus - José Nazal Soub, pelas entrevistas e pelo material cedido que foi imprescindível na execução da pesquisa.

Agradeço de coração aos colegas do Liceu São Paulo, especialmente aos amigos Luiz, Victor, Carla, e José Roberto pela colaboração. Agradeço as amigas Cris e Fernanda pela convivência.

Finalmente, agradeço aos meus pais os quais envolvi no meu desejo de crescimento intelectual, Sr. Carmelito Marques (*in memorian*), e D. Valdelice Brandão, a quem coube a tarefa mais difícil me auxiliar nos cuidados com os meus filhos Rafael e Jaqueline durante o curso. O estímulo e o apoio de meus irmãos Selma, Neneco e Dell (*in memorian*) foram inestimáveis. Enfim, agradeço a todos que me apoiaram nesta caminhada e sigo na certeza de que valeu a pena.

... o urbano é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de uma reunião.
Henri Lefebvre

RESUMO

A cidade de Ilhéus localizada na região Sul do estado da Bahia, passa por profundas transformações socioespaciais. Mudanças associadas de maneira inexorável ao turismo, importante atividade econômica que se articula à tendência de transformação do espaço em mercadoria. Tal raciocínio se funda no fato de que o turismo, como toda atividade humana, promove algum tipo de mudança sobre os lugares, uma vez que, inserido numa lógica de uma atividade econômica organizada, para acontecer exige a criação de uma infraestrutura capaz de atender a demanda por alimentação, transporte, lazer, hospedagem, entre outros. Além disso, ao se apropriar do espaço, impõe a sua lógica, criando novos espaços, reorganizando e refuncionalizando seu uso. O desenvolvimento do tema se apóia na contradição, que é fundante no que se refere à mercantilização dos espaços que se realizam localmente, inaugurando um movimento que vai do espaço de consumo ao consumo do espaço. Isso significa dizer, que o acesso ao uso e apropriação do espaço se realiza pela mediação do mercado, acentuando o papel e a força da propriedade do solo. A presente pesquisa tem como objetivo fundamental analisar as transformações socioespaciais da cidade de Ilhéus, a partir dos anos de 1990, período em que ocorreu uma forte desestabilização do setor produtivo, baseado na lavoura cacaueira. Essa crise induziu o processo de ressignificação do turismo em Ilhéus. O clima tropical quente e úmido que favoreceu a atividade cacaueira no passado, associado a um litoral de aproximadamente 100 km de praias, hoje são atributos marcantes que atraem turistas em busca do lazer de sol e mar. Para se adequar ao turismo a cidade passou por um intenso processo de ressignificação. Várias ruas foram transformadas em calçadão, antigos prédios foram restaurados e refuncionalizados. Intensificou-se o adensamento de casas de veraneio e condomínios fechados ao longo da costa. Aumentou de forma expressiva o número de *resorts*, hotéis e pousadas. No entanto, observa-se que tais mudanças estão ocorrendo apenas em determinados fragmentos da cidade. Outras áreas permanecem completamente segregadas em total estado de abandono por parte do poder público. Exemplo dessa realidade é o bairro Teotônio Vilela localizado na zona oeste da cidade. Esse bairro, embora não faça parte do processo de turistificação e da consequente mercantilização da cidade é um espaço necessário. Pois foi um espaço pensado para que a população de baixa renda que não interessa ao capital produtivo ficasse confinada. As ações do poder público incluíram no processo de revalorização apenas os fragmentos da cidade que interessavam ao capital produtivo - as áreas a beira mar, e a região central e histórica de Ilhéus. Espaços como o Teotônio Vilela são necessários para permitir a valorização de outros espaços da cidade e a sua conseqüente mercantilização. Do fenômeno estudado pode-se concluir que as transformações socioespaciais em Ilhéus nos últimos vinte anos foram promovidas pelo turismo e para o turismo.

Palavras chave: turismo; reprodução do espaço e transformações socioespaciais.

ABSTRACT

The city of Ilhéus, located in the south of the state of Bahia, is replaced by deep socio-spatial transformations. Changes associated in an inexorable way with tourism, important economical activity which links to the tendency of transforming area into merchandise. This way of thinking is based in the fact that tourism, as any human activity, brings some kind of change in the on the places once it is inserted in logical organized economical activity which demands the creation of infrastructure that is able to supply food, leisure, transportation, lodge, among other basic elements. Besides, as it dominates the space, its logic is imposed creating new spaces, reorganizing and rearranging its use. The development of this point is supported by the contradiction, which is grounded in the use of mercantile spaces locally, founding a movement that is going to give room to the consumption of the space consumption It means that the access to the use and appropriation of the space happens through the mediation of the market, emphasizing the role and strength of the soil property. The present research has as a fundamental objective to analyze the social and space changes that have been occurring in Ilhéus since the 1990's, period in which there was a strong unbalance in the productive sector, based on the cacao crops. This crisis induced the process of giving another meaning to tourism in Ilhéus. The hot humid tropical climate that helped the cacao plantation in the past, associated with a coast of approximately 100 kilometers of beaches, now are strong trademarks which attract tourists seeking leisure, sun and sea. To adapt itself to the tourism the city passed through an intense process of redefinition. Many streets were transformed into sidewalks, old buildings were restored and redefined. There was a great growth in the number of beach houses and closed condominiums along the coast. Also, there was an expressive growth in the number of resorts, hotels and inns. However, we can see that these changes are happening only in certain parts of the city. Other areas are still abandoned by the government. An example of this reality is the district of Teotônio Vilela located in the west zone of the city. Although this district does not take part in the process of remodeling to tourism and consequent mercantile use is a very necessary place. This space is thought to be used to confine the low income population. Actions to give more value to certain parts of the city were taken by the public power only in the places that interested the productive capital - sea coat areas, central region and historical places. Spaces like Teotônio Vilela are necessary to permit the valorization of other places of the city and their consequent mercantile use. The studied phenomenon it can be concluded that the socio-spatial transformations in Islanders over the past twenty years have been promoted by tourism and tourism.

Key words: tourism, reproduction of space, social and space changes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATIL - Associação de Turismo de Ilhéus

BAHIATURSA - Empresa de Turismo da Bahia S/A

BNB - Banco do Nordeste do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CODEBA - Companhia das Docas do Estado da Bahia

CONDER - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

CONDEMA – Conselho do Meio Ambiente

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

ILHEUSTUR - Empresa Municipal de Turismo de Ilhéus

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMT - Organização Mundial do Turismo

PMI - Prefeitura Municipal de Ilhéus

PET - Plano Estratégico de Turismo para Ilhéus

PRODETUR - Plano de Desenvolvimento Turístico

PRODETUR/BA - Plano de Desenvolvimento Turístico da Bahia

PRODETUR/NE - Plano de Desenvolvimento Turístico do Nordeste

PTR - Plano do Recôncavo

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SETUR/ILHÉUS - Secretaria de Turismo de Ilhéus

SETUR/BA - Secretaria de Turismo do Estado da Bahia

SUINVEST - A Superintendência de Investimentos em Pólos Turísticos

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Fig. 1 - Localização de Ilhéus.....	16
Fig. 2 – Vista panorâmica da cidade de Ilhéus	17
Fig. 3 – Imagem aérea do bairro Teotônio Vilela.....	19
Fig. 4 -. Vista panorâmica do Bairro Teotônio Vilela – Rua do Mosquito (ocupações sobre os manguezais).....	23
Fig. 5 - Mapa com o traçado urbano e os rios que circundam o bairro	26
Fig. 6 – Esgoto a céu aberto	30
Fig. 7 – Lixo na rua.....	30
Fig. 8 – Barracos nas encostas.....	31
Fig. 9 - Barracos no meio do manguezal as margens do rio Fundão	31
Fig. 10 - Comércio no bairro Teotônio Vilela	33
Fig. 11 – Avenida central do bairro Teotônio Vilela	33
Fig. 12 –Construção de barraco no mangue	34
Fig. 13 –Sanitário improvisado dentro do mangue.....	36
Fig. 14 - Esgoto sem tratamento despejado no mangue.....	36
Fig. 15 –Mapa do arruamento de Ilhéus.....	36
Fig. 16 - Barraco onde vivia D. Léia - ocupação dentro do manguezal às margens do rio Fundão no Teotônio Vilela.....	40
Fig. 17 -. Poço em frente ao barraco onde vivia D. Léia	41
Fig. 18 - Área de mangue desmatada.....	42
Fig. 19 - Igreja Matriz de São Jorge	43
Fig. 20 - Capela de São Sebastião - 1927.....	49
Fig. 21 - Capela de Nossa Senhora da Vitória.....	49
Fig. 22 -. Cine Teatro Ilhéus.....	50
Fig. 23 - Porto de Ilhéus na década de 1920	54
Fig. 24 - Antigo porto de Ilhéus - 1970.....	57
Fig. 25 - Porto de Ilhéus, em sua localização atual – vista aérea	59
Fig. 26 - Entrada do porto de Ilhéus: vista da cidade.....	60
Fig. 27 - Transatlântico aportado em Ilhéus	61
Fig. 28 - Turistas dos transatlânticos sendo recepcionados em Ilhéus.....	62
Fig. 29 - Turistas dos transatlânticos em Ilhéus	63
Fig. 30 -. Ilhéus Hotel – 1930.....	63
Fig. 31 - Instituto Nossa Senhora da Piedade	65
Fig. 32 - Palácio Misael Tavares	66
Fig. 33 - Catedral de São Sebastião	67
Fig. 34 - Bataclan.....	68
Fig. 35 - Biblioteca Adonais Filho - 2009.....	68
Fig. 36 - Casa dos Artistas.....	69
Fig. 37 - Igreja de Santana, em Rio do Engenho.	69
Fig. 38 - Bar Vesúvio no centro de Ilhéus.....	70
Fig. 39 - Rua Antonio Lavigne de Lemos calçada com paralelepípedo azul-cobalto	71
Fig. 40 -. Estátua de Sapho.....	72
Fig. 41 - Palácio Paranaguá – atual prédio da Prefeitura Municipal de Ilhéus	73
Fig. 42 - Ponte Lomanto Junior, ligando o Pontal a Ilhéus.	73
Fig. 43 - Mapa Turístico de Ilhéus.....	79
Fig. 44 - Imagem aérea da Estância hidromineral de Olivença.....	90

Fig. 45 – Mapa Turístico de Ilhéus	92
Fig. 46 - A área de abrangência do PRODETUR-NE I	100
Fig. 47 - Pólo Litoral Sul.....	101
Fig. 48 - Calçadão da Rua Jorge Amado.....	105
Fig. 49 - Mapa turístico do Quarteirão Jorge Amado em Ilhéus	109
Fig. 50 - Catedral de São Sebastião	112
Fig. 51 - Bar Vesúvio	112
Fig. 52 - Teatro Municipal	112
Fig. 53 - Casa de Cultura Jorge Amado	112
Fig. 54 - Associação Comercial de Ilhéus.....	112
Fig. 55 - Estátua de Sapho.....	112
Fig. 56- Palácio de Paranaguá	112
Fig. 57 - Igreja Museu São Jorge.....	113
Fig. 58 - Casa do Coronel Misael Tavares	113
Fig. 59 - Casa de Tonico Bastos	113
Fig. 60 –Ilhéus hotel	113
Fig. 61 –Antigo Porto-1990.....	113
Fig. 62 - Bataclan.....	113
Fig. 63 – Restaurante Velhos Marinheiros.....	115
Fig. 64 - Cristo Redentor.....	115
Fig. 65 - Vista do Outeiro de São Sebastião.....	115
Fig. 66 - Ruínas do Cabaré Bataclan	115
Fig. 67 - O Bataclan restaurado e refuncionalizado.....	116
Fig. 68 - Praça J.J. Seabra	116
Fig. 69- Calçadão Jorge Amado- sentido praia	118
Fig. 70 - Rua Antônio Lavigne	119
Fig. 71 Centro de Convenções Luiz Eduardo Magalhães	119
Fig. 72 Verticalização da avenida Soares Lopes	119
Fig. 73 Aeroporto Jorge Amado	119
Fig. 74 –Mapa com ilustração do litoral norte	124
Fig. 75 - Vista área do litoral Norte de Ilhéus	127
Fig. 76 - Litoral Sul - vista aérea do Morro de Pernambuco e a enseada do Pontal.....	127
Fig. 77 - Praia no Litoral Sul.....	129
Fig. 78 - Loteamento em fase de construção na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul – ao fundo área sendo desmatada.....	131
Fig. 79 - Loteamento na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul.....	133
Fig. 80- Loteamento na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul.....	133
Fig. 81 -Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul.....	134
Fig. 82 - Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul.....	134
Fig. 83 – Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul.....	135
Fig. 84 – Cabanas de praia (restaurante e bar) na estrada Ilhéus/Olivença – Zona Sul de Ilhéus.....	135
Fig. 85 - Resort Tororomba no litoral Sul.....	137
Fig. 86 - Vista aerea do Cana Brava Resort Hotel.....	138
Fig. 87 – Balneário Tororomba	138
Fig. 88 - Balneário Tororomba	139
Fig. 89 - Pousadas e hotéis ao longo da estrada Ilhéus /Olivença - litoral Sul.....	140
Fig. 90 - Costa do Cacau	141
Fig. 91- Folder informativo sobre a história e os atrativos turísticos da cidade.....	155
Fig. 92-- Roteiro e Guia Turístico da Costa do Cacau.....	158

Fig. 93 Mapa da Costa do Cacau	159
Fig. 94 - Pousada Gabriela	160
Fig. 95 - Mapa da Costa do Cacau.....	164
Fig. 97 Grupo de turistas brasileiros	174
Fig. 98 - Caricatura do Jorge Amado na entrada do Bar Vesúvio	177
Fig. 99 - Imagens do filme Tempos Modernos	178
Fig. 100 –Mapa com traçado urbano e rios que circundam o Teotônio Vilela	179
Fig. 101 – Barracos no mangue do lado esquerdo da Avenida Central	179
Fig. 102 – Barracos no mangue do lado esquerdo da Avenida Central	179
Fig. 103 –Barracos no alto dos morros	179
Fig. 104 – Moradora do Teotônio Vilela	179
Fig. 105 – Moradias dentro do mangue	179
Fig. 106 – Recipientes para armazenar água	179
Fig. 107 – Esgoto sendo despejado á céu aberto	179

Gráfico 1 - Investimentos dos PRODETUR/BA I por setor	102
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O PONTO DE PARTIDA: O TEOTÔNIO VILELA: UM FRAGMENTO DA REALIDADE.....	24
1.1 O Teotônio Vilela: de que espaço está-se falando?.....	25
1.2 A luta pelo direito a moradia.....	28
1.3 A urbanização sem urbanidade	29
2. ILHÉUS: DE ESPAÇO DO CACAU A ESPAÇO DO TURISMO.....	48
2.1 Ilhéus: espaço produzido e reproduzido pelo e para o cacau.....	49
2.2 A crise da lavoura cacaueira, ressignificação do turismo e os novos contornos da cidade.	82
2.3 A reprodução do espaço de Ilhéus pelo turismo	85
3.0 A ATUAÇÃO DAS FORÇAS HEGEMÔNICAS EM ILHÉUS: AÇÕES ESTRATÉGICAS, POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO E PROJETOS ESTRUTURANTES.....	88
3.1 As ações estratégicas do poder público local.....	88
3.2 As ações do Estado: as políticas públicas de turismo e os projetos estruturantes.....	98
4.O TURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM ILHÉUS A PARTIR DE 1990.....	108
4.1 Os lugares da cidade que apresentam, de forma mais intensa, as transformações socioespaciais pelo e para o turismo.....	108
4.2 O Turismo e a mercantilização do espaço: a cidade de Ilhéus como mercadoria.	141
4.3 As estratégias para venda dos fragmentos do espaço da cidade: marketing e propaganda.....	152
4.4 O ponto de chegada: o Teotônio Vilela, um fragmento da cidade aparentemente fora do circuito da mercadoria.....	181
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
REFERÊNCIAS	207

INTRODUÇÃO

A cidade de Ilhéus, localizada na região Sul da Bahia (figura 1), aproximadamente a 450 km da capital Salvador, é a quarta maior cidade do estado. Ilhéus tem como característica marcante, duas grandes feições geomorfológicas: um conjunto de elevações constituídas por morros e encostas e uma parte baixa formada por uma planície litorânea, separada do continente pelos rios Cachoeira, Almada e Fundão, formando muitas ilhas (HIENE, 2002). A cidade (figura 2) é muito peculiar, além de ser uma das mais antigas do estado (data do século XVI), abriga em seu espaço uma arquitetura própria da época e um extenso litoral, que compreende cem quilômetros de praias. Essas características foram incorporadas ao turismo e são comercializadas pelos agentes vendem Ilhéus como destino turístico.

Fig. 1 - Localização de Ilhéus

Fonte: Santos, Nilmací Silva dos (Adaptado do SEI, 2003. Elaborado por Alves, H.S.R.).

Fig. 2 –Vista panorâmica da cidade de Ilhéus

Fonte: Site oficial de Ilhéus. Disponível em: www.ilheus.gov.br. Acesso em 12/05/09

A história de Ilhéus está inexoravelmente ligada à produção da lavoura cacaueteira. A cidade, conhecida internacionalmente graças ao romance “Gabriela Cravo e Canela” do escritor Jorge Amado, hoje é espaço de uma dinâmica repleta de contradições em parte materializadas em sua paisagem que, aliás, tem-se transformado

de maneira significativa ao longo dos últimos 20 anos. Parte do centro da cidade passou por um intenso processo de resignificação¹ pelo/para o turismo. Várias ruas foram transformadas em calçadas, antigos prédios residenciais foram restaurados e refuncionalizados². Intensificou-se o adensamento de casas de veraneio, loteamentos e condomínios fechados ao longo da costa.

Aumentou, de forma expressiva, o número de hotéis, pousadas, cabanas e quiosques nas praias. No entanto, se observa que tais mudanças estão ocorrendo apenas em determinados fragmentos da cidade, na orla, no centro e alguns bairros de classe média. Essas áreas, inclusive recebem atenção especial, por parte do poder público no que diz respeito à infraestrutura urbana (iluminação, rede de esgoto, calçamento, paisagismo), entre outros. Essas áreas estão passando por um intenso processo de valorização e consequentemente pelo aumento de preços dos imóveis e dos terrenos nelas localizados. Fato que contribuiu para expulsar parte da população pobre dessas áreas para outros espaços da cidade, totalmente segregados.

Diante do exposto, a questão que se coloca é: em Ilhéus esse processo tem contribuído para o aumento e/ou manutenção de áreas segregadas na cidade? Por que dessa questão? No mestrado tomei por objeto de estudo o bairro Teotônio Vilela (figura 3), localizado na zona oeste cercado por manguezais, fragmentos de restinga, herbáceas e mata atlântica. Tratava-se de um dos arrabaldes mais pobres e populosos de Ilhéus, com uma população estimada em aproximadamente 25 mil habitantes em 2002 (IBGE, 2000).

¹ A resignificação em nossa pesquisa, é entendida como a transformação do espaço pelo/ para o turismo, priorizando o caráter econômico desse fenômeno. De acordo com Nóbrega (2005, p. 14) resignificar é “conceder outra utilidade para este ambiente, no caso, o uso para a atividade turística, pode possibilitar alternativa econômica [...] para empresários que possuem áreas propícias para essa atividade”. Em Ilhéus a incorporação da história e da cultura e sua consequente transformação em bens de consumo, atestam que há uma resignificação de fragmentos do espaço da cidade pelo/ para o turismo. De acordo com Murta (2008, p. 43) o espaço transformado é, então, resignificado, ou seja, passa a integrar a paisagem urbana de uma nova maneira, com outra forma – seja um imóvel restaurado ou um novo espaço construído. A cidade de Ilhéus antes conhecida como a capital do cacau, após a resignificação pelo turismo passou a condição de princesinha do litoral Sul.

² Ocorreu a substituição da função inicial desses espaços para novos usos. Nestes espaços estabelece-se um dinâmico comércio voltado para o turismo (lojas de *suvenirs* e artesanato), além de outros usos. No centro histórico de Ilhéus, observa-se um intenso processo de cenarização que banaliza a história e a cultura local. De acordo com Costa (2008, p.54) vemos nos centros históricos de algumas cidades [...] brasileiras [...] ações [...] que atendem aos ditames do capital, inserindo estes núcleos no mercado global de competição entre as cidades, através do desenvolvimento do turismo, especificamente, o turismo cultural. Em Ilhéus o centro histórico foi transformado num cenário que apresenta o espetáculo da cultura e da história aos milhares de turistas que consomem em alguns dias esse e outros espaços da cidade.

Fig. 3 – Imagem aérea do bairro Teotônio Vilela
Foto: Jose Nazal Soub (2010)

Na ocasião, (tinha) a hipótese de que a crise do cacau havia sido responsável pela migração rural/urbana, e por consequência, o Teotônio Vilela era uma expressão desse processo. Entretanto, concluímos que o contexto de crise e recessão na região cacaueira, apesar de ter contribuído para ampliar o êxodo rural, não se aplicou ao caso do bairro Teotônio Vilela, pois este cedeu espaço para movimentos do tipo urbano-urbano, uma vez que, uma parcela muito pequena de migrantes do campo estava radicada no bairro - em torno de 15% (MOREIRA, 2003),

Portanto, a gênese do Teotônio Vilela, bem como a procedência de seus habitantes não tinha uma relação direta com a desestabilização do setor rural. Mesmo não se tratando de um percentual desprezível, não se pôde afirmar naquela ocasião, a existência de tal relação. Constatamos por meio de pesquisa de campo, que 57% da população residente no bairro procederam, de fato, de outros bairros de Ilhéus (MOREIRA, 2003).

Diante do exposto concluímos que a crise da lavoura cacaueteira não dava conta de responder pelos fenômenos socioespaciais que se apresentavam intensos naquele momento. Outros fenômenos estavam em curso. Fenômenos que estavam provocando intensas transformações socioespaciais na cidade. Como não se constituía objetivo do estudo de mestrado analisar as causas de tais transformações, e tampouco, havia tempo hábil para tal empreitada, decidimos propor esse estudo agora no doutorado.

O objetivo fundamental dessa pesquisa é analisar as transformações socioespaciais da cidade de Ilhéus, a partir dos anos de 1990, período em que ocorreu uma grave crise no setor produtivo regional baseado na lavoura cacaueteira e, coincidentemente, a valorização da atividade turística no Brasil, fator desencadeador de uma visível ressignificação do turismo em toda a região cacaueteira. Propõe-se, assim, a análise das consequências socioespaciais desse processo em Ilhéus.

O fio condutor da análise reside na tese de que a cidade de Ilhéus passa por profundas transformações socioespaciais. Mudanças associadas de maneira inexorável ao turismo, importante atividade econômica que se articula à tendência de transformação do espaço em mercadoria e que, traz em seu bojo a característica intrínseca de agente modificador do espaço, provocando impactos em seu contexto que merecem investigação.

Tal raciocínio se funda no fato de que o turismo, como toda atividade humana, promove algum tipo de mudança sobre os lugares, uma vez que, inserido numa lógica de uma atividade econômica organizada, para acontecer exige a criação de uma infraestrutura capaz de atender a demanda por alimentação, transporte, lazer, hospedagem, entre outros. Além disso, ao se apropriar do espaço, impõe a sua lógica, criando novos espaços, revalorizando espaços antigos, reorganizando e refuncionalizando seu uso.

O desenvolvimento do tema se apóia na contradição, que é fundante no que se refere à mercantilização dos espaços que se realiza localmente, inaugurando um movimento que vai do espaço de consumo (condição da produção: distribuição, circulação, troca e consumo), ao consumo do espaço (condição para a reprodução do capital e da vida) (CARLOS, 1999).

O turismo exerce um importante papel a partir do movimento do consumo do espaço que se dá no processo de transformação do uso em troca, ou seja, da mutação do espaço em mercadoria (CARLOS, 1999 p.175). Compreender esse processo implica antes de tudo, apreender as contradições do modo de produção capitalista.

Analisar as relações produtivas do espaço, as ações do Estado, dos agentes imobiliários, da iniciativa privada e dos habitantes da cidade em constante movimento e conflito.

Convém esclarecer que Ilhéus como estudo de caso, não tem um fim em si mesmo. A cidade só pode ser entendida na articulação com outros espaços, ou seja, num contexto regional, nacional e quiçá internacional. De acordo com Carlos (1994, p.39),

...a premissa é que o estudo de um fenômeno específico reproduz, em diferentes escalas, [...] na produção de uma pequena parcela de espaço encontramos as mesmas determinações, a mesma articulação. É possível detectar as leis gerais do processo de produção espacial a partir da análise de uma determinada parcela, desde que esta leve em conta a relação com a totalidade. Esta ideia apoia-se numa visão determinada de realidade, na qual os fenômenos só têm sentido quando analisados em função do todo a que pertence.

Sendo assim Ilhéus, como estudo de caso, não é objetivo final desse trabalho. A preocupação fundamental é entender o processo de produção e reprodução social do espaço urbano e como se processa o desenvolvimento do contrassenso que é basilar no que se refere à mercantilização do espaço. Para tanto, fez-se necessário articular teoria e metodologia ao longo do trabalho com base nas contribuições de autores e estudos teóricos que auxiliaram na problematização e aprofundamento das questões empíricas trabalhadas.

Algumas questões podem ser inicialmente apontadas: Qual o lugar do turismo no processo de produção e reprodução social do espaço urbano de Ilhéus? Que lugares da cidade apresentam de forma mais intensa as transformações socioespaciais pelo/para o turismo? Qual o papel do Estado e do poder público local e da iniciativa privada nesse processo? Finalmente, qual o papel do turismo e das forças hegemônicas na produção de uma urbanização sem urbanidade? Para auxiliar a análise dessas questões desenvolvemos alguns procedimentos metodológicos de coleta de informações em fontes primárias e secundárias. As atividades centradas no estudo particularizado da cidade de Ilhéus foram compostas basicamente da realização de entrevistas, aplicação de questionários, levantamento bibliográfico e cartográfico, análise documental e registro fotográfico.

Foram feitas entrevistas com funcionários da Secretaria de Turismo de Ilhéus (SETUR/ Ilhéus), com o diretor e o vice-diretor da Associação de Turismo de Ilhéus (ATIL) e o chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Ilhéus. Além de professores e coordenadores do mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Os trabalhos de campo foram realizados entre os anos de 2009 - 2011. Nesse período fizemos várias visitas ao Teotônio Vilela para coleta de informações *in loco*. Realizamos entrevistas com os moradores e fizemos registro fotográfico. O mesmo procedimento foi realizado no centro histórico e na orla da cidade (zonas norte/sul).

Convém esclarecer que apesar da opção teórica e dos procedimentos adotados na execução desse trabalho não existem modelos a seguir, tampouco caminhos prontos. Sendo assim, para usar as palavras de Carlos (1994), o exercício da crítica coloca-se como fundamental. Se algumas obras de renomados teóricos e uma linha específica influenciaram nosso trabalho, suas ideias, no entanto, não são tomadas como dogmas. Nosso compromisso é com a produção de um trabalho geograficamente crítico que seja capaz na sua essência de desvendar os processos e contradições que a realidade nos apresenta. Ainda que seja por meio de um estudo de caso. A escolha de Ilhéus como campo de análise e estudo objetiva preencher uma lacuna no que diz respeito ao conhecimento sistemático da cidade.

Intentamos nesse estudo apontar caminhos que conduzam a reflexão crítica do processo de produção e reprodução do espaço urbano no mundo contemporâneo. A busca de respostas para o tema em questão foi estruturada em quatro capítulos. Inicialmente explicitando qual foi o nosso ponto de partida, apresenta - se o Teotônio Vilela, um bairro segregado localizado na zona oeste da cidade de Ilhéus que se constituiu nos anos 80 do século XX a partir da migração que, entretanto, não era decorrente da crise do cacau. Outro(s) fenômeno(s) estava(m) em curso reproduzindo ininterruptamente a cidade e o Teotônio Vilela e, para elucidar esse processo é que desenvolvemos esta pesquisa.

Na sequência discutimos as transformações de Ilhéus a partir das atividades econômicas ligadas inicialmente ao cacau e posteriormente ao turismo. Nesse capítulo busca-se analisar o processo de produção do espaço da cidade de Ilhéus a partir da lavoura cacaueira. O foco nessa parte do trabalho são as transformações socioespaciais na cidade pelo/para o cacau e como após a crise do setor produtivo regional toda a

materialidade construída para viabilizar o escoamento da produção do cacau foi apropriada e/ ou ressignificada pelo turismo.

Na etapa seguinte debatemos a atuação das forças hegemônicas em Ilhéus: ações estratégicas, políticas públicas de turismo e projetos estruturantes. Nesse capítulo mostram-se as intervenções no espaço da cidade e consequentemente as transformações de Ilhéus no processo de adequação ao uso turístico por meio das ações do Estado e das políticas públicas de turismo.

A partir daí analisamos as consequências da atuação dessas forças, ou seja, os lugares da cidade que revelam de forma mais significativa o processo de transformações socioespaciais pelo/ para o turismo. Analisa-se o processo de mercantilização e as estratégias para venda dos fragmentos da cidade de Ilhéus. Ainda nesse capítulo retorna-se ao Teotônio Vilela o ponto de partida dessa análise. Procura-se mostrar que no processo de mercantilização do espaço alguns fragmentos da cidade não entram no circuito da troca, mas, são necessários para abrigar a população que não interessa ao capital produtivo. Por fim, são tecidas algumas considerações finais sobre as transformações sócio espaciais da cidade de Ilhéus a partir de 1990.

1. O PONTO DE PARTIDA: O TEOTÔNIO VILELA: UM FRAGMENTO DA REALIDADE

O cidadão que, mesmo de passagem, caminha pelo Teotônio Vilela, percebe um bairro totalmente desestruturado, dividido em duas partes separadas pelo manguezal, que mais parece uma longa avenida, tal a intensidade das ocupações. Mas esse cidadão, ao passar, não pode imaginar as várias histórias que fazem parte do bairro e da vida de seus habitantes. Estas se misturam e, juntas, compõem parte da história do bairro e da própria cidade de Ilhéus. Seus protagonistas [...] são pessoas comuns, [...] que por força da necessidade tomaram posse da terra no Teotônio Vilela e lá escreveram sua história. (MOREIRA, 2003 p.47)

Fig. 4 - Vista panorâmica do Bairro Teotônio Vilela – Rua do Mosquito (ocupações). sobre os manguezais) Foto: PM de Ilhéus (2002)

O Teotônio Vilela (figura 4) foi nosso objeto de estudo no mestrado. Nessa investigação partimos da hipótese de que a crise econômica instalada desde os anos de 1980, na região Sul do estado da Bahia em razão da desestabilização do setor produtivo regional, baseado na lavoura cacaueira forçou a migração de centenas de trabalhadores para as cidades da região em busca de sobrevivência. E como o Teotônio Vilela datava dessa mesma época, seria resultado desse processo. Nossa hipótese não

se confirmou. Fato que provocou uma inquietação referente ao entendimento sobre o processo de produção do espaço da cidade que, entretanto não foi desenvolvido, pois não era o foco da dissertação.

Já nesse trabalho foi possível constatar que a crise do cacau não respondia mais pelos fenômenos que se apresentavam no espaço urbano de Ilhéus. Outro(s) fenômeno(s) estava(m) em curso reproduzindo ininterruptamente a cidade e o Teotônio Vilela. Isso foi ficando claro na medida em que avançávamos no processo de descoberta durante os trabalhos de campo. Vale dizer que fizemos um longo e exaustivo trabalho de campo que incluiu várias visitas ao bairro. Nessas visitas entrevistamos moradores, aplicamos questionários e fizemos registro fotográfico. É importante dizer que recebemos apoio incondicional dos moradores e da associação do bairro.

A partir daqui, vamos resgatar parte dos resultados registrados em nossa pesquisa de mestrado, pois auxiliarão na compreensão das características socioespaciais do Teotônio Vilela. Embora esse estudo seja datado de 2003, o Teotônio Vilela não sofreu nenhuma alteração significativa em termos de infraestrutura urbana. Mas vale dizer, que ao longo desses anos sua população cresceu em torno de 60%, (Associação de Moradores).

Não se percebe nesse bairro nenhuma ação do poder público que implique em melhorias das condições de vida da população. Tampouco, obras de caráter turístico. Diferente de outros bairros da cidade. As transformações socioespaciais relacionadas diretamente ao turismo aparecem especificamente, apenas em alguns fragmentos do espaço de Ilhéus. Para elucidar esse fenômeno e as demais questões postas nesse estudo vamos partir do Teotônio Vilela e ao final desse estudo vamos retornar a ele. Nosso intuito é “resgatar a dimensão da consciência transparente, reavivar a lucidez, o que nos impõe o exame do real” (PEREIRA, 2009).

1.1 O Teotônio Vilela: de que espaço está-se falando?

No decorrer do processo de descoberta nos deparamos não só com um espaço fortemente impactado do ponto de vista ambiental pelo aterramento dos manguezais e desmatamento das encostas, mas principalmente degradado do ponto vista social. Tratava-se de um espaço totalmente segregado, um lugar em que predominava a favelização generalizada, onde a urbanização se deu na sua forma mais perversa, ou

seja, a urbanização ocorreu sem urbanidade, aqui entendida como a impossibilidade da maioria dos trabalhadores em se apropriar de condições adequadas de sobrevivência.

Aparentemente as características do Teotônio Vilela remetem a um espaço de ocupação espontânea. Mas, não é disso que se trata, pois, o bairro foi planejado. Os problemas urbanos enfrentados por seus moradores são frutos da negligência do poder público e não da ausência de planejamento. De acordo com o Coordenador de Projetos da Secretária de Planejamento e Infraestrutura da Prefeitura Municipal de Ilhéus, Dr. Paulo Machado, nos anos de 1980, já havia uma crise habitacional na cidade. No intuito de solucionar o problema o poder público municipal desapropriou uma antiga fazenda localizada na zona oeste da cidade, dividiu a área em pequenos lotes, cadastrou dezenas de famílias carentes e posteriormente distribuiu os lotes à população carente.

Diante do exposto, partimos de algumas questões inquietantes: se o bairro foi planejado por que as suas características remetem a um espaço de aparente ocupação espontânea? O que aconteceu para virar favela? Por que o bairro apresenta características de uma produção desumana e segregadora?

Sabendo que as respostas para tais demandas não seriam respondidas com facilidade, buscamos a elucidação de tais questões em diferentes fontes. Primeiro ouvimos um representante do poder público municipal – o Secretário de Planejamento e Infraestrutura da Prefeitura Municipal de Ilhéus, Dr. Paulo Machado, anteriormente citado. Ele nos informou que a população ocupou a área, antes mesmo da Prefeitura Municipal concluir a distribuição dos lotes. Ainda acrescentou que após a ocupação do loteamento³, o poder público local tentou organizar as ocupações, por meio de propostas básicas (a remoção da população para outras áreas), mas não foi possível, pois os ocupantes se recusaram a deixar o local. De acordo com o Secretário com o passar dos anos a situação só se agravou, pois a população além de ocupar a parte loteada ocupou também as áreas de mangue e o morro. Fato que colaborou para a favelização da área. No entanto, os moradores do Teotônio têm outra versão da história. Eles disseram que os lotes estavam sendo usados para barganha de votos por ocasião das eleições. Esse fato provocou a revolta

³ O loteamento se limitou a demarcação de lotes com a abertura de ruas sem calçamento, iluminação e esgotamento sanitário entre outros.

da população carente, fato que motivou a ocupação não só do loteamento, mas de todo o seu entorno. Essas áreas hoje são conhecidas como Teotônio Vilela Norte; Teotônio Vilela Sul e Alto do Teotônio Vilela, (figura 5).

Fig. 5- Mapa com o traçado urbano e os rios que circundam o bairro

Elaborado com base em CONDER (2007) - Fonte: VIDAL Elzita F. 2008.

De acordo com os moradores, a ocupação do loteamento foi à única maneira encontrada pelos mais pobres de suprir as suas necessidades de moradia diante do descaso do poder público municipal e do Estado. A favelização do Teotônio Vilela foi consequência desse processo e não um fato natural como faz crer o poder público. Parece claro que:

...as favelas são, para a população, uma estratégia de sobrevivência. Uma saída, uma iniciativa que levanta barracos de um dia para o outro, [...] Uma iniciativa que desmistifica o mito da apatia do povo: não é apático quem luta para a sua sobrevivência, quem busca resgatar sua cidadania usurpada. (RODRIGUES, 1997, p. 40).

1. 2 A luta pelo direito a moradia

Vamos regatar alguns dos depoimentos de moradores que nos contaram como se deu a ocupação do Teotônio Vilela. O primeiro depoimento é do senhor, Sr. Francisco Dias morador do bairro naquela ocasião (2003) a mais de vinte anos. Ele disse:

...em meados da década de 1980, a falta de alternativas de onde e como morar em Ilhéus torna frequente a ocupação de áreas desabitadas. Ilhéus, já sofria com problemas de habitação, quando o povo pobre da periferia que pagava aluguel ou morava de favor ficou sabendo que esta área seria transformada em um loteamento. Não pensou duas vezes e começou a invadir. Cada família tomou um lote e passou a construir sua casa. A Prefeitura Municipal, na tentativa de organizar tais ocupações, fez o primeiro loteamento e cadastrou algumas famílias entregando-lhes um documento chamado cartão de posse; esses cartões foram entregues sem nenhum critério. Muitas famílias cadastradas não receberam esses cartões, enquanto outras tiveram acesso mesmo não estando cadastradas. (MOREIRA, 2003.p.48).

O Sr. Hélio dos Santos, outro morador do Teotônio Vilela, revelou que a omissão do poder público provocou a revolta da população carente, e por isso nas palavras dele “invadiram” o Teotônio Vilela (MOREIRA, 2003.p.48). Ainda sobre a fase de ocupação desse bairro, D. Judite, também moradora do bairro nos revelou:

...o povo, cansado de viver empurrado para lá e para cá não cedeu e invadiu tudo. Construíram barracos e casas no mangue, na beira do rio e até no alto dos morros e num instante isso aqui virou cidade. (MOREIRA, 2003.p.48).

O conflito se estabelece na cidade porque os interesses das forças hegemônicas vão de encontro aos interesses e necessidades da população pobre, fazendo com que os essa camada da sociedade elabore estratégias de sobrevivência. Desse conflito de interesses surgiu o Teotônio Vilela, ocupado por uma população que migrou em sua maioria de outros bairros da própria cidade de Ilhéus. As precárias condições da população aparecem na configuração socioespacial do bairro, pois o mesmo apresenta características de favela. De acordo com Rodrigues (1997, p.40) a explicação é simples:

...a favela é produto da conjugação de vários processos: da expropriação dos pequenos proprietários rurais e da superexploração da força de trabalho no campo, que conduz a sucessivas migrações rural-urbana e também intra-urbana principalmente de pequenas e médias para grandes cidades. Também produto do processo de empobrecimento da classe trabalhadora em seu conjunto, [...] o preço da terra urbana e das edificações – mercadoria inacessível para a maioria dos trabalhadores – a favela exprime a luta pela sobrevivência e pelo direito ao uso do solo urbano de uma parcela da classe trabalhadora.

1.3 A urbanização sem urbanidade

Após a ocupação, o Teotônio Vilela ficou completamente abandonado pelo poder público municipal e com o passar do tempo tornou-se expressão da desigualdade socioespacial aqui entendida como “a expressão do processo de urbanização capitalista, um produto da reprodução ampliada do capital que se perpetua como condição de permanência de desigualdade social” (RODRIGUES, 2007, p. 74). Portanto, a desigualdade socioespacial é produto do desenvolvimento do modo de produção capitalista e como produto é condição de permanência na situação de precariedade de quem mora nos espaços segregados.

Vale dizer que a precariedade das condições físicas do bairro Teotônio Vilela só mudou quando os moradores se organizaram na tentativa de conseguir abastecimento de água, iluminação pública e domiciliar, captação de esgotos, coleta de lixo, transportes coletivos, escolas e postos de saúde entre outros. De acordo com o depoimento de D. Judite, já citada o poder público municipal fez algumas melhorias no bairro, mas não o suficiente para usufruto de toda a população (MOREIRA, 2003.p.48). Foram implantados apenas alguns serviços e equipamentos urbanos de forma bastante precária.

Sobre a precariedade dos serviços públicos instalados no Teotônio Vilela, o Sr. Robson dos Santos, morador do bairro a mais de 15 anos, revelou:

...quando eu cheguei aqui, na década de 1990, a “Prefeitura” prometeu urbanizar todo o bairro; logo depois, houve um calçamento de cinco ruas e nada mais foi feito. Passados dois ou três anos, houve um financiamento, pelo Governo Federal,

de 411 casas, mas o prefeito fez apenas 11 e as 400 ficaram para lá, provavelmente foram para a campanha política de algum deputado. A carência de infraestrutura persiste até hoje, falta pavimentação na maioria das ruas, a rede de água e esgoto não atende toda a população, a iluminação das ruas é precária e quanto as 400 casas, ninguém sabe o que foi feito da verba. A parte que não estava loteada foi invadida. Essa parte chama-se suíço; o pessoal vive ali precariamente. Durante muito tempo acreditou-se que o desenvolvimento fosse chegar até aquela área, mas não chegou. Eu acho isso incrível; se você for analisar essas cinco ruas de paralelepípedo, já deve ter uns 14 anos que foi feito e o desenvolvimento não continuou, a não ser na rua principal. (MOREIRA, 2003.p.50 - 51).

A iluminação deficitária colaborava para aumentar os casos de violência no bairro. Não havia nenhuma área de lazer de uso público no Teotônio Vilela ou adjacências. O transporte coletivo não atendia a demanda. Por isso, nos horários de pico, dezenas de pessoas se amontoavam nos pontos e nos ônibus. A insuficiência de esgotamento sanitário era uma motivação para a população carente desse serviço, despejar seus dejetos no rio, ou lançar seus efluentes na rua a céu aberto (figura 6). A coleta de lixo insuficiente, explicava as grandes quantidades de lixo depositada no meio da rua ou às vezes jogadas nas encostas e no mangue (figura 8). Somente 34% dos domicílios pesquisados tinham rede de esgoto, 66% não possuíam sequer fossa séptica.

Fig. 6- Esgoto a céu aberto

Fonte: Moreira, 2003

Fig. 7 - Lixo na rua

Fonte: Moreira, 2003

Na época segundo dados coletados em minha pesquisa, 54% das moradias localizam-se em áreas impróprias para a habitação, pelo fato de estarem dentro do mangue, às margens do Rio Fundão ou em áreas de risco. Grande parte das moradias (64%) eram frágeis, construídas de restos de madeira, papelão e sucata. (figuras 7 e 8).

Fig. 8- Barracos nas encostas do morro no bairro

Fonte: Moreira (2003)

Apenas 36% das habitações eram de alvenaria. Essas casas estão localizadas na Avenida Central, onde também se encontra um pequeno comércio que compreende lojinhas de miudezas, farmácias, mercadinhos e um supermercado (figura 10). Cabe esclarecer, que uma parte do Teotônio Vilela conta com uma infraestrutura mínima, (ruas com calçamento, iluminação, coleta de lixo, esgoto e água de rede) Esse fragmento do Teotônio Vilela sitiado na área central, se debate com outras áreas do bairro que não apresentam a mínima condição de habitabilidade, fato que sugere uma sobreposição de precariedades.

Fig. 9 - Barracos no meio do manguezal as margens do rio Fundão na margem esquerda da avenida central .

Fonte: Moreira, 2003

Fig. 10 – Comércio no Teotônio Vilela localizado na Avenida Central

Fonte: Moreira 2003

As contradições presentes no Teotônio Vilela são também resultado da produção contraditória do espaço da cidade. Este fato traz à tona facetas de um conteúdo complexo e contraditório, que permeia a produção do espaço *stricto sensu*. O bairro Teotônio Vilela é marcado, pela desigualdade, que se torna mais visível devido a separação entre pobres e miseráveis. Enquanto uma pequena parte dos moradores habita as áreas dotadas de uma mínima infraestrutura (calçamento e luz) (Figura 11), a outra parte constrói suas moradias em áreas insalubres e sem a menor condição de habitabilidade (figura 12).

Fig. 11 - Avenida Central do bairro Teotônio Vilela
Fonte: Moreira 2003

Fig. 12 - Construção de barraco no mangue

Fonte: Moreira (2003)

De acordo com a nossa pesquisa a maior parte das casas não dispunha, em 2003, de sanitários – as condições de higiene eram péssimas. Algumas famílias improvisavam banheiros e sanitários nos fundos das casas - um buraco no chão, protegido com uma cobertura de lona (figura 13). O pior caso nesse sentido é dos barracos localizados às margens do rio Fundão e nas áreas de manguezal, que possui o maior problema sanitário do bairro. Grande parte das moradias não tem acesso a instalações sanitárias adequadas e rede de esgoto. Nessas áreas os moradores lançavam seus dejetos no rio e no mangue (figura 14).

A rede de saneamento básico atende apenas cerca de 40% da demanda. Somente 34% dos domicílios pesquisados têm rede de esgoto sem tratamento, 66% não possuem sequer fossa séptica. . Os impactos dessa realidade são refletidos diretamente no solo e na água. A deposição de dejetos facilita a contaminação do lençol freático e do solo, por ser do tipo arenoso, permite uma maior infiltração de matéria orgânica patológica, facilitando a proliferação de vetores (insetos transmissores de doenças), colocando em risco, principalmente, a saúde das crianças. Segundo informações da

Secretaria de Saúde do Município, é bastante alto o índice de doenças de veiculação hídrica entre a população do bairro, consequência direta da ausência de saneamento básico. Fato que a própria Secretaria atribui à falta da intersetorialidade entre as demais Secretarias (MOREIRA, 2003).

Fig. 13 - Sanitário improvisado dentro do manguezal
Fonte: Moreira (2003)

Fig. 14 - Esgoto sem tratamento despejado no mangue
Fonte: Moreira (2003)

Considerando que uma habitação adequada deva ser construída atendendo aos padrões mínimos de habitabilidade, no sentido de não se limitar apenas a um teto, mas oferecer o mínimo de conforto e segurança aos seus usuários, pode-se afirmar que as características da maioria das habitações localizadas nas encostas, a beira do rio e no alto dos morros no Teotônio Vilela estavam longe de atender a esses requisitos. Inúmeras famílias se amontoavam em barracos. Vários destes ameaçam desabar e, mesmo assim, os moradores, por não terem outra opção, resistiam em abandoná-los. O quadro de miséria que se apresentava era espantoso. As condições internas dos barracos eram extremamente precárias e, em alguns casos, miseráveis. (MOREIRA, 2003).

Grande parte dessas habitações se localizava literalmente dentro do mangue - local de cheiro forte por causa da matéria orgânica em decomposição. O mangue, considerado um berçário do mar, é o *habitat* de um grande número de espécies da fauna marinha. Vários animais procuram essas áreas para se alimentar e reproduzir. Por isso, era comum a presença de caranguejos e outros animaizinhos típicos do mangue, subindo nas paredes das casas localizadas naquelas áreas. De acordo com Ferreira (2010),

...como essas áreas são insalubres, as famílias [...] são alvos de várias doenças, com ênfase às dificuldades respiratórias, além de inúmeras outras, pois, sem energia elétrica, abastecimento de água tratada, esgotamento sanitário e com raros contatos com a área médica, vivem jogados a própria sorte, misturados aos dejetos e caranguejos numa convivência que destrói a ambos⁴.

O bairro Teotônio Vilela, como já foi dito, foi planejado pelo poder público municipal, mas ao longo dos anos recebeu atenção mínima por parte do mesmo. Isso confirma a tese de que as forças políticas raramente costumam atuar em favor das áreas que abrigam a população pobre. Não se priorizam as necessidades da periferia pobre, tampouco da classe trabalhadora. No caso do bairro Teotônio Vilela o poder público municipal eliminar as contradições existentes no urbano, mas sim amenizá-las.

⁴ Fonte: Pactos & Impactos. Impactos ambientais dos manguezais de Ilhéus por Ed. Ferreira. Disponível em <http://pactoseimpactos.blogspot.com/2010/06/impactos-ambientais-dos-manguezais-de.html>. Acesso em 20/06/2010

Ilhéus conta com uma orla de aproximadamente cem quilômetros de praias e, são nessas áreas na qual se inclui o centro, que está o interesse da iniciativa privada e do setor imobiliário. O mangue é área insalubre para a ocupação humana e por isso se constitui um obstáculo expansão urbana, quando existem outras áreas livres, principalmente a beira mar. Matos e Vieira (1992, p. 28), assinalam que a orla e as áreas dotadas de melhor infraestrutura da cidade de Ilhéus estão ocupadas pela população de maior poder aquisitivo. Elas dizem que:

...as classes de nível mais alto ocupam preferencialmente as zonas mais planas do centro, Cidade Nova e faixas planas do litoral sul. A classe média predomina na maior parte do pontal, áreas mais baixas do Malhado [...]. Já as de nível econômico mais baixo habitam principalmente as encostas, margens dos rios, [...], além dos bairros Nelson Costa e Teotônio Vilela. (figura 16)

Ilhéus: planta da cidade, 2011.

Fig. 15 - Mapa de Arruamento de Ilhéus
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ilhéus 2011- adaptação

Alguns dos bairros ocupados pelas famílias de baixo poder aquisitivo, citados por Matos e Vieira (1992) localizam-se em espaços de manguezal, considerados de acordo Constituição Federal de 1988 áreas de preservação ambiental. Segundo Fidelman (2001) as áreas mais representativas do manguezal de Ilhéus estão localizadas na zona urbana, ao longo das margens e ilhas da porção estuarina dos rios: Cachoeira, Santana, Fundão e Almada, e numa dessas áreas está localizado, o bairro Teotônio Vilela.

Quando constatamos tal fato procuramos o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) para esclarecer a tal situação. Queríamos saber como um bairro tinha sido edificado e consolidado sobre o manguezal, o qual está protegido por lei. Para a nossa surpresa os representantes do IBAMA nos informaram que o caso do bairro Teotônio Vilela não era da responsabilidade deste órgão, cuja finalidade é, dentre outras atribuições federais, fiscalizar o patrimônio ambiental. Segundo o IBAMA, a ocupação do Teotônio Vilela era um problema de ordem social e, portanto, de responsabilidade da prefeitura municipal.

Buscamos então o Conselho do Meio Ambiente (CONDEMA) e, representantes da Secretaria de Meio Ambiente do Município, para tratar da questão. Em todos os órgãos procurados a resposta foi à mesma: trata-se de um problema de ordem ambiental, portanto, cabe ao IBAMA fiscalizar as ocupações irregulares nas áreas de preservação ambiental e não a prefeitura. Vale dizer, que segundo Farias e Lapa (1992, p. 41), o próprio poder público municipal foi o responsável pelo aterramento de extensas áreas de mangue na cidade para abrigar a população de baixa renda, como foi o caso do Teotônio Vilela e mesmo as áreas que foram ocupadas pela população de maneira irregular, posteriormente foram consolidadas pela prefeitura, com a instalação de alguns equipamentos urbanos (iluminação, transporte, rede de esgoto e calçamento). A estratégia era manter essas populações afastadas das áreas mais valorizadas (o centro e a orla).

D. Léia, outra moradora do Teotônio Viela, narrou as dificuldades de quem morava às margens do rio, nas áreas mais precárias e desassistidas pelo poder público local (figura 16). Ela disse:

eu moro aqui há três anos. Não temos água encanada e nem esgoto. Eu vivo aqui muito triste nestas condições. O prefeito devia tirar nós daqui, porque aqui é lugar dos caranguejos, dos bichinhos viverem e não de gente viver. Aqui não tem água

encanada. Tem esse poço aí. A gente dá banho nas crianças e elas ficam doentes. Essa semana eu levei uma das meninas no pronto socorro toda empolada. Essa água não é tratada e, quando chove, a água entra toda aí. Todo final de mês, a minha banca vive cheia de remédios. Sem ter condições de comprar, eu pego no posto. Só o mau cheiro que tem aqui por causa das fezes e do lixo é insuportável. Todo mundo joga lixo no mangue, eu também jogo.

Fig. 16 - Barraco onde vivia D. Léia - ocupação dentro do manguezal às margens do rio Fundão no Teotônio Vilela.
Fonte: Moreira (2003)

No depoimento, D. Leia revelou que ali onde vivia não tinha água encanada e tratada. Ela disse que tirava água, para o uso doméstico e higiene da família, de um poço. Fotografamos o poço que se localizava em frente ao barraco em que D. Léia vivia com quatro crianças e o marido. Um poço (figura 17) de aproximadamente cinco metros de profundidade, descoberto e sem nenhum tipo de trata.

Fig. 17 - Poço em frente ao barraco onde vivia D. Léia
Fonte: Moreira (2003)

No Teotônio Vilela, a presença de crianças na rua, de mulheres sentadas na calçada em frente as suas casas, as portas e janelas abertas davam a falsa impressão a quem por ali passava de uma vida bucólica. No entanto, um olhar mais atento constatava que as pessoas ficavam na calçada, porque na maioria dos casos a moradia se resumia a dois cômodos: um quarto e uma sala. E que as crianças brincavam nas ruas por falta de áreas de lazer. O Teotônio Vilela não dispunha de praças, jardins, parques, tampouco quadras poliesportivas. A única área de lazer dos moradores era um campinho de futebol improvisado em área de mangue desmatada, (figura 18).

Fig. 18 - Área de mangue desmatada
Fonte: Moreira (2003)

O Teotônio Vilela fica a aproximadamente quatro quilômetros do centro e apesar dos cem quilômetros de praias que Ilhéus dispõem, estas se constituíam uma opção de lazer apenas para aqueles que podiam se deslocar e tinham condição para pagar à passagem do ônibus coletivo. Algo bastante difícil para grande parte dos moradores do bairro que não dispunha de renda fixa, e outros tantos, cujos ganhos não ultrapassavam um salário mínimo⁵, Vale ressaltar que muitos destes trabalhadores ocupavam funções temporárias e sustentavam famílias de até dez pessoas (MOREIRA, 2003, p. 59).

Várias famílias conviviam com a insuficiência de serviços de saúde – havia apenas um posto médico para atender a toda população do bairro. O Teotônio Vilela se constituía um exemplo de que as áreas mais afastadas e densamente povoadas, ocupadas pelas populações mais pobres, ficam entregues ao descaso do poder público

⁵ O salário mínimo no ano de 2003 era de R\$ 240,00 (US\$ 80, 00) segundo medida provisória nº 116/2003, publicada no Diário Oficial da União em 03.04.2003.

(SPOSITO, 1997, p. 74). Os investimentos públicos, geralmente visam garantir a reprodução do capital. Este por sua vez, tem no espaço uma condição primordial de realização do ciclo de produção da mercadoria (CARLOS, 2010). Nesse processo o Teotônio Vilela se caracteriza como um fragmento da cidade fortemente impactado, espaço de uma ocupação caótica que não interessa ao capital produtivo.

Essa realidade não é exclusiva do Teotônio Vilela. Assim como em outras partes do Brasil e do mundo as áreas segregadas estão sendo conduzidas juntamente com sua população sob a égide perversa de um modelo de produção que para se reproduzir realiza um movimento de inclusão/exclusão. Essa contradição aparece na produção do espaço urbano. Trata-se da produção capitalista do espaço que, segundo Carlos (2001, p. 1) se realiza pela imposição de uma racionalidade técnica assentada nas necessidades impostas pelo desenvolvimento da acumulação, e ocorre sob a orientação do Estado, que produz o espaço enquanto condição da produção. Nesse processo o Teotônio Vilela, aparece como uma contradição da própria produção capitalista - um fragmento da cidade que não contempla as estratégias imobiliárias, mas ao mesmo tempo é produto destas.

Neste caso é preciso dizer que a concentração de pessoas numa área de manguezais, cortada por rios e cercada por morros e encostas, expõe à degradação humana aqueles que não dispõem de recursos para comprar um terreno, numa área que ofereça boas condições de habitabilidade. Isso se explica pela existência da propriedade privada do solo urbano - produto da expansão da urbanização capitalista apoiada na generalização do valor de troca no espaço, fazendo com que o acesso à cidade seja mediado necessariamente, pelo mercado imobiliário (CARLOS, 2007). E nesse processo de compra e venda de pedaços do espaço urbanizado⁶, os despossuídos estão incluídos de uma maneira cruel.

Resta-lhes apenas, ocupar os fragmentos do espaço da cidade desvalorizados, ou sem valor de troca, para os agentes imobiliários, pelo menos naquele momento. Como já dissemos, a carência de infraestrutura do Teotônio Vilela não tem nenhuma relação com a ausência de planejamento, mas sim com a intervenção do Estado no urbano que visa assegurar a reprodução do capital. Isso significa que em Ilhéus outros

⁶ Nesse caso me refiro aos equipamentos urbanos. - água, luz, calçamento e coleta de lixo.

pedaços da cidade estavam recebendo a atenção do poder público. Fato confirmado em depoimento por vários moradores do Teotônio Vilela.

D. Judite, já citada nesse texto, mencionou em depoimento que melhorias estavam sendo feitas no centro da cidade em função do turismo. Ela disse: “nosso bairro está bom, mas poderia ficar muito melhor se esses governos parassem de enfeitar o centro da cidade para os turistas e trabalhassem mais nos bairros pobres para o povo”. Outros moradores mencionaram melhorias na orla como: iluminação, jardinagem e segurança. Segundo os moradores do Teotônio Vilela alguns fragmentos da cidade estavam recebendo a atenção do poder público local em detrimento do bairro deles.

Cabe dizer que D. Judite não foi a única a mencionar o turismo em seu depoimento, outras 60 pessoas de um total de 200, também falaram a respeito dessa atividade. Outro dado que coletamos diz respeito à ocupação dos moradores do bairro. Após a análise desses dados constatamos que 29%, dentre as 200 famílias dos entrevistados exerciam alguma atividade temporária diretamente ligada ao turismo (vendedor ambulante nas praias, empregados em quiosques, garçons, cozinheiras faxineiras e camareiras em hotéis e pousadas da cidade) (MOREIRA, 2003). Vários moradores do Teotônio Vilela, nas entrevistas, mencionaram o turismo como uma atividade presente no seu dia a dia. Resgatamos aqui alguns desses depoimentos coletados no ano de 2002. O senhor José dos Santos, morador do bairro há mais de vinte anos, relatou:

...estou desempregado, a única alternativa que me resta é trabalhar nas praias vendendo óculos, chapéu e canga para os turistas. Mas só vendo na temporada. O movimento depois das férias e do carnaval é muito fraco. Daí eu faço uns bicos pra não deixar faltar nada em casa Minha esposa faz faxina numa pousada lá para os lados do aeroporto.

Maria do Céu – uma jovem de 19 anos, mãe de três crianças nos disse que trabalha de ajudante de cozinha num quiosque da praia há três meses. Ela relatou:

...meu marido foi embora pra São Paulo atrás de trabalho. Por causa da crise. Aqui não tem emprego pra todo mundo. Eu fiquei com os meninos. Mas o dinheiro que ele manda é pouco. Eu trabalhava numa casa de família, mas fui mandada embora. Então uma amiga me falou do quiosque eu fui lá e arrumei um trabalho de ajudante, mas é só nos finais de semana e dias de

movimento que dá muito turista Meus meninos ficam trancados em casa, pra eu trabalhar, pois não tenho com quem deixar. A vizinha dá uma olhada pra mim.

O depoimento de Maria do Céu aponta uma tendência populacional ainda em vigor: os trabalhadores menos qualificados migram para os grandes centros, enquanto os de maior escolaridade estão saindo dos grandes centros urbanos, uma tendência que reflete a dinâmica da economia do país. .

Outro relato importante é de Nelson dos Santos – um senhor de 49 anos de idade dono de uma barraquinha de bebidas na praia. Ele diz:

...moro aqui a mais de 20 anos, tenho cinco filhos e todos eles nasceram aqui. Vim pra cá, por não ter condições de comprar uma casa em outro bairro. Quando eu cheguei aqui era bem pior, aqui não tinha quase nada, pouca coisa mudou, mas, agora já tem escolas e posto de saúde. O pior de tudo é o desemprego. Os meninos terminam os estudos e não tem no que trabalhar. Tudo ficou pior depois da crise. As roças de cacau acabaram e muita gente ficou sem trabalho. Eu sempre morei aqui, mas tenho parentes que moravam na roça. Eu trabalhei no comércio muitos anos, mas fui mandado embora. Então comprei um carrinho e vendo bebidas na praia. O movimento é bom quando tem muito turista. Agora tem muito gringo e gente de São Paulo. Só fica ruim quando chove.

D. Inez de Sousa e D. Etelvina Silva comentaram sobre as dificuldades enfrentadas por aqueles que dependem de empregos temporários. Elas relataram:

...eu trabalho de cozinheira, mas a situação está difícil, a gente só tem emprego certo na temporada do fim do ano, às vezes no carnaval. Já tentei trabalhar de doméstica, mas o ganho é pouco menos de um salário e a gente gasta quase tudo com ônibus - o que sobra é muito pouco. A maior parte do ano, a gente não tem dinheiro pra nada. É muita dificuldade.

...Os empregos aqui só duram, no máximo, três meses. O resto do ano, a gente é obrigada a fazer bicos para sobreviver e até isso não está fácil. No carnaval, eu e meus filhos trabalhamos na praia vendendo cocada, mas quando o turista vai embora, a gente não vende nada.

Tudo isso nos levou a pensar que havia uma lacuna no processo de descoberta que precisava ser investigada. Fato que provocou uma inquietação relativa à busca pelo entendimento dos processos que estavam conduzindo à reprodução do espaço urbano de Ilhéus. É preciso lembrar que o Teotônio Vilela só faz sentido na relação com Ilhéus, portanto, entender as transformações daquele bairro implicava antes de tudo, entender as transformações socioespaciais da própria cidade e as consequências desse processo.

Ilhéus teve seu espaço produzido pelo cacau e para o cacau, mas com a crise outra(s) atividade(s) estava(m) em curso e certamente reproduzindo o espaço da cidade. No próximo capítulo vamos considerar como o turismo entra nesse processo de transformação e (re)produção espacial de Ilhéus. O que nos coloca diante da necessidade de aprofundar a ideia de que esse processo se realiza reproduzindo a cidade tornada mercadoria no curso do processo de reprodução do capital.

2. ILHÉUS: DE ESPAÇO DO CACAU A ESPAÇO DO TURISMO

Uma digressão histórica sobre o processo de produção e reprodução socioespacial de Ilhéus nos auxiliará a compreender porque esta cidade que surge subordinada ao campo, sai da categoria de espaço do cacau e passa a condição de espaço do turismo. Gostaríamos de esclarecer que optamos por apresentar um texto que, embora não fuja completamente ao linear, traz a baila da história de Ilhéus, apenas elementos de sua dinâmica que possam contribuir na compreensão dos vários processos que se sucederam geograficamente, principalmente os elementos que hoje contribuem para as transformações socioespaciais da cidade. Tal procedimento pode nos auxiliar a entender que todo espaço é produto do processo de trabalho da sociedade e deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio circundante (CARLOS, 1997, p. 15).

Em Ilhéus, campo e cidade sempre estiveram articulados e se complementaram. Parte da infraestrutura construída na cidade (estradas de ferro, vias de acesso, porto, saneamento, iluminação entre outros) se deu para o cacau e pelo cacau, até os anos de 1990, período em que uma forte crise do sistema produtivo regional baseado na monocultura do cacau sofreu um colapso fulminante, abalando as estruturas do modelo agrário - exportador regional.

Com isso, Ilhéus, onde se tinha o olhar fixo para o mercado externo, hoje, tem-se-a busca no seu próprio espaço dos elementos necessários à superação da estagnação econômica que toda a região cacaueira mergulhou desde a última crise. Nas palavras de Soares (2008, p. 66), a cidade de Ilhéus já foi “um lugar de ricos casarões que serviram de antessala para apresentar a força do cacau. Hoje, expõe a sua própria história, rascunhada em folhetos promocionais que exaltam o passado do cacau para promover o turismo”. A partir daqui, vamos mostrar como se deu parte desse processo, bem como suas implicações e desdobramentos. Vale dizer, que o turismo não é uma atividade que surge em Ilhéus a partir da crise do cacau. O que ocorre na realidade é um processo de resignificação dessa atividade, não só em Ilhéus, mas em todo o território brasileiro.

2.1 - Ilhéus: espaço produzido e reproduzido pelo e para o cacau

Pensar Ilhéus pelo cacau nos remete ao século XVIII, período em que foram introduzidas na região Sul da Bahia as primeiras sementes de cacau - árvore nativa da Amazônia, doadas pelo francês Louis Frederic Warneaux ao português Antônio Dias Ribeiro. As condições de solo e clima foram determinantes no cultivo do cacau que encontrou um habitat perfeito graças aos ricos solos de massapê⁷ e a umidade ambiental, resultante de chuvas muito frequentes. No entanto, a lavoura cacaueira só passou a existir como atividade econômica organizada no final do século XIX, mesmo período em que segundo a literatura, a Vila - sede de São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade.

Nessa época, a cidade de Ilhéus já possuía cento e vinte casas de comércio e estabelecimentos industriais, duas escolas primárias, duas farmácias e algumas igrejas como a Matriz de São Jorge (figura 19), a Capela de São Sebastião (figura 20) e a Capela de Nossa Senhora da Vitória (figura 21) (OLIVEIRA, 2008). Todas essas igrejas, hoje fazem parte do circuito turístico de Ilhéus. A visita a esses templos está incluída nos pacotes de viagem que vendem Ilhéus como destino turístico.

Fig. 19 - Igreja Matriz de São Jorge
Foto José Nazal Soub - 2010

⁷ Solos, férteis e escuros, que tem grande quantidade de argila

Fig. 20 - Capela de São Sebastião - 1927
Foto José Nazal Soub - 2010

Fig. 21 - Capela de Nossa Senhora da Vitória.
Foto José Nazal Soub - 2010

No século XIX a população de Ilhéus estava estimada em 1.042 habitantes (OLIVEIRA, 2008, p. 73). Foi também no século XIX que a iluminação pública a querosene chegou a Ilhéus. Para tanto, foram instalados na cidade quarenta lampiões belgas sobre postes de ferro (ANDRADE, 2003). A cidade de Ilhéus florescia em consequência, principalmente, do desenvolvimento do comércio e da urbanização graças à expansão da lavoura cacaueira.

Estudos revelam que esta atividade suplantou as demais em todo estado da Bahia. De acordo com Brito (2000, p. 52), desde os fins do século XIX, a lavoura cacaueira já se constituía no motor de engrenagem da economia de todo sul baiano. Foi com esta característica que o cacau entrou no século XX, ou seja, como uma atividade econômica dinâmica e próspera. Sales (1981, p.14), assina-la que “em 1904, o cacau se tornou o primeiro produto da pauta de exportações da Bahia e o principal sustentáculo regional”.

O forte apelo econômico da lavoura cacaueira fez com que as fazendas de cacau se multiplicassem rapidamente, resultando no estabelecimento de imensas plantações em fazendas que se espalharam por toda a região. A cultura do cacau extrapolou as fronteiras e foi rapidamente absorvida pelo mercado externo, tornando-se a base econômica do Sul da Bahia. Para se ter uma ideia do que isso significou, Brito (2000, p. 40), assinala que:

...o sul da Bahia chegou a ser responsável por 40% da atividade financeira do estado. O lucro gerado nesta lavoura foi inegável. Refletiu-se em todo o interior e capital. O desenvolvimento regional, principalmente a partir da década final do século XIX, vai criar estímulos e condições de integração da região ao sistema econômico do Estado. A partir daí o cacau assume a posição de produto gerador de rendas e torna-se cultura dominante.

Segundo Fontes (2001, p. 24), o escritor Adonias Filho, em sua obra “Sul da Bahia: chão de cacau” descreve este ciclo utilizando a expressão *civilização baiana do cacau*, demonstrando todo o poderio decorrente dessa lavoura. Na medida em que a lavoura cacaueira se expandia, exigia muita mão de obra no campo, fato que implicava na absorção de milhares de trabalhadores rurais, mas, em contrapartida, tornava a terra fértil uma mercadoria de alto valor comercial, acentuando a já histórica concentração de terras na região. Vale lembrar que desde 1850, a Lei de Terras já definia que classe social teria acesso à propriedade da terra. Como diz Rodrigues (1997, p. 17):

...com a Lei de setembro de 1850, conhecida como a Lei das Terras, só quem podia pagar era reconhecido como proprietário juridicamente definido em lei. Além do valor moral, a propriedade como ocorreria anteriormente – tinha também valor econômico e social. O capital se desenvolveu e impôs politicamente o reconhecimento da propriedade privada da terra.

A Lei de Terras firmou o reconhecimento da propriedade privada no século XIX e a lavoura cacauera definiu o alto valor comercial da terra em Ilhéus. Sobre esta realidade que se arrastou pelos séculos afora, Cruz (2011, p.1) assinala que: “as fazendas de Ilhéus estavam entre as propriedades mais caras da Bahia e chegou a alcançar a oitava posição no *ranke* nacional de acordo com o Censo”. Diante dessa realidade restava aos pobres do campo trabalhar nas lavouras de cacau, que, aliás, só se expandiam e atraíam cada vez mais trabalhadores e comerciantes de vários lugares do país e até do mundo. Com isso, a população de Ilhéus cresceu e chegou ao século XX, mais precisamente à década de 1920 com uma população estimada em 64 mil habitantes. Conforme Soares (2008, p. 67),

...desde sua instalação como município, em 1881, a principal cidade da Região Cacaueira. Condição que se consolidou nas primeiras décadas do século XX, quando a expansão da lavoura de cacau atraiu grandes contingentes populacionais para a região, sobretudo, devido à necessidade de mão de obra para a colheita e para o beneficiamento do cacau, levando a população de Ilhéus em 1920 a 64 mil habitantes.

De acordo com Oliveira (2008, p.73) deste total, 13.972 era de população urbana. Um aumento considerável se compararmos com os anos de 1890, cujo número de habitantes era de apenas 1.042 (ARARIPE, 1969). Esses autores afirmam que com esse aumento populacional, vieram também os problemas na cidade, principalmente, relacionados à falta de moradia. Oliveira (2008) e Araripe (1969) atribuem tais problemas ao aumento de habitantes na cidade. Esses estudos não levam em conta a situação social precária, a miséria e a má distribuição de renda. O déficit habitacional se explica pelo fato de que parte dos habitantes de Ilhéus não dispunha dos meios necessários para a aquisição da casa própria. De acordo com Alves, (2010, p.16),

...a compra de uma parcela do espaço, construído socialmente, coloca-se como a condição, enxergada por todos, para a

obtenção da moradia, já que outras possibilidades não são apresentadas. O direito ao morar é transformado na possibilidade da compra de uma propriedade. O direito ao uso, à apropriação do espaço reverte-se na compra de uma propriedade privada do solo, no domínio espacial.

Além disso, “a terra urbana e as edificações sobre ela também integram as mercadorias do modo de produção capitalista. Portanto, o preço da terra urbana é definido diferencialmente pela localização”. (RODRIGUES, 1997). No caso da crise habitacional que se instalou em Ilhéus, a solução buscada, pelo poder público local para atender parte dessa população, foi desapropriar e lotear algumas propriedades na cidade. De acordo com Oliveira (2008), o Intendente Mário Pessoa (1924 - 1927) mandou lotear a antiga fazenda Opaba, (atual bairro Cidade Nova) e distribuiu esses lotes as famílias carentes.

No século XX, de acordo Campos (1981, p.328), teve início a remodelação da cidade com o alinhamento e o calçamento moderno de ruas e praças, bem como o ajardinamento destas. Além disso, foram inaugurados o serviço de abastecimento de água encanada, a iluminação elétrica, serviço de esgotos e a construção do grupo escolar. Em 1913, foi inaugurado o trecho até Itabuna da estrada de ferro em uma extensão de 59 km (ALBAGLI, 1999).

Em 1915, a cidade já tinha 22 ruas e oito praças. É também dessa época o “Cine Teatro Ilhéos” (figura 22), considerado a maior casa de espetáculos da cidade da ocasião. O teatro Ilhéus foi descrito, pelos jornais da ocasião, como uma vila artística com um imenso número de artistas vindos de várias partes do Brasil e do mundo. Naquele período, o Teatro recebeu companhias famosas, artistas consagrados, cantores clássicos e bailarinos, fato que promoveu Ilhéus a condição de grande centro cultural do interior da Bahia (SOUB, 2010).

Fig. 22 - Cine Teatro Ilhéus
Fonte: Associação de Turismo de Ilhéus

Enquanto o cacau impulsionava o crescimento socioeconômico de Ilhéus, novos equipamentos urbanos eram implantados na cidade (calçamento das ruas, ajardinamento das praças, entre outros). Esse aparelhamento não tinha apenas uma conotação de novidade. Eles implicavam em transformações, não só da morfologia espacial, mas, principalmente, no modo de vida da população. As praças se tornaram local de encontro, principalmente nos fins de tarde e finais de semana das diferentes classes sociais. A elite cacaueira formada por ricos coronéis frequentavam as praças, principalmente para discutir o preço do cacau no mercado externo (Soares, 2008). Todos comentavam o progresso da cidade em razão do sucesso da lavoura cacaueira. Sobre esse período, Jorge Amado (1975, p. 11) assinala que:

...progresso era a palavra que se ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. Aparecia nas colunas dos jornais, no quotidiano e nos semanários, surgia nas discussões na Papelaria Modelo, nos bares, nos cabarés. Os ilheenses repetiam-na a propósito das novas ruas, das praças ajardinadas, dos edifícios no centro comercial e faz residências modernas na praia, das oficinas do diário de Ilhéus, das marinetes saindo pela manhã e tarde para Itabuna dos caminhões transportando cacau, dos cabarés iluminados, do novo Cine – Teatro Ilhéus, do campo de futebol, do colégio do Dr. Enoch, dos conferencistas esfomeados vindos da Bahia e até do Rio, do Clube Progresso com seus chás - dançantes. É o progresso! Diziam – no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos. Havia um ar de prosperidade em toda parte, vertiginoso crescimento.

Este mesmo autor ainda acrescenta:

Abriram-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construíram-se casas, sobrados, palacetes. Os alugueis subiam, no centro comercial atingiam preços absurdos. Bancos do Sul abriam agências, o Banco do Brasil edificará prédio novo, de quatro andares, uma beleza! A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que caracteriza no tempo da conquista da terra: fazendeiro montados a cavalo, de revolver à cinta, [...] jagunços [...] atravessando ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de permanente poeira, tiros enchendo de susto as noites intranquilas, mascates exibindo suas malas nas calçadas. Tudo isso acabava, a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios. Terras de pouca religião orgulhavam-se, no entanto com a promoção da diocese, e recebera entre inesquecíveis festas o primeiro bispo. Fazendeiros, exportadores, banqueiros, comerciante, todos deram dinheiro para a construção do colégio das freiras, destinado às moças ilheenses e ao palácio diocesano, ambos no alto da conquista. (AMADO, 1975, p. 11)

Apesar da lavoura cacaueira ter contribuído para transformar Ilhéus no centro urbano da região, concentrando a prestação de serviços e o comércio, até meados do século XIX a cidade não dispunha de uma base adequada para o transporte desse produto. Não existiam rodovias, a exportação de cacau era feita pelo porto de

Salvador, porque o porto de Ilhéus tinha instalações precárias o que dificultava o embarque e implicava diretamente na perda de qualidade e consequentemente do valor final do produto. Campos (1981, p. 386) assinala que o porto de Ilhéus não dispunha de boas condições para permitir o acesso de grandes navios, sendo o porto de Salvador o intermediário das exportações do cacau. Ele diz que para resolver o problema:

...em 1911, o capitalista Bento Berilo de Oliveira firmou contrato com o município para construir um cais e uma ponte de embarque. Em 1923, conseguiu a autorização do governo federal, depois de ter aterrado 70.000 metros quadrados de área, construindo 750 metros de cais, armazéns e uma linha férrea ao longo do cais.

Segundo a Companhia das Docas do Estado da Bahia (CODEBA, 2011) em 1919 teve início a construção do cais de saneamento e da primeira ponte de acostagem, sendo inaugurados em 1920 (figura 23). Neste mesmo ano a municipalidade transferiu a concessão à Companhia Industrial de Ilhéus, que deu prosseguimento à execução do cais e dos armazéns. Esta empresa administrou o porto de Ilhéus por mais de meio século. Em 1924, os cacaucultores iniciaram com recursos próprios, a construção do porto de Ilhéus, na Foz do Rio Cachoeira. Em 1926, ocorreu o primeiro embarque de cacau, pelo navio Falco, de bandeira sueca.

Fig. 23 - Porto de Ilhéus na década de 1920
Foto José Nazal Soub - 2010

Com passar dos anos o porto foi apresentando deficiências. Além de se localizar numa área sujeita à formação de bancos de areia a profundidade do seu canal de acesso se apresentava irregular. Jorge Amado registrou tais condições do porto em sua obra intitulada “Gabriela Cravo e Canela”. Ele disse:

...barra difícil e perigosa, aquela de Ilhéus, apertada entre o morro do Unhão, na cidade, e o morro de Pernambuco, numa ilha ao lado do Pontal. Canal estreito e pouco profundo, de areia movendo-se continuamente, a cada maré. Era frequente o encalhe de navios, por vezes demoravam um dia para libertar-se. Os grandes paquetes não se atreviam a cruzar a barra assustadora apesar do magnífico ancoradouro de Ilhéus. [...]

Ilhéus produz uma grande parte do cacau que se consome no mundo, tem um porto de primeira, e, no entanto, a renda da exportação do cacau fica é na cidade da Bahia⁸. Tudo por causa dessa maldita barra. (AMADO, 1975, p. 28/29)

Tais fatores colaboraram para a substituição das antigas instalações por outras novas numa outra área da cidade. Isso ocorreu na década de 1940. Mas o novo porto só foi inaugurado na década de 1970 (figura 24). A construção do novo porto implicou em transformações importantes não só na morfologia da cidade, mas também no cotidiano das pessoas. Sobre isso, Filho e Simões (2003) assinalam que: as obras da barra e a mudança de localização do porto de Ilhéus são fatores que alteraram a cidade não só fisicamente, mas também economicamente, além de terem modificado o trânsito urbano e a ideologia da população. Sobre as obras da Barra Jorge Amado assinala que:

...Ilhéus inteira vivia os trabalhos da barra. Além dos escafandristas, as máquinas instaladas nas dragas causavam admiração e espanto, a remover a areia, a rasgar o fundo da barra, a abrir e ampliar canais. Num ruído de terremoto, como se estivessem revolvendo a própria vida da cidade, modificando-a para sempre (AMADO, 1975, p.256).

⁸ O autor se referia a cidade de Salvador – capital do Estado da Bahia.

Fig. 24 - Antigo porto de Ilhéus -1970
Foto José Nazal Soub - 2010

Vale dizer que em consequência do aumento das exportações de cacau vieram à baila alguns problemas, com a chegada de navios de grande calado, pois o porto tinha pouca profundidade, pouca largura e uma pequena bacia de evolução (OLIVEIRA E SANTOS, 2009). A solução buscada foi a construção de um novo porto e não a reestruturação do antigo. De acordo com Filho e Simões (2003, p. 9),

...a localização do porto de Ilhéus acabou tornando-se um problema para toda a sociedade ilheense. Vieram, assim, as obras de mudança do porto de Ilhéus, que acabou sendo construído no Malhado, local mais propício e em mar aberto (figura 26)

Fig. 25 – Vista área do Porto de Ilhéus, em sua localização atual

Fonte: CODEBA. Disponível em: <http://intranet.codeba.com.br/img/ilhfot1.jpg>. Data de acesso: 25/06/2010

A construção do novo porto foi causa e consequência de significativas mudanças em socioespaciais em Ilhéus. Sobre o novo porto e suas consequências, Filho e Simões (2003, p. 9), assinalam que:

...essa foi uma vitória da modernização ilheense, um feito que transformou todo o comportamento da sociedade. O trânsito comum em torno do porto deixou de existir com a mudança de localização, [...] a construção da Avenida Dois de Julho (que juntamente com o aparecimento das lojas industrializadas causou o fim do antigo mercado de Ilhéus).

A construção do novo porto implicou também na remoção de favelas tais como a favela de areia habitada por pescadores na restinga do bairro São Miguel. De acordo com Vidal (2009, p. 63) “esta favela desapareceu [...] restam no local alguns casebres

de tábua em meio às casas de veraneio, que foram construídas e que estão também ameaçadas pelo avanço do mar”. A particularidade do porto do Malhado é que este foi o primeiro a ser construído em mar aberto no Brasil. O porto de Ilhéus está localizado na área urbana, mais especificamente no final da Avenida Soares Lopes no bairro Cidade Novo. Como é um porto de mar aberto apenas a entrada está localizada em terra firme (figura 26).

Fig. 26 - Entrada do porto de Ilhéus: vista da cidade
Fonte: Geraldo Borges (CEDOC/UESC)

Por ser uma cidade portuária, Ilhéus teve a característica econômica e estrutural considerada na formulação de seu espaço físico, não como cidade produtora, mas sim, como um centro comercial e institucional da economia cacaueira (VIDAL, 2009, p. 63). De acordo com Oliveira e Santos (2010), o desenvolvimento urbano da cidade de Ilhéus ocorreu principalmente com as transformações urbanas ocorridas na zona portuária da cidade.

Hoje em dia, o porto de Ilhéus não se restringe ao transporte de cargas. O porto que sempre esteve vinculado à lavoura cacaueira, hoje se adequa as necessidades de expansão do turismo. Vários transatlânticos (figura 27) aportam na cidade durante a temporada de cruzeiros, trazendo centenas de turistas a cidade⁹ (figura 28 e 29).

Fig. 27 - Transatlântico aportado em Ilhéus
Fonte: Secretaria de Turismo de Ilhéus - 2010

⁹ De acordo com a Secretaria de Turismo de Ilhéus, na temporada de 2010 A cidade recebeu mais de 100 mil turistas de transatlânticos. Cada turista gasta, em média, 50 dólares. “A maior parte desse valor é usado com transporte, alimentação e compra de souvenirs.”

Fig. 28 - Turistas dos transatlânticos sendo recepcionados em Ilhéus.
Fonte: Secretaria de Turismo de Ilhéus - 2010

Fig. 29 - Turistas dos transatlânticos em Ilhéus.
Fonte: Secretaria de Turismo de Ilhéus - 2010

De acordo com Maurício Torres (chefe de Serviços Turísticos) ¹⁰, toda uma estrutura é montada pela Secretaria Municipal de Turismo para recepcionar os turistas que são recebidos por atores caracterizados de personagens do romance de Jorge Amado (Gabriela Cravo e Canela), tais como o turco Nacib e Gabriela, além de grupos afro e baianas que distribuem fitinhas de São Jorge dos Ilhéus aos cruzeiristas. A estratégia é criar no turista expectativas sobre o lugar. Despertar o desejo de conhecer a história e entrar em contato com a cultura local.

Segundo Maurício Torres, que comanda o evento, o receptivo é a vitrine da cidade. A estratégia é mercadológica, pois visa acima de tudo além da exposição à valorização de seus “produtos”. Nesse caso, principalmente a cultura que é vendida com um produto. Para Maurício Torres, hoje os cruzeiros movimentam de forma significativa não só o turismo local, mas principalmente a economia do município. Entretanto, não mobilizam os hotéis da cidade, pois os navios possuem em estrutura completa que compreende hospedagem, alimentação lazer e outros serviços.

Por isso, os hotéis, sobretudo aqueles que se localizam nas proximidades do porto oferecem o 'day use' (utilização do hotel pelo dia, não pernoitado) para aqueles que, mediante o pagamento de uma taxa, possam usufruir de piscinas, sauna, restaurantes, bares, internet e telefones de suas instalações nas horas que passam em terra.

Vários hotéis se localizam nas proximidades do porto, não pelo turismo, mas porque de acordo com Magalhães, (2006), os hotéis situados no centro da cidade se voltaram no passado para um atendimento exclusivo ao movimento portuário. Alguns dos hotéis situados na região central datam do século XIX. É dessa época a construção do “Ilhéos (grafia da época) hotel”¹¹ (figura 30) de propriedade do coronel Misael Tavares – considerado um grande empreendedor na região. O Coronel Misael

¹⁰ Informações coletadas em entrevista cedida pelo chefe de serviços turísticos, Maurício Torres em Janeiro de 2010.

¹¹ Em março de 1928, foi promulgada uma Lei municipal concedendo isenção de taxas, por dez anos, à empresa que instalasse um hotel de primeira ordem em prédio amplo, higiênico e moderno. O prédio, localizado entre o cais do antigo porto e a Rua Eustáquio Bastos, que ocupa quase um quarteirão inteiro, foi construído pela empresa Emílio Odebrecht & Cia., com uma área construída de 2.502 m². [...]. As paredes do andar térreo possuem vigas inclinadas para compensar o esforço exercido nos salões do primeiro andar, não só pelo grande vão livre, como também por causa da carga móvel, representada pelas pessoas em dia de festa. Foi o primeiro prédio com elevador da cidade. Constitui-se em um modelo Otis importado da Inglaterra, que funciona até hoje.

Tavares conhecido como “Rei do Cacau”, além de ser proprietário de vários imóveis na cidade, se associou com várias empresas para criar diversos empreendimentos regionais. Dentre eles se destacam: a primeira Indústria de Cacau do Brasil, a Empresa de Água, e a Companhia Industrial. De acordo com o jornal a Tribuna:

Misael Tavares foi considerado o maior capitalista do sul da Bahia. Quase todos os empreendimentos que levaram Ilhéus ao desenvolvimento tiveram a participação do Coronel Misael, com destaque para o porto, calçamento de ruas, serviço de água e esgoto, exportação de cacau, estrada de ferro, dentre outros¹².

Fig. 30 - Ilhéus Hotel – 1930
Fonte: Jornal A Tribuna - 2010

¹² Fonte: Jornal A Tribuna. Disponível em: <http://www.atribunabahia.com.br/quem-somos.php>. Acesso em 21/02 /11

Em 1921, foi inaugurado o saneamento básico da cidade, os esgotos passaram a funcionar. São ajardinadas todas as praças da cidade, arborizados os logradouros públicos e reiniciados os serviços de recalçamento das ruas (CAMPOS, 1981). Também foram construídos vários edifícios que abrigam igrejas, comércios e prédios públicos na área central da cidade.

São dessa época o conjunto arquitetônico do Instituto Nossa Senhora da Piedade (figura 31), construído em 1928 pela Irmandade das Ursulinas Francesas em estilo gótico, considerado um dos principais cartões postais de Ilhéus. E do mesmo período a matriz de São Jorge que abriga um dos mais ricos Museus Sacros do País, tendo ao lado, o Palácio Misael Tavares (figura 33), considerado um dos maiores símbolos do coronelismo regional. Esses edifícios são considerados em seu conjunto a maior riqueza arquitetônica de Ilhéus diretamente ligada à “época de ouro” da lavoura cacaueteira.

Fig. 31 - Instituto Nossa Senhora da Piedade

Fonte: Colégio Nossa Senhora da Piedade Disponível em

http://br.olhares.com/colégio_nossa_senhora_da_piedade_ilheus_ba_foto3404464.html. Acesso em 12/06/2010

Fig. 32 - Palácio Misael Tavares
Foto José Nazal Soub - 2010

Este prédio, inspirado no Palácio do Catete, foi construído em 1914 pelo coronel Misael Tavares que também apoiou a construção da Catedral de São Sebastião (figura 33), um prédio construído em estilo Eclético nos anos de 1930, mas concluído em 1967. De acordo com a Secretaria de Turismo de Ilhéus, essa catedral é uma espécie de símbolo do centro histórico de Ilhéus - principal atrativo turístico da cidade.

Fig. 33 - Catedral de São Sebastião
Foto: Moreira 2011

Outros prédios que datam dessa época são: O Bataclan¹³, hoje refuncionalizado, abriga um Centro Cultural (figura 34), o prédio da Biblioteca Adonias Filho, construído em 1915, abrigou a primeira escola pública municipal. (Fig. 35) a Casa dos Artistas (figura 36), a Igreja de Santana, em Rio do Engenho (Fig. 37),

¹³ O antigo cabaré era cassino frequentado pelos coronéis do cacau, mas entrou em decadência com a proibição do jogo no país. O Bataclan foi reaberto em 2004, mas com uma nova função. Foi transformado num Centro Cultural. O espaço do antigo bordel abriga restaurante, choperia, cybercafé, charutaria e um salão para exposições, saraus, apresentações teatrais e shows. A fachada do bordel foi mantida com algumas pequenas modificações. O quarto da cafetina Maria Machadão – proprietária do bordel na época se transformou num cenário

uma das mais antigas do Brasil, tombada pelo Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Brasil e o Bar Vesúvio (figura 38), tombado pela prefeitura.

Fig. 34 - Bataclan
Fonte: Moreira 2011

Fig. 35 - Biblioteca Adonais Filho - 2009
Fonte: www.Ilheusamado.com.br - Acesso em 20/05/2009

Fig. 36 - Casa dos Artistas
Foto: Moreira 2011

Fig. 37 - Igreja de Santana, em Rio do Engenho.
Foto José Nazal Soub - 2010

Fig. 38 - Bar Vesúvio no centro de Ilhéus
Foto: Moreira, 2011

Esse bar serviu de cenário para o romance *Gabriela Cravo a Canela* do escritor Jorge Amado. Além disso, foi também ponto de encontro dos principais “coronéis do cacau” – grandes produtores de cacau que exerciam ampla influência política na região. Hoje, o bar está sob a responsabilidade do grupo suíço *Brahold*, que o adquiriu na década de 1980. O Vesúvio é mais um atrativo turístico do centro histórico de Ilhéus.

A riqueza produzida pelo cacau estimulou, dentre outras coisas, a “europeização” da cidade. O coronel Misael Tavares já citado neste texto mandou calçar com pedras importadas da Inglaterra três quarteirões da Rua Antonio Lavigne de Lemos com um paralelepípedo azul-cobalto (figura 39). Até hoje quem passa pela

rua vê as pedras, cuidadosamente cortadas e calçadas. A cor ainda chama a atenção, principalmente quando reflete o sol¹⁴.

Fig. 39 - Rua Antonio Lavigne de Lemos calçada com paralelepípedo azul-cobalto.
Foto: Moreira 2011

Também foram importadas da Europa, estátuas em mármore para ornamentar praças e logradouros da cidade. Como exemplo podemos citar a estátua de “Sapho”¹⁵ (figura 40) localizada em frente ao Palácio Paranaguá (figura 41), sede do governo municipal.

¹⁴ Matéria do CORREIO BRASILIENSE - 31/08/2005. Disponível em <http://www.correioweb.com.br/>. Data de acesso 16/ 08/ 2010

¹⁵ A estátua de Sapho é uma peça rara, muito bonita, que desperta a curiosidade dos estudiosos, sendo, por este motivo, alvo de enormes interrogações. Por que em Ilhéus? O que se sabe é que ela foi arrematada em leilão pelo Prefeito Mário Pessoa, no seu primeiro governo (1924-1928), pois era a mais bonita que havia no navio. Ela é entalhada em mármore de Carrara e tem estilo neoclássico do início do século XX. Fonte: Ilhéus com amor. Disponível em <http://ilheuscomamor.wordpress.com/>. Data de acesso 15/12/2010

Fig. 40 - Estátua de Sapho
Fonte: www.Ilheusamado.com.br. Acesso 20/05/10

Fig. 41 - Palácio Paranaguá – atual prédio da Prefeitura Municipal de Ilhéus
Foto: Moreira 2011

Na década de 1920, o espaço de Ilhéus experimentou uma série de transformações socioespaciais, pois foi o período áureo do cacau. De acordo com Oliveira (2008), entre os anos de 1924 - 1927 muitas obras de urbanização foram realizadas em Ilhéus. Podem se destacar: o levantamento cadastral da cidade e de seus arredores; a elaboração do primeiro código de posturas municipais com detalhamento na parte de saneamento; o calçamento de mais de 10.000 m² de logradouros públicos; a construção do trecho inicial da Avenida Álvares Cabral (atual Soares Lopes) e a Avenida Dois de Julho; melhoramentos na Praça Antônio Pessoa, Visconde de Cairú e Rio Branco e construção das praças Rui Barbosa e Luiz Viana.

Essas obras são bastante expressivas para reinterpretar o espaço da cidade de Ilhéus. Servem também para mostrar um dos aspectos da atuação do poder público na questão da infraestrutura: garantir os equipamentos urbanos pelas necessidades de reprodução do capital produtivo e não a reprodução da vida e da força de trabalho.

Nos anos de 1930, apesar da crise mundial, Ilhéus continuou crescendo junto com a lavoura cacaueira. De acordo com Soares (2008 p. 69-70).

Nos primeiros anos da década de 1930, a produção e exportação de cacau cresceram significativamente, [...]. Um crescimento acompanhado por uma série de investimentos em infraestrutura, dentre os quais se destaca, [...] a abertura de vias ligando os núcleos produtivos [...] estendendo-se para o interior. Era a necessidade de tornar a região mais fluida, estender as plantações para as áreas distantes do litoral [...] e, ao mesmo tempo criar facilidades de escoamento da produção cacaueira para o porto de Ilhéus.

De fato, este período foi identificado como o da consolidação e apogeu da cacaucultura. Mas, segundo Baiardi (1984), a crise de 1929 e seus reflexos nos anos seguintes, acompanhada das dificuldades de exportação nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, foram às causas decisivas para a desestruturação regional naquela época. Este autor denomina esta fase de “crise da produtividade e de realização”, (OLIVEIRA, 2008). A região foi atingida pelos desdobramentos da crise de 1929 e, no plano interno, pelos reflexos da revolução de 1930.

Esse quadro acrescido das sucessivas baixas nos preços do cacau no mercado externo abalou as estruturas das oligarquias. Estas ficaram desestabilizadas e enfraquecidas politicamente. Por fim, desapareceram junto com seus latifúndios que se fragmentaram por motivo de herança e falência. Assim surgiram fazendas de menor porte (MOREIRA, 2003).

É neste espaço de crises em meio ao sobressalto da natureza, da cotidianidade do homem cindido¹⁶, que aparece o então renomado romancista Jorge Amado retratando em parte da sua obra os coronéis, jagunços, prostitutas e trabalhadores explorados na região cacaueira. Incluem-se nesse caso três de seus romances: “Cacau”, “Terras do sem fim” e “São Jorge dos Ilhéus”. Idêntica temática foi seguida por Adonias Filho, autor de romances ambientados na região cacaueira.

Dentre as suas obras destacam-se: “Servos da morte”, “Memórias de Lázaro” e “Corpo vivo”, entre outros. Histórias da gente do cacau motivaram ainda o escritor baiano Cyro de Mattos, que a imortalizou em obras tais como “Cancioneiro do Cacau” e “Os Descaminhos”. Estes autores relatam em parte de suas obras a crise que se abateu sobre a região no decorrer dos anos 30 do século XX. No poema IX, do livro intitulado “Os Descaminhos”, Cyro de Matos diz:

...dentro de mim ressoa uma nação. O clima que vem dela nas raízes se alimenta em razão de verdes vozes. Do suor derramado pelo chão. Houve tempo de dedos corroídos. Duro clamor nos dias mais sofridos. Cobra no inverno, bala no verão, de cacau era a flor no coração. Homem de saga molhada, sangrada. O ouro vegetal vi sustentar toda essa nação. Enquanto pela estrada o tempo dava voltas. Tudo agora se desfaz. Cai das folhas, insonora, Essa flor murcha que a agonia gera¹⁷.

Oliveira (2008, p. 74) assinala que nessa época:

Houve um expressivo aumento de área cultivada, acompanhado da queda de produtividade. Os preços das

¹⁶ Homem moderno, cindido pela predominância da razão como forma de vislumbrar o mundo. Um mundo em um processo crescente de monetização dos valores, tornando as relações na sociedade cada vez mais dependentes de um mundo mercadológico.

Fonte: <http://www.robertexto.com/archivo1/intimidade.htm>. Acesso em 18/02/2009

¹⁷ Fonte: Jornal da Poesia. Cyro de Mattos, a palavra enraizada. Por Eduardo Portela. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/cmattos5.html>. Acesso em 15/04/2009

commodities oscilam com amplitude nunca antes observada, contribuindo para um aumento do estado de insolvência dos produtores junto às casas de exportação.

O Governo do Estado cria o Instituto de Cacau da Bahia (ICB) em 1931, em socorro à principal atividade geradora de suas divisas – o cacau, que representava, em 1930, 42% do valor total das exportações. O ICB era uma sociedade de caráter cooperativo, responsável, entre outros, pelo fomento do crédito agrícola, divulgação dos preços de mercado, evitando especulações e pela expansão da trama rodoviária dos municípios cacaueiro. Em 1933, foi instalada a alfândega no porto de Ilhéus, permitindo que as exportações e importações internacionais se dessem sem a intermediação do porto de Salvador (BAIARDI, 1984).

Até o final dos anos 30 do século XX, muitas transformações ocorrem em Ilhéus. O primeiro prefeito eleito Dr. Eusínio Lavigne (1930-1937), contratou engenheiros para executar o primeiro plano diretor da cidade, concluído em 1933. Este Plano definiu não só a expansão da cidade, mas também definiu o traçado viário, ainda hoje em vigor, na sua maioria. Nesse período, avenidas importantes foram abertas, a exemplo, da Avenida Itabuna, Canavieiras e Belmonte. O prefeito também realizou importantes obras de saneamento com a canalização de águas pluviais

As transformações prosseguiram intensas e, nos anos de 1940, novas ruas rasgaram o tecido urbano de Ilhéus. Surge a Avenida Princesa Isabel (ligando a estação dos hidroaviões à rodovia Ilhéus-Itabuna) e da avenida que ligaria a Avenida João Pessoa (atual Soares Lopes) à Avenida Dois de Julho. De acordo com Oliveira (2008, p. 76).

...inicia-se também a construção do Mercado Municipal na Avenida Dois de Julho e a compra do terreno em Banco da Vitória para a instalação de um matadouro modelo. Inaugurou-se a Casa de Saúde (atual Santa Casa da Misericórdia de Ilhéus), foi feito o saneamento nos bairros da Cidade Nova e Opaba, onde cresciam as “elegantes e modernas habitações”. Fundou-se o Clube Social de Ilhéus, foi levantada a planta aérea da cidade e instalou-se o Banco de Crédito Agrícola de Ilhéus. Ainda neste período, o município doou ao governo federal, após indenização, uma área no Pontal para a implantação de uma pista de aeronaves que serviria ao transporte militar e aos correios. Com a pavimentação da pista, em 1950, foram introduzidos vôos semanais de passageiros para Ilhéus. Em 1940, Ilhéus com 19.751 habitantes, era a segunda cidade do Estado da Bahia, sendo seguida por Itabuna com 15.712 habitantes [...]. Itabuna passou a disputar com

Ilhéus a importância de centro regional, principalmente pelo aumento do comércio varejista com as cidades vizinhas.

De fato, muitas obras de infraestrutura foram realizadas em Ilhéus na década 1940. Mas nenhuma delas tinha como foco a questão da moradia. Esse problema só se agravou ao longo dos anos, até que na década de 1940 ocorreu a primeira ocupação em área de manguezal às margens do Rio Itacanoeira, na recém aberta Avenida Princesa Isabel pela população de baixa renda. Surgem as primeiras favelas de mangue na cidade. A necessidade do onde e como morar pelos pobres da cidade não só contribuiu no processo de expansão urbana, mas também criou um novo espaço em Ilhéus – um espaço segregado, cuja população sem terra e sem teto para sobreviver ocupou um “pedaço de chão” nas áreas mais anecúmenas da cidade.

Presenciava-se a reprodução de uma parte da cidade, cuja paisagem já alertava para as desigualdades produzidas pelo acúmulo de capital nas mãos da elite. As belas paisagens com luxuosos prédios e praças ajardinadas se contrapunham a paisagem das ocupações em áreas de mangue e dos morros pela classe trabalhadora (OLIVEIRA, 2008). A concentração da riqueza na cidade acompanhou o aumento da miséria. Essa lógica pode ser entendida como sendo a necessidade que tem o sistema capitalista de dar continuidade ao ciclo de produção e circulação do capital. Nesse sentido, o espaço urbano aparece como condição e, ao mesmo tempo, produto desse processo (CARLOS, 1997, p. 35).

Na década de 1950 a cidade que, segundo Jorge Amado, “cheirava a dinheiro” vive a pior crise de sua história, anterior ao surgimento da vassoura de bruxa¹⁸. A atividade declinou a ponto de tornar-se inviável economicamente. Os preços do produto no mercado internacional chegaram a níveis muito baixos. Com o crédito escasso e os juros impraticáveis, muitos agricultores endividados se desanimaram e decidiram abandonar o cultivo do cacau. De acordo com Moreira (2003, p. 38),

¹⁸ A vassoura-de-bruxa é uma doença fúngica típica de cacaueiros, ocasionada pelo basidiomiceto *Moniliophthora crinipellis perniciosa*. É, sem dúvida, uma preocupação para os plantadores de cacau. Esse fungo ataca especialmente os frutos e brotos causando a diminuição significativa na produção, e em alguns casos pode levar o cacaueiro à morte. Surgida na bacia amazônica, esta doença é uma das doenças fitopatológicas mais graves do Brasil. Fonte: www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm. Data de acesso 15/02/2011

...para conter essa situação de dificuldades, o governo federal criou [...] em 1957, [...] a Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômica Rural da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), com o objetivo de recuperar e racionalizar a lavoura, através de financiamentos e pesquisas.

Oliveira (2008) também assinala que a década de 1950 não se apresentou favorável para a cacauicultura, tanto em nível interno – condições climáticas desfavoráveis, quanto em nível externo – preços baixos. Outro desdobramento da crise foi à redução das áreas plantadas e consequentemente a queda da produtividade e a redução do número de trabalhadores no campo. Nesta fase ocorreram sucessivos desmembramentos territoriais na região. Em 1952, Ilhéus subdividiu-se nos municípios de Ilhéus, Coaraci, Itajuípe e Uruçuca. Na década de 1960, emancipam-se Itapitanga e Olivença. Ilhéus, segundo Ferreira (1958), além da cidade e vilas, possuía os seguintes povoados: Banco do Pedro, Cafundó, Iguape, Itamutinga, Mariajape, Rainha de Três Braços, Sambaituba e Itaípe. Oliveira (2008) acrescenta que “a diminuição da produtividade pelo esgotamento do solo culminou em um acúmulo de dívidas, insustentável para a região”.

De acordo com estudos (CAR, 1997; MACEDO, 2002; SOARES, 2008, entre outros) esse contexto teria provocado desemprego no campo e consequentemente acelerado o processo migratório em direção às cidades da região. Entretanto, de acordo com Soares (2008) a população de Ilhéus retrocedeu de 135 mil em 1950 para 104 mil em 1960, mas em contrapartida, a população urbana aumentou e os bairros pobres se tornaram ainda mais populosos. Na década de 1970 a lavoura cacaueira reage com a utilização de uso intensivo de insumos modernos nos cacauais instalados nas melhores áreas produtoras. O período entre 1977 e 1985 ficou conhecido como os “anos de ouro do cacau” decorrentes dos altos preços praticados no mercado internacional (OLIVEIRA 2008, p. 78). Fontes (2001, p. 21) ao citar Nascimento (1994), apresenta dados que explicam o que os anos de ouro do cacau significaram.

...em 1979, as exportações do cacau em amêndoas e derivados alcançaram a cifra de US\$ 1 bilhão, chegando a representar 35% da pauta de exportações do Nordeste e 70% da Bahia, contribuindo para financiar a industrialização do Nordeste Brasileiro, além de aumentar o poder de compra da região cacaueira. Em 1985, participou com 14% da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias - ICMS da Bahia.

Nesse período a cidade de Ilhéus passou por um processo crescente de reconhecimento de sua importância socioeconômica. Fato que contribuiu para a construção de várias obras pelo poder público estadual em parceria com o governo municipal, destacando-se: a ponte sobre o rio Fundão; início da ligação para as praias do norte da cidade; serviço de ônibus municipal e organização do transporte de barcas para o Pontal; construção da estrada de ferro ligando Ilhéus a Itabuna, o porto do Malhado, a BR 415 interligando as duas cidades (Ilhéus-Itabuna), além da criação do Instituto de Cacau da Bahia (FONTES, 2001).

Ainda nesse período, a expansão da malha urbana prosseguiu acelerada em direção ao Malhado, Avenida Princesa Isabel e Esperança, também ocupando as áreas de mangue. O Estado também se fez presente viabilizando obras importantes como a construção da ponte Lomanto Junior (1966), (figura 42), ligando o Pontal a Ilhéus. De 1970 a 1980, segue ao norte pela Barra de Itáipe. Bairro Savóia (estrada Ilhéus-Uruçuca) ocupa todos os morros adjacentes, enquanto ao sul segue pela estrada Ilhéus-Olivença (ANDRADE, 2003, p. 42).

Fig. 42 - Ponte Lomanto Junior, ligando o Pontal a Ilhéus.
Fonte: SOUB (2007)

Nos anos que se seguem a expansão da malha urbana continua em direção a: Zona Norte, Zona Oeste, Centro e Zona Sul, parte da cidade, separada pelo Rio Cachoeira, mas ligadas pela ponte Lomanto Junior. Hoje, cerca de 40% da população urbana de Ilhéus vivem na Zona Sul, aproximadamente 80 mil habitantes (OLIVEIRA, 2008). Vale dizer que na Zona Sul está localizado o Pontal um dos bairros de Ilhéus apontado pelo poder público municipal para se transformar em pólo de atividades turísticas. Isso se explica pela materialidade existente no bairro, (aeroporto, hotéis, pousadas, restaurantes e a Baía de Pontal).

Toda essa infraestrutura tem estimulado os empreendedores imobiliários e empresários de diversos ramos a investir nessa área. De acordo com Magalhães (2006), alguns empresários construíram hotéis no bairro do Pontal, atraídos pela proximidade do aeroporto. A crescente importância do cacau foi causa e consequência da ampliada necessidade de intervenção espacial em Ilhéus. As intervenções (construção do porto, das estradas de ferro, vias vicinais e pontes) objetivavam criar condições não só para o escoamento da produção, mas principalmente garantir a reprodução do capital regional. O modo como se deu a produção e apropriação do espaço da cidade de Ilhéus pelos produtores de cacau teve apoio incondicional do poder público nos três níveis: estadual, federal e municipal. De acordo com Oliveira (2008, p. 71),

...acompanhando esta transformação ocorrida na esfera econômica, o poder público estruturou o espaço, a fim de adequá-lo às novas exigências do capital mercantil e aos novos hábitos e interesses da elite econômica local, iniciando um processo mais intenso de urbanização.

Esse contexto permite dizer que as grandes transformações do espaço urbano de Ilhéus, sentidas a partir do século XIX, passaram a refletir os processos econômicos, sociais, políticos e culturais numa escala local, mas, articulada ao contexto nacional, também marcado por profundas transformações. A cidade de Ilhéus entrou no século XX, como cidade prospera modelo de desenvolvimento regional, sua influência se estendia por toda a região Sul da Bahia, utilizando suas terras férteis como verdadeiro celeiro de riquezas. Mas, na entrada nos anos de 1980, enquanto a malha urbana se expandia, a lavoura cacaueira dava claros sinais de mais uma crise, nesse sentido, Oliveira (2008, p. 78) chama a atenção para um detalhe importante:

...a expansão da nova fronteira agrícola deu-se em solos minerologicamente mais pobres, necessitando de maiores investimentos em insumos, enquanto as áreas cacauíferas mais velhas assentadas em solos adequados não foram renovadas, contribuindo juntamente com os longos períodos de estiagem e com a queda do preço internacional do cacau a deflagrar uma nova crise a partir de 1985.

A partir daqui a cidade de Ilhéus vai passar por uma significativa transformação socioespacial. O declínio da lavoura cacauífera vai estimular investimentos em outras atividades produtivas tais como: fruticultura, informática e turismo. Além disso, esse novo contexto econômico também vai desenhar outros contornos na cidade. Explode a periferia em forma de favelas incrustadas nos morros e nos manguezais da cidade. Isso se dá principalmente pelo fato de que a população pobre não pode pagar pela moradia em outras áreas da cidade que, apesar da crise, se valorizavam em razão da infraestrutura (paisagismo, iluminação, calçamento, saneamento básico, entre outros) da morfologia (áreas planas da cidade) e da proximidade com a orla.

O movimentado centro de Ilhéus, que possuía intensa circulação de mercadorias e pessoas, com a queda das exportações de cacau passou a ter o fechamento de corretoras, de agências bancárias e de várias lojas, entrando num estado de recessão econômica. O centro aos poucos foi sendo apropriado por uma população de pedintes, meninos de rua e prostitutas. Com isso, passou a ter o estigma de lugar decadente. Tais motivos foram explorados pela mídia e justificam o uso do termo “decadência”. Destarte, com a diminuição de dinheiro e capitais o centro foi perdendo, aquele ar de espaço do “poder” representado pelos luxuosos palacetes que caracterizavam os “tempos áureos do cacau”. A elite que representava o poder econômico se deslocou para outras áreas da cidade e o espaço do centro se desvalorizou.

Nesse processo a produção econômica e os investimentos imobiliários se mobilizam para outras áreas da cidade. No caso de Ilhéus essas áreas se localizam, principalmente a beira mar, assim numa ação conjunta de iniciativa privada e Estado na área central, novas atividades surgiram e antigas foram ressignificadas, o que implicou em importantes transformações socioespaciais e, mais especificamente, no centro da cidade.

2.2 A crise da lavoura cacauzeira, ressignificação do turismo e os novos contornos da cidade.

Em 1989, foi descoberto o primeiro foco da vassoura de bruxa. Essa praga, associada à queda de preços do produto no mercado internacional, desencadeou a mais séria crise socioeconômica da região. Essa conjuntura se arrastou e a lavoura cacauzeira que tinha sido rapidamente absorvida pelo mercado internacional chegando a responder pela segunda maior produção mundial de cacau, atrás apenas da Costa do Marfim, declinou, para o desespero dos produtores e de todos que dependiam de forma direta ou indireta do cacau. O valor das exportações passou a oscilar como nunca ocorrera anteriormente. Configurou-se uma crise regional sem precedentes.

Segundo Brito (2000, p. 30), estima-se uma perda de 500 milhões de dólares pelos fazendeiros só na década de 1990. Nesse período a lavoura cacauzeira iniciava um rápido e crescente processo de agonia, trazendo consigo consequências nefastas para a população que dela dependia. Este mesmo autor (2000, p. 32), ainda acrescenta: “na década de 1990, o número de empregos diretos e indiretos sofreu uma rápida redução de 400 mil para apenas 150 mil, gerando tensões sociais no campo e na cidade”. De acordo com Oliveira (2008) a crise da lavoura cacauzeira provocou o êxodo rural. Este fenômeno determinou a evasão de grande parte da população trabalhadora do campo. Esta se dirigiu para as cidades e passaram a ocupar, entre outros espaços, encostas íngremes e áreas de manguezais. Oliveira (2008) ainda assinala que:

...com a crise da lavoura cacauzeira, principal produto econômico da região, acentuou-se a emigração da população rural para a cidade e com esta o agravamento nas questões de emprego, renda e habitação com o surgimento de novas favelas em áreas públicas ou terrenos não ocupados (OLIVEIRA 2008, P. 21).

De acordo o PEMAS¹⁹ (2002) o surgimento de áreas de ocupação irregular (favelas) e ampliação da periferia em Ilhéus estão relacionados diretamente a crise da lavoura cacauzeira em razão da emigração da população trabalhadora do campo para a cidade. Nesse plano está explícito que nos anos de 1990 – auge da crise foi

¹⁹ Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais. Programa Habitar Brasil/BID.

significativa a ocupação das áreas periféricas da cidade, principalmente na extensão dos manguezais. Os exemplos citados no Plano são: o bairro São Domingos, a Rua Mosquito, o Mambape e o Alto Teotônio. Vale lembrar que no caso do Teotônio Vilela, se constatou foi uma migração intraurbana.

Deste modo, a ocupação das áreas periféricas está relacionada tanto a movimentos migratórios intraregião como intraurbanos. Em comum temos a dificuldade da população, tanto que sai do campo em função da crise cacaeira, quanto a que migra internamente na cidade, em ocupar áreas mais urbanizadas já que o alto custo dos aluguéis, bem como do preço do solo urbano é um impeditivo para a possibilidade de ocupação desses lugares. Assim, a possibilidade de reprodução da vida fica quase que restrita as áreas mais periféricas, com precariedades ou mesmo desprovidas de equipamentos de infraestrutura urbana. Temos em Ilhéus um processo que leva a segregação socioespacial da população de baixo poder aquisitivo, que articula o aumento de preço do solo urbano e a crise cacaeira.

A crise afetou o principal parque industrial do cacau, situado em Ilhéus. Várias indústrias que processavam as amêndoas fecharam, agravando ainda mais o quadro do desemprego. Isto levou a região à estagnação econômica e a um rápido empobrecimento das classes média regional e trabalhadora, gerando conflitos sociais no setor urbano e rural (MOREIRA, 2003). Baseada em Couto (2000), Magalhães (2006, p. 78) assinala que:

...a partir da década de 1990, a região do cacau foi abalada gravemente pela maior crise deste produto na Bahia, marcada por uma redução da produção e das exportações, pela queda significativa do valor do fruto e pelo início da praga vassoura-de-bruxa, a mais nefasta para estas plantações. A crise foi ocasionada pelos seguintes fatores: existência de grandes estoques mundiais de amêndoas gerando valores baixíssimos para o cacau; substituição e/ou redução do cacau na composição do produto final “chocolate” e afins; entrada de novos concorrentes (Ásia-Oceania), com inovações tecnológicas e estratégias de redução de custos; reestruturação da lavoura e da indústria processadora, principalmente na Costa do Marfim (responsável por 56% da produção mundial); gestão ineficiente, conservadora e clientelista dos produtores da região; desestruturação do ecossistema ocasionado por anos de falta do planejamento adequado para o cultivo; clima adverso; doenças do cacaeiro; quedas do rendimento físico e da produtividade do trabalho; redução de preços e da

produção; baixo nível de escolaridade, principalmente na área rural.

Essa crise foi marcada, entre outros fatores, por uma redução da produção e das exportações, pela queda significativa do valor do fruto e pelo avanço da vassoura de bruxa. No início de 1990, Cazorla (1992) já comentava sobre a trajetória declinante do cacau, apontando que, a partir de 1987, fatores relevantes como estiagem, falta de novos investimentos nas áreas recentemente plantadas e de novas tecnologias, por parte dos produtores, aliados aos preços baixos do mercado internacional, propiciaram o aparecimento de uma grande crise. (FONTES, 2001). A Fundação Centro de Projetos e Estudos da Bahia (1993, p.2) definiu este período como o de:

[...] estagnação da cacauicultura, caracterizado pelo declínio da produção e produtividade, elevação substancial dos custos de produção, excessiva tributação, perda de mercados, ociosidade do parque de processamento de cacau, enfraquecimentos das empresas nacionais de exportação, falência do cooperativismo e, sobretudo redução da confiança nas ações do governo e em geral quanto às potencialidades do complexo agroindustrial do cacau.

No auge da crise os produtores da região cacaueira reduziram a produção em cerca de 80%, entrando na pior fase da derrocada do setor produtivo. O padrão de vida de grande parte da população diretamente ligada ao cacau (fazendeiros, empresários e exportadores, entre outros) caiu. O comércio e os produtores foram atingidos de forma significativa (OLIVEIRA, 2008). Como exemplo, podemos citar o caso do produtor de iniciais FLF, citado por Cruz (2001) em seu trabalho intitulado “A Crise do Cacau e o Caos Social da região Sul da Bahia”. Em depoimento FLF declarou: "foi uma violência, pensei em me suicidar, mas o amor pela minha mulher e pelos meus filhos falou mais alto, graças a Deus".

...O agricultor FLF foi um dos proprietários do conjunto Santana, em Uruçuca, local onde a vassoura-de-bruxa foi detectada pela primeira vez na Bahia, também o primeiro rico a ficar pobre literalmente da noite para o dia. Hoje é dono de um singelo depósito de bebidas em Ilhéus e ganha a vida atrás de um balcão, despachando cerveja e cachaça no varejo. FLF produzia 15 mil arrobas de cacau e tinha 200 trabalhadores em sua fazenda. (CRUZ, 2001. p. 01)

Quanto à crise Menezes e Carmo-Neto (1993), associaram o modelo primário exportador da monocultura do cacau aos condicionamentos culturais do cacauicultor especialmente a resistência dos produtores em diversificar seus cultivos. Magalhães (2006. p. 78), cita alguns dos aspectos mais graves que colaboraram para deitar abaixo a lavoura cacauieira e estabelecer o quadro de crise e recessão em toda a região. Ele diz:

...a existência de grandes estoques mundiais de amêndoas gerando valores baixíssimos para o cacau; substituição e/ou redução do cacau na composição do produto final “chocolate” e afins; entrada de novos concorrentes (Ásia-Oceania), com inovações tecnológicas e estratégias de redução de custos; reestruturação da lavoura e da indústria processadora, principalmente na Costa do Marfim (responsável por 56% da produção mundial); gestão ineficiente, conservadora e clientelista dos produtores da região; desestruturação do ecossistema ocasionado por anos de falta do planejamento adequado para o cultivo; clima adverso; doenças do cacauieiro; quedas do rendimento físico e da produtividade do trabalho; redução de preços e da produção; baixo nível de escolaridade, principalmente na área rural.

A cidade de Ilhéus tinha no cacau, desde a segunda metade do século XIX, a maior fonte de receita econômica. A crise do setor produtivo (anos 90 do século XX) que se estendeu sobre toda a região em função da desestabilização do sistema cacauieiro levou Ilhéus à estagnação econômica. Diante da crise e das fracassadas tentativas de revitalizar a lavoura cacauieira, outras atividades tais como fruticultura, indústria e turismo - atividade até então relegada a um segundo plano, passaram a fazer parte da pauta de interesse da iniciativa privada e do poder público, por força da necessidade de reerguer a economia regional. É neste contexto que o turismo passou por intenso processo de ressignificação na cidade. Mas, cabe aqui dizer, que tal processo não se dá apenas por força da crise do cacau e muito menos ao acaso.

2.3 A reprodução do espaço de Ilhéus pelo turismo

Os anos de 1990 foram marcados pelo que se poderia denominar de “a redescoberta do turismo” como atividade econômica pelo Estado brasileiro. De acordo com Cruz (2000, p. 29), após longos anos na marginalidade da administração pública, o turismo passa a ocupar lugar de destaque no planejamento governamental, processo este que culmina, em 2003, com a criação do Ministério do Turismo. Ainda segundo

Cruz (2000), nos anos de 1990, começa a ser atribuída crescente importância à atividade econômica do turismo, que passa a ser vista como engendradora de processos de desenvolvimento. Isso se explica pelo fato de que o turismo assume no século XX características de um fenômeno global. De acordo com Cruz (2000. p. 8),

....a crescente importância do turismo no conjunto das atividades econômicas é fato alardeado por organizações mundiais e relacionadas à gestão de atividades, como a Organização Mundial do Turismo - OMT e World Travel and Tourism Council – WTTC: por governos nacionais e locais interessados no desenvolvimento da atividade: pela *mass media*; e por uma parcela da recente produção acadêmica sobre o tema.

Segundo um relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho (2010), o turismo foi responsável por 9% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e forneceu mais de 235 milhões de empregos em 2010 em todo o mundo, o equivalente a 8% do emprego global. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo é mais expressivo que o setor de energia, petróleo e informática. A EMBRATUR, aponta o turismo como o terceiro principal "produto" gerador de divisas para o Brasil, atrás somente da soja e do minério de ferro. De acordo com Cruz (2000, p. 8)

...os números do turismo indicam que a atividade suplantou a indústria bélica, nos últimos anos do século XX, em volume de capital transacionada, e está muito próximo de atingir valores iguais ou superiores àqueles gerados pela indústria petrolífera, primeira no ranking mundial.

Com este forte apelo econômico, o turismo tem um papel cada vez maior de destaque nas políticas públicas, principalmente de lugares que viram suas economias estagnarem, mas que ao mesmo tempo detêm as características necessárias, eleitas pelo capital produtivo para o desenvolvimento do turismo – as chamadas potencialidades turísticas (naturais e/ou culturais) como é o caso de Ilhéus - uma cidade que abriga em seu espaço, um litoral que compreende cem quilômetros de praias e, uma arquitetura própria da época de sua fundação - século XVI.

Além da história da origem da própria cidade, do cacau, dos coronéis e da literatura representada pelo romance “Gabriela Cravo e Canela” do escritor Jorge Amado, tão explorado pelo turismo local. Esses fatores somados a materialidade

criada, pelo/para cacau, existente na cidade (porto, aeroporto, vias de acesso, saneamento básico e rede hoteleira) colaboraram para o desenvolvimento das atividades turísticas em Ilhéus.

A resignificação do turismo em Ilhéus implicou em significativas transformações socioespaciais na cidade e para acontecer teve apoio incondicional do Estado nas três estâncias do poder público: governo federal, estadual e municipal. . Por essa razão se faz necessário a partir daqui resgatar as formas de atuação dessas três esferas de poder. Para tanto, elencaremos projetos, programas e políticas públicas de turismo que podem nos auxiliar a entender como a cidade de Ilhéus foi se adequando as exigências desse novo ramo da atividade produtiva. No capítulo a seguir vamos *a priori* mostrar como estão atuando essas forças hegemônicas em Ilhéus e *a posteriori* as consequências dessa atuação.

3. A ATUAÇÃO DAS FORÇAS HEGEMÔNICAS EM ILHÉUS: AÇÕES ESTRATÉGICAS, POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO E PROJETOS ESTRUTURANTES.

Apenas muito recentemente - na década de 1990 - o turismo ganhou importância entre as políticas públicas setoriais, apesar de, desde a década de 1960, ter sido criado um aparato institucional para a gestão da atividade em todo território brasileiro (Cruz, 2005, p. 10). Coincidentemente, a crise da lavoura cacaueira – base da economia regional de todo sul baiano – se apresentou intensa e devastadora nos anos de 1990, fator decisivo na tentativa de ressignificação do turismo como uma das vias alternativas à estagnação econômica que se instalou na região, pós-colapso do setor produtivo. No Brasil a valorização da atividade turística, a partir da década de 1990 resultou em diversos fatores conjugados, como:

...o crescente significado econômico do setor de serviços no mundo. : a chamada potencialidade natural turística do país; a disponibilização de capitais estrangeiros para financiamento de projetos e os posicionamentos público e privado favoráveis ao desenvolvimento da atividade. (CRUZ, 2005, p. 10).

Em Ilhéus não foi diferente, mas é preciso lembrar que a sedução pelo forte apelo econômico foi o elemento central que conduziu as estratégias das forças hegemônicas para impetrar o desenvolvimento do turismo. Entretanto, é importante salientar que é a partir de uma estratégia pública que o turismo se impõe como atividade engendradora de desenvolvimento na cidade de Ilhéus e região. Assim como no Brasil, após longos anos sem a atenção da administração pública, só a partir de 1990 é que essa atividade passou a ocupar lugar de destaque no planejamento do poder público local, processo este que culmina, exatamente nos anos de 1990 com a criação da Empresa Municipal de Turismo de Ilhéus (ILHEUSTUR).

3.1 As ações estratégicas do poder público.

De acordo com (ANDRADE, 2003), a ILHEUSTUR criada na administração do prefeito João Iyrío, foi essencial na consolidação do turismo regional. Sua atuação se deu por meio da coordenação, divulgação e busca de apoio para programas na área,

junto às entidades de classe, comércio, indústria e governos: municipal, estadual e federal. Nos anos 2000 uma equipe de consultores desenvolveu o primeiro plano turístico para a cidade de Ilhéus – o Plano Estratégico de Turismo para Ilhéus (PET)²⁰. De acordo com o texto do próprio documento²¹ – A missão do plano era: identificar junto à sociedade empresarial as necessidades, dificuldades e soluções para o incremento do tráfego de visitantes para Ilhéus, definindo responsabilidades e formando lobby e pressões necessárias ao seu incremento. Para tanto, propôs uma série de ações voltadas a esse fim. Como exemplo, podemos citar a delimitação da área que compreende: o Centro Histórico, o Pontal, as Praias do Sul e Olivença, (figura 43) como prioritárias para atuação.

²⁰ Este Plano Estratégico de Turismo foi elaborado pelos consultores Afonso Maria Zeni, João Batista Vissirini e Marcel Leal durante os meses de março e abril de 2000, com base nas sugestões e problemas levantados no Fórum de Marketing de Turismo de Ilhéus, realizado no dia 22 de fevereiro de 2000.

²¹ Fonte: ATIL. Disponível em <http://www.atil.tur.br/download/Primeiro%20PET.doc>. Acesso em 18/04/2010

Fig. 43 - Mapa Turístico de Ilhéus
Fonte: SETUR - 2009

Tal escolha não se deu ao acaso. Pois, nesse recorte localizam-se: prédios históricos e praias, elementos considerados por meio de uma construção histórica e cultural de grande atratividade turística. Isso se diz por que de acordo com Cruz (2006, p.4),

...Até meados do século XVIII, por exemplo, não se costumava frequentar praias ou montanhas como espaços de lazer porque tanto oceanos como montanhas causavam pavor às populações (Boyer, 2003). De destinos de lazer a destinos turísticos, espaços à beira-mar e montanhas, tais como todos os considerados atrativos turísticos de hoje e de ontem não são mais que construções culturais.

No recorte espacial proposto pelo Plano Estratégico de Turismo – PET (2000) também está presente toda uma materialidade que garante não só a mobilidade do turista-principal protagonista dessa atividade, mas a satisfação de suas necessidades de alimentação e hospedagem: aeroporto, porto e a melhor infraestrutura, em termos de hotéis, pousadas e restaurantes. Esses elementos são essenciais ao desenvolvimento das atividades turísticas. O PET (2000) também indicava como potencialidades turísticas: a orla, a história do cacau, a cultura (a partir das obras do escritor Jorge Amado), os rios e a estância hidromineral de Olivença, a única à beira-mar na América (figura 44).

Fig. 44 –Imagem aérea da Estância hidromineral de Olivença
Foto: Ed. Ferreira - 2010

De acordo com Oliveira (2005, p. 12).

... a Estância Hidromineral de Olivença era uma das áreas prioritárias de atuação do plano de *marketing* e foi definida como um diferencial que precisava ser formatado, por ser a única à beira-mar na América. Nesse plano estavam previstas a manutenção e conservação da arquitetura histórica, através da pintura de fachadas; serviços ao turista, como a introdução de mirantes no Morro do Urubu; propostas de desenvolvimento e revitalização de pontos turísticos de destaque, incluindo o Balneário Tororomba. Essas ações, contidas no plano, foram pensadas com a intenção de divulgar os atrativos turísticos [...].

Além dos elementos citados, o misticismo da cultura africana, a riqueza nas artes plásticas, a música e as danças folclóricas locais, também foram mencionados no PET (2000) como potencialidades turísticas. Estas indicações nos auxiliam na compreensão de que deste modo, cada vez mais o turismo para se desenvolver não só se apropria do espaço e o transforma, mas incorpora todo o seu conteúdo, ou seja, sua história, cultura e seus elementos naturais (mar, montanhas, rios, entre outros). Nesse processo

os espaços adequados às exigências do turismo transformam-se em espaço de contemplação. Seu conteúdo vira espetáculo e entra no circuito da troca ao ser vendido em pacotes turísticos oferecidos por agências de viagem espalhadas pelo Brasil. Destarte, usufruirão desses espaços aqueles que podem pagar para desfrutá-los.

Além das indicações já citadas no Plano Estratégico de Turismo (2000) novas áreas foram indicadas para posterior atuação. Dentre eles se destacam: Litoral Norte, Mata da Boa Esperança, Estrada Itabuna Ilhéus e Rio do Engenho. (figura 45). As ações propostas para estas áreas de acordo com o PET (2000) foram as seguintes:

...litoral Norte. Ação: Urbanização e recuperação da Avenida Litorânea Norte, com a construção de um calçadão com bancos, iluminação noturna na praia, asfalto e integração com o projeto urbanístico que inicia no Malhado. Ligação da Avenida Litorânea Norte com o bairro São Miguel por meio da construção de uma ponte. Mata da boa esperança. Ação: Estacionamento na entrada da mata, com Centro de Informações dotado de mapa, folhetos e guias treinados. Quiosque de venda de produtos de conveniência, como filtro solar, filmes fotográficos, repelente de mosquitos e uma pequena lanchonete. Estrada Itabuna Ilhéus. Ações: Construção de três mirantes ao longo da estrada (um na reta após a Uesc) com quiosque. Convênio com a polícia rodoviária para a distribuição de folhetos sobre as rotas turísticas em seu posto. Rio do Engenho. Ações: Estacionamento e Centro de Informações dotado de mapas, folhetos e guias treinados, um quiosque de venda de produtos de conveniência, como filtro solar, filmes fotográficos, repelente de mosquitos, entre outros produtos²².

²² Fonte: PET. Disponível em: <http://www.atil.tur.br/download/Primeiro%20PET.doc>. Data de acesso: 16/06/2010

Fig. 45 - Mapa Turístico de Ilhéus
Fonte: SETUR

A escolha dessas áreas obedece a uma racionalidade: com a saturação do litoral Sul nos anos 2000, a expansão do turismo encaminhou-se para litoral Norte em direção a Itacaré. De acordo com Oliveira (2008 p. 23-24).

...Com a crise do cacau, principal produto econômico da região, uma das alternativas encontradas foi a exploração do turismo, aproveitando-se as riquezas naturais do Sudeste da Bahia. Além do litoral sul, tendo Olivença como referência, a expansão turística voltou-se para o litoral norte [...]. Esta região rica em diversos ecossistemas e recursos hídricos tem contribuído para o aumento do ecoturismo e o turismo de aventura.

No sentido de viabilizar o turismo no litoral Norte o Governo do estado pavimentou a estrada Ilhéus/Itacaré no final dos de 1990. Esse fato contribuiu para a expansão das atividades turísticas na zona norte, pois garantiu a acessibilidade ao litoral norte. Sobre esse assunto Oliveira (2008, p.92) assinala que: o Governo, através da implantação de uma infraestrutura (que neste caso foi o asfaltamento da BR-001), [...] induziu o crescimento da cidade. Essa mesma autora ainda acrescenta que:

...atualmente o vetor para crescimento do turismo continua sendo o norte, em direção ao Polo de Itacaré, e é neste vetor que também está instalado o Polo de Informática (carente de um aeroporto alfandegado para ter viabilidade econômica), ambos precisando de um aeroporto maior e bem mais equipado para, definitivamente, deslanchar em território ilheense. Essa medida, uma vez ocorrendo, ampliaria a perspectiva de crescimento de ambos os setores. A previsão é que este se instale em 2011 nas imediações do loteamento Jóia do Atlântico, na estrada Ilhéus-Itacaré. O presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 30/10/2007, assinou um termo de cooperação para a sua construção, com recursos na ordem de R\$ 155 milhões (A Tarde 30/10/2007). (OLIVEIRA, 2008, p.92).

Em 2001 foi elaborado o PET II, numa pareceria entre a Prefeitura Municipal de Ilhéus e uma empresa privada de Consultoria. O PET II teve como referência os relatórios finais do Fórum Compromisso com Ilhéus 1999/2000 cujo objetivo central

foi “Implementar o turismo como alternativa de desenvolvimento econômico em Ilhéus.”²³ Para tanto, propôs a criação de um banco de dados (inventário turístico do município), um diagnóstico do município, instalação de postos de informações turísticas, elaboração um programa de incentivos e oportunidades para investimentos em turismo, maior articulação institucional, (incluindo criação de conselhos).

Além disso, maior incentivo à pesquisa acadêmica (elaboração de um Programa de Estágios para universitários de turismo e hotelaria), inserção do turismo nas escolas públicas e privadas (incentivo à inserção de disciplinas de turismo nas escolas públicas municipais), fortalecimento do mercado (Programa de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da atividade turística), criação de infraestrutura aeroportuária e rodoviária e sinalização turística. Todas essas ações tiveram por finalidade adequar a cidade ao turismo e com isso, inseri-la no circuito turístico, afinal:

...o setor turístico compõe-se de uma multiplicidade de atividades que inicialmente referem-se à produção concreta de um lugar: delimitação espacial, criação de infraestrutura – de todos os tipos desde estreitos caminhos, heliporto – auto-estradas, aeroportos, hotéis e tudo que ele implica (inclusive maravilhosas cascatas artificiais, ou mesmo cenários exuberantes que descaracterizam ou mesmo não guardam nenhuma semelhança com o lugar original onde se encontram), ruas, centros comerciais, áreas de restaurantes, podendo comportar cidades inteiras. (CARLOS, 2007, p. 65)

Carlos (2007, p. 65) ainda acrescenta que o setor turístico,

...envolve além da indústria da construção outras, como a têxtil que produz, em todos os lugares, camisetas com as inscrições que marcam a presença dos turistas, a indústria alimentícia ou mesmo de bebidas, a indústria gráfica e editorial com a produção de centenas de títulos sobre “lugares paradisíacos”, que direcionam os fluxos e os passos dos turistas; mas também cria um vasto setor de comercialização e serviços de todos os tipos desde agências com seus guias e sacolas uniformizados, até atendimento pela internet, além de uma mídia muito bem montada sem a qual o turismo – enquanto mercadoria – não

²³ Fonte: PET. Disponível em: <http://www.atil.tur.br/download/Segundo%20PET.doc>. Acesso em 16/06/2010

poderia se desenvolver num contexto de lugares mundializados. Assim esta nova atividade econômica comporta de um lado um vasto setor produtivo e de outro um importante setor improdutivo, amplamente articulados.

A ILHEUSTUR, que esteve sob a direção de Romualdo Pereira foi criada durante o governo do Prefeito João Lyrio²⁴. No ano de 2004, foi incorporada a Secretaria de Turismo de Ilhéus – SETUR, sob o governo do prefeito Jabes Ribeiro²⁵. Esta secretaria foi gestada para promover o município de Ilhéus nos moldes da Bahiatursa, tendo como objetivos principais: atrair investidores, captar recursos, planejar, conceber e executar projetos e atividades turísticas. As ações empreendidas em Ilhéus por meio dos planos estratégicos de turismo como não poderiam deixar de ser espelham as políticas públicas para o turismo em nível regional e nacional. Vale dizer que as ações previstas nos planos turísticos de Ilhéus em consonância com as políticas públicas só puderam ser viabilizadas graças a toda uma infraestrutura criada para a adequação da cidade a um uso turístico. De acordo com Robert Godoy (diretor da ATIL)

...as políticas públicas para o turismo estão concentradas no governo estadual. Em especial na execução das obras do Prodetur I e II, contudo, das obras do programa Prodetur II, apenas 10% das 150 já haviam sido executas, conforme

²⁴ Foi secretário de finanças do governo de Jabes Ribeiro, deixando o cargo para disputar uma vaga na Assembleia Legislativa. Eleito Deputado Estadual em 1986, concorreu em 15 de novembro de 1988 ao pleito municipal pelo MDB, elegendo-se Prefeito de Ilhéus. Assumiu a Prefeitura em 1 de janeiro de 1989. Ampliou a zona urbana da cidade, evitando assim uma drástica redução no índice do Fundo de Participação do Município (FPM). Criou o Parque Ecológico da Mata da Esperança. Inventariou os imóveis integrantes do Centro Histórico de Ilhéus, abrangendo as artérias centrais da cidade, onde estes se localizam. Procedeu a uma reforma completa no Palácio Paranaguá, sem alterar suas principais características. Fonte: <http://www.ilheense.com.br/prefeitos.htm#lyrio> Data de acesso: 06/03/2012

²⁵ Eleito pela terceira vez Prefeito de Ilhéus, implantou, em parceria com o Ministério da Habitação, o Projeto Aquarelas do Morro, para realizando de melhorias habitacionais nas áreas sub-normais, inicialmente no bairro Teotônio Vilela Regularizou o sistema de transporte coletivo, implantando o sistema de bilhetagem eletrônica, veículos com ar condicionado, atendimento personalizado para portadores de necessidades especiais e microônibus para atendimento aos morros. Implantou o projeto Prefeitura Cidade, levando a administrando até as comunidades, para resolver os problemas no local. Realizou o projeto de revitalizando do centro antigo - Quarteirão Jorge Amado - em parceria com o Governo do Estado da Bahia. Recuperou as instalações do Grupo Escolar General Osório, transformando o prédio na sede da Biblioteca Pública Adonias Filho e do Arquivo Público Municipal João Mangabeira. Pela primeira vez na história do município, foi eleita uma mulher para o cargo de Vice-Prefeito. Tomou posse junto com Jabes a professora Ângela Correa de Sousa. Fonte: <http://www.ilheense.com.br/prefeitos.htm#lyrio> Data de acesso: 06/03/2012

relatório de 2008, e fora a rodovia Ilhéus-Itacaré e a rodovia Itacaré-Camanu, o restante das obras foram pontuais. Isto porque o governo estadual concentra suas ações em Salvador e entorno²⁶

3.2 As ações do Estado: as políticas públicas de turismo e os projetos estruturantes

Uma ação do Estado que merece destaque é a construção de BR litorânea 101, pois esta foi um fator decisivo no processo de turistificação de Ilhéus. Vale dizer que essa obra viabilizou o turismo não só em Ilhéus, mas em todo o estado da Bahia. De acordo com Cruz (2006, p. 11),

...a implementação de infraestruturas voltadas a aumentar a fluidez do território ganha novos ingredientes como a implementação/ modernização de rodovias ditas estruturantes, litorâneas e pára-litorâneas, prioritariamente destinadas a facilitar o desenvolvimento da atividade turística.

Outra estratégia importante nesse processo de turistificação foi à elaboração do Plano do Recôncavo (PTR). De acordo Santos (1999, p. 1),

...efetivamente, a Bahia deu seus primeiros passos no sentido de execução e desenvolvimento do turismo a partir do Plano do Recôncavo (PTR) que foi concluído no ano de 1970. Esse plano teve como novidade a análise setorial, ou seja, desenvolveu-se uma política específica para uma determinada região e sua área de atuação abrangeu 38 municípios. Outra novidade foi o fato deste plano ter sido o primeiro voltado exclusivamente para o setor.

A cidade de Ilhéus foi contemplada no Plano do Recôncavo (PTR), pois estava incluída entre os 38 municípios acima citados. Foram fundamentais na efetivação desse plano: a Bahiatursa²⁷, o Conselho Estadual de Turismo e a Coordenação de

²⁶ Entrevista concedida em Janeiro de 2009

²⁷ "A Bahiatursa – Empresa de Turismo da Bahia S/A - é uma empresa de economia mista vinculada à Secretaria de Turismo, sendo responsável pela divulgação e promoção turística da Bahia, no Brasil e no exterior. Atuando de acordo com as políticas públicas do Governo Federal – Plano Nacional do Turismo – e do Governo do Estado, a Bahiatursa exerce um papel fundamental na atração e ampliação do fluxo

Fomento ao Turismo (CFT). Algumas ações previstas no plano foram: criação de uma estrutura organizacional, desenvolvimento de um programa de pesquisas e de um sistema de estatísticas gerenciais de turismo. Além de um sistema de classificação da hotelaria e um inventário do patrimônio monumental do Estado (MAGALHÃES, 2006).

As políticas públicas da década de 1970 agiram diretamente na tentativa de constituição de espaços voltados ao desenvolvimento do turismo. Em 1979 foi à vez do plano, Caminhos da Bahia, segunda estratégia do Estado no intuito de alavancar o setor na Bahia. Suas ações estavam voltadas para capacitação de recursos humanos nos municípios e localidades integrantes do programa e a realização do *marketing* das cidades. Este plano foi mais um passo no sentido de interiorização do turismo.

No entanto, tais políticas não promoveram em Ilhéus transformações significativas do ponto de vista socioespacial e econômico. Apesar da cidade estar contemplada nos planos de desenvolvimento, poucas ações foram efetivas. Com exceção da BA-001 ligando Olivença e Canavieiras, inaugurada em 1973 que viabilizou a expansão do turismo para a estância hidromineral de Olivença e para a cidade vizinha de Canavieiras entre outras, nada mais foi realizado.

Apesar das estratégias de *marketing* e dos planos turísticos, o turismo não projetou Ilhéus no cenário nacional, ficando a cidade restrita ao turismo regional. Vale lembrar que nesse período todos os holofotes estavam voltados para a lavoura cacauera, dado o forte apelo econômico dessa atividade na época. O cacau era a base econômica não só de Ilhéus, mas de todo o Sul baiano. Só na década de 1990 após o colapso da lavoura cacauera e ressignificação do turismo no Brasil é que esta atividade toma fôlego em Ilhéus. De acordo com Oliveira (2008, p. 89),

...em 1990, com a nova onda de globalização, o Governo da Bahia, a fim de promover a inserção competitiva do Estado no mercado mundial do turismo, cria o Programa de Desenvolvimento do Turismo – Prodetur - Ba, atrelado ao

turístico regional, nacional e internacional; na captação de vôos regulares e charters; e no fortalecimento de alianças e parcerias com o trade turístico, instituições acadêmicas, ONGs, entidades de fomento e diversos órgãos do poder público. É também a responsável pela administração e comercialização do Centro de Convenções da Bahia (Salvador), de Ilhéus e Porto Seguro e dos postos de informações turísticas do Pelourinho (SAT), Aeroporto, Rodoviária e Mercado Modelo”. Fonte: Bahiatursa terra do todos nós. Disponível em: <http://www.bahiatursa.ba.gov.br/site/apresentacao.htm>. Data de acesso 16/11/2010.

programa federal Prodetur - NE, cujo objetivo maior seria o investimento estatal na infraestrutura territorial para facilitar a implantação de investimentos turístico-imobiliários pela iniciativa privada. Diferente do ocorrido nos anos 1970, quando a interferência do Estado se deu com base no apoio fiscal e financeiro.

O Plano de Desenvolvimento Turístico da Bahia (PRODETUR-BA) se deu por meio de uma parceria entre governo Estadual e Federal coordenado pela Bahiatursa, cujo objetivo foi melhorar o aproveitamento das potencialidades naturais, culturais e históricas do Estado. Segundo a Bahiatursa (2010), o plano está voltado para a melhoria das condições institucionais e de infraestrutura para a expansão e a qualificação da atividade turística no Estado da Bahia.

Apesar da propaganda e dos esforços do poder Público elencados nos documentos oficiais, outros agentes hegemônicos que atuam em Ilhéus questionam a efetividade de tais políticas e programas. De acordo com Robert Godoy – Diretor da Associação de Turismo de Ilhéus,

...os projetos e ações apresentados ou aprovados em sua maioria não têm continuidade na esfera federal se percebe o aumento das verbas aportadas no ministério do turismo. Contudo, falta capacidade técnica e interesse dos poderes públicos municipais e estaduais para a elaboração e aprovação de projetos. Contudo, estes ainda são os recursos mais efetivos, dos poucos aplicados na região.²⁸.

Vale destacar que o PRODETUR é um programa de crédito para o setor público (Estados e Municípios) financiado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e tem o Banco do Nordeste como Órgão Executor. O PRODETUR-NE I pretendeu a implantação de equipamentos urbanos com o financiamento de obras de infraestrutura (saneamento, transportes, urbanização entre outros), projetos de capacitação profissional, proteção ambiental e do patrimônio histórico e cultural, e fortalecimento institucional das administrações de estados e municípios.

²⁸ Entrevista concedida em Janeiro de 2009

De acordo com Cruz (2007, p. 11) este programa “faz as vezes” de uma política urbana, pois se restringe à criação de infraestrutura urbana em localidades consideradas, pelos respectivos estados envolvidos relevantes para o desenvolvimento do turismo regional. Apoiados neste programa, a Bahiatursa criou os Centros Turísticos Integrados “como instrumento de promoção do desenvolvimento econômico, em localidades litorâneas de grande potencial natural, cujas qualidades cênicas apresentam excepcional capacidade de atração para o turismo internacional” (BAHIATURSA, 1992, p.3). São eles: a Costa dos Coqueiros (Praia do Forte); Baía de Todos os Santos (Salvador, Itaparica); Costa do Dendê (Valença Morro de São Paulo); Costa do Cacau (Itacaré, Ilhéus, Una Canavieiras); Costa do Descobrimento (Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, Trancoso) e Costa da Baleias (Prado, Alcobaça, Caravelas) (Oliveira, 2008, p. 89) (Figura. 46).

Fig. 46 - A área de abrangência do PRODETUR-NE I

Fonte: Banco Nordeste – Disponível em

www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Polos/gerados/prodetur_polos_principal.asp. Acesso

10/05/09 - sem norte e sem escala no documento original

A área de abrangência do PRODETUR-NE compreende além dos nove Estados da região Nordeste, o norte de Minas Gerais e Espírito Santo. Em toda área de abrangência acima citada os investimentos foram canalizados para criar condições favoráveis à expansão da atividade turística. Como não há turismo sem deslocamento, um dos focos centrais da ação pública federal sobre o território nos últimos anos tem sido justamente, a ampliação e a modernização da rede de transportes nas áreas prioritárias para o desenvolvimento do turismo (CRUZ, 2005, p. 31).

Para tanto, foram gastos cerca de US\$ 223.459.679 na reforma e ampliação de oito aeroportos só na região Nordeste. Na Bahia, por exemplo, receberam atenção do programa: o aeroporto Internacional de Porto Seguro (Porto Seguro), o aeroporto Deputado Luis Eduardo Magalhães (Salvador) e o aeroporto de Lençóis (Lençóis). Os dados (gráfico 1)) a seguir evidenciam a prioridade dos investimentos na ampliação e na modernização dos aeroportos.

Gráfico 1 - Investimentos dos PRODETUR/BA I por setor
Fonte: SUINVEST, 2005

De acordo com Cruz (2005, p. 5) é neste contexto que praticamente todos os aeroportos da região são submetidos a reformas, ampliações e modernizações, no intuito de viabilizar as manobras de aeronaves de maior porte e, conseqüentemente, a operação de vôos internacionais. Esta mesma autora ainda acrescenta que: à ampliação e modernização de praticamente todos os aeroportos nordestinos somou-se um conjunto de obras rodoviárias, ambas as ações voltadas ao requerido aumento da fluidez do território regional (Cruz, 2006, p. 344). No ano de 1999 deram-se início as negociações do PRODETUR/NE II. Este teve por finalidade:

...melhorar a qualidade de vida da população permanente dos pólos turísticos. [...] apoiar os investimentos e ações para gerar renda turística e assegurar que os governos municipais possam receber parte desta renda para gerirem eficazmente os investimentos e fluxos de turismo em benefício da população permanente. O Programa está alicerçado na premissa maior de completar e complementar o Prodetur/NE I, focalizando principalmente a sustentabilidade/otimização dos investimentos públicos em curso e da própria atividade turística. São três os componentes prioritários para o financiamento dos investimentos: fortalecimento da capacidade municipal para a gestão do turismo; planejamento estratégico, treinamento e infraestrutura para o crescimento turístico; e promoção de investimentos do Setor Privado²⁹.

Apesar do programa destacar a qualidade de vida, não está explicado do que se trata. Além da imprecisão conceitual da expressão, o que está posto para o debate é, portanto, a possibilidade sempre acrescida dos problemas relativos ao espaço se resolverem através do apelo “quase mágico” ao planejamento, como ação circunscrita ao estado e por ele comandada (CARLOS, 2010)

Não restam dúvidas que o PRODETUR-NE constitui-se na mais longa, duradoura, abrangente e significativa experiência brasileira de promoção deliberada e estruturada de desenvolvimento do turismo nacional que, ademais, tem se caracterizado por ser um trabalho multiinstitucional (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007). Os mega-projetos e programas do governo federal são a expressão concreta da importância do papel indutor do Estado brasileiro no setor turismo.

²⁹ Fonte: http://www.abrasil.gov.br/avalppa/RelAvalPPA2002/content/av_prog/081/prog081.htm. Acesso em 18/12/2010

Durante a fase de preparação do PRODETUR-NE II, portanto em momento anterior ao da assinatura do mencionado contrato, cada Estado foi instado a elaborar o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) de cada área turística então selecionada, planos esses que não foram antecidos do correspondente estudo de Avaliação Ambiental Estratégica, porquanto ainda não exigido. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007). De acordo com o BNB (2010)

...PDITS é um plano que deve ser referencia norteadora para o desenvolvimento do turismo no pólo de um modo geral. Deve se ter claro que, em muitos casos, somente parte dos projetos do Plano poderá ser objeto de financiamento no âmbito do PRODETUR/NE II. O Estado e os demais atores interessados no Desenvolvimento continuado do turismo na região (setor privado e comunidades afetadas) devem encontrar fontes alternativas de recursos para viabilização daqueles projetos do Plano que não são elegíveis no PRODETUR/NE e que, no entanto, são importantes para o Desenvolvimento Sustentável do turismo no pólo, a exemplo de ações que visem melhorias nas condições de saúde e de segurança pública³⁰.

Outro ponto que merece destaque no PRODETUR/ NE II é a criação dos pólos de turismo. Trata-se de um recorte regional que explora as potencialidades turísticas dos lugares eleitos pelos agentes hegemônicos. A cidade de Ilhéus está inserida no recorte denominado Pólo Litoral Sul (figura 47).

³⁰ Fonte:http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/gerados/arquivos_pdits.asp. Acesso em 16/02/2010

Fig. 47 - Pólo Litoral Sul

Fonte: http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Polos/gerados/prodetur_polos_principal.a
sp. Acesso 10/05/09 sem norte e sem escala no documento original

De acordo com Cruz (2007, p. 29) o modelo de urbanização para o turismo adotado pelas políticas regionais de turismo do nordeste tem como cerne a criação de Pólos e corredores turísticos. Esta mesma autora ainda acrescenta que:

...esse modelo está no centro, também do plano nacional de turismo - Plantur (1992), que tem entre suas metas de execução o programa de “pólos turísticos”. Esse modelo parte do pressuposto de que a concentração espacial das atividades turísticas “exerce efeitos atrativos sobre outras atividades no mesmo espaço econômico e geográfico” [...] Tal pressuposto coloca-o na mesma linha de teorias sobre o Desenvolvimento do economista francês François Perroux, adotadas por políticas territoriais no Brasil e aplicadas a alguns casos regionais e urbanos, desde a década de 1950 [...]

De acordo com o Banco do Nordeste do Brasil (BNB, 2010), o pólo Litoral Sul compreende 14 municípios, que integram a Costa do Cacaú e do Dendê, sendo eles: Valença, Cairu, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu, Maraú, Itacaré, Uruçuca, Ilhéus, Una, Santa Luzia e Canavieiras, com destaque para os municípios de Ilhéus e Valença e para os destinos turísticos *eco-resort* Itacaré, Ilha de Comandatuba e Morro de São Paulo. A Área de Planejamento consiste dos seguintes municípios:

Cairu, Camamu, Canavieiras, Ilhéus, Itacaré, Maraú, Uruçuca e Valença. Vale dizer que:

... o Pólo Litoral Sul possui como principais características a presença de áreas de proteção ambiental - APAs; a Baía de Camamu com litoral de vegetação específica e ilhas inexploradas; o litoral pontilhado por pequenas vilas de pescadores; o arquipélago fluvial-marítimo do Rio Uma; o cultivo de dendê, pimenta e frutas tropicais, além de se caracterizar como pólo de artesanato naval e de pesca artesanal, Parque Estadual da Serra do Conduru, presença de fazendas de cacau com arquitetura típica, dentre outros (BNB, 2010).

Em relação à infraestrutura turística, cabe destacar:

...o aeroporto de Ilhéus e de Valença; as pistas de pouso para monomotores em Morro de São Paulo; o aeroporto de Canavieiras; Centro de Convenções em Ilhéus, rodovias pavimentadas; serviços de transportes regulares; cais para embarcações de médio porte em Morro de São Paulo, além de contar com serviços de saneamento (água potável, energia elétrica, telecomunicações convencional e móvel, dentre outros). Esse pólo configura-se como detentor de forte potencial turístico para a prática da modalidade de turismo de "Sol e Mar" e ecoturismo, por possuir grande variedade de atrativos naturais, sendo destaque como atrativo cultural a presença do Corredor Cultural Jorge Amado no município de Ilhéus³¹.

Não resta dúvida que tais investimentos causaram impactos no turismo não só em Ilhéus, mas em toda a região Nordeste. Exemplo disso é o número de passageiros desembarcados em vôos nacionais para os estados nordestinos. Só em 2004 totalizaram 6.367 mil passageiros. Esse número representou um aumento de 142% em relação ao observado em 1994. Vale ressaltar que nesse período, o número de

³¹Fonte:http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/polos/gerados/prodetur_polos_bahia_litsul.as
p. Acesso em 16/02/2010

passageiros em vôos regulares cresceu 134% enquanto que o de vôos *charters*³² aumentou 228%. De acordo com Cruz (2005, p. 33).

...todos os estados nordestinos apresentaram acréscimo significativo no volume de passageiros desembarcados com destaque para Bahia (211%)³³. (PEDROSA e FREIRE, 2005). A cidade de Ilhéus teve uma alta de 18%, com 207 mil passageiros desembarcados no Aeroporto Jorge Amado, em todo o ano passado³⁴. Os investimentos públicos que se dão prioritariamente na criação de infraestrutura, visam possibilitar o desenvolvimento das atividades turísticas. Como já foi dito a construção de importantes ligações rodoviárias como: a rodovia BA-001 ligando Ilhéus a Itacaré³⁵, que de acordo com Oliveira (2008, p. 57), foi à obra que consumiu mais recursos: US\$ 18,058 milhões [...]. Aliás, o Prodetur-NE transformou o litoral nordestino em um extenso “canteiro de obras” como resposta às demandas de um almejado turismo massivo e internacionalizado

Sem dúvida, a atuação das forças hegemônicas em Ilhéus por meio das ações estratégicas, políticas públicas de turismo e projetos estruturantes expõem a tendência dessas forças clientelistas e consequentemente as transformações da cidade no processo de adequação ao uso turístico. No capítulo a seguir mostraremos as consequências da atuação dessas forças, ou seja, os lugares da cidade que revelam de forma mais significativas esse processo.

³² Vôo charter - ou fretado é aquele previamente reservado e pago para empresa aérea por meio de um pool de operadoras. Fonte Folha Online. Disponível em www.folha.com.br. Data de acesso 18/06/2010.

³³ Fonte: Relatório final de projeto (project completion report – pcr) Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste primeira fase PRODETUR/NE I - memorando do Banco do Nordeste do Brasil S.A. órgão executor empréstimo 841/OC-BR projeto BR-0204

³⁴ Fonte: <http://www.ciadanoticia.com.br/v1/2011/01/27/desembarques-aereos-crescem-na-bahia/>. Acesso em 12/12/2010

³⁵ O município de Itacaré situa-se na Costa do Cacau, distante 428 km da capital do Estado e 65 km de Ilhéus. As vias de acesso rodoviário para o município são a BR 330, na altura de Ubaitaba utilizando-se a BR-101 como acesso e a Rodovia Ilhéus / Itacaré (BA-001), via BR 324. A área territorial é de 730 km² de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao censo 2000, o município de Itacaré ocupa uma área de 730 Km² com 18.120 mil habitantes, sendo que aproximadamente 60% da população concentram-se na zona rural.

4.O TURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM ILHÉUS A PARTIR DE 1990

As transformações socioespaciais na cidade de Ilhéus estão associadas de maneira inexorável ao turismo, importante atividade econômica que se articula à tendência de transformação do espaço em mercadoria e que, traz em seu bojo a característica intrínseca de agente modificador do espaço. Por isso, Ilhéus está se transformando inteira com o objetivo precípuo de atrair turistas.

Deste modo, o que mudou na cidade a partir de 1990, nosso recorte temporal? Que lugares revelam de forma mais expressiva as transformações pelo/para o turismo? De acordo com Dr. José Nazal Pacheco (chefe de Gabinete da Prefeitura de Ilhéus), Robert Godoy (Diretor da Associação de Turismo de Ilhéus – ATIL) e Maurício Torres (chefe de serviços turísticos da SETUR/Ilhéus), o centro antigo é o espaço da cidade que mudou de forma mais expressiva. De acordo com nossa pesquisa além do centro histórico, outras áreas a beira mar e na periferia, também revelam esse processo de mudanças, como analisaremos no item a seguir. .

4.1 Os lugares da cidade que apresentam, de forma mais intensa, as transformações socioespaciais pelo e para o turismo.

O centro antigo é a parte da cidade que revela de forma mais expressiva as transformações socioespaciais pelo/para o turismo. Durante uma entrevista o Dr. José Nazal Pacheco Soub disse:

...sem sombra de dúvida o centro antigo é a parte da cidade que mais mudou, com a implantação de empreendimentos turísticos, criação do Quarteirão Jorge Amado, no centro histórico da cidade, com o Circuito Cravo e o Circuito Canela. Implantação da sinalização turística que altera o visual, principalmente no centro antigo, algumas reformas na infraestrutura viária para atendimento do fluxo de veículos, de modo especial nos meses do verão, dentre outros.

De acordo com as informações do Secretário de Gabinete da Prefeitura, o centro antigo da cidade de Ilhéus, hoje, chamado de “Centro histórico”, passou por um intenso processo de ressignificação, para se adequar às necessidades de expansão das atividades turísticas. Para tanto, foram feitas algumas intervenções urbanas. Por

exemplo, algumas ruas onde se localizam determinados prédios que outrora serviram de moradia aos coronéis do cacau, foram transformadas em calçadas, no intuito de permitir aos turistas transeuntes uma melhor visualização e acesso aos prédios históricos. Como exemplo, podemos citar: a antiga Rua Coronel Adami, que em 1991, passou a se chamar Rua Jorge Amado. Nessa rua se localiza a Casa de Cultura Jorge Amado, antiga residência da família do escritor, que agora recebe visitas monitoradas. Lá estão expostos objetos pessoais do autor, bem como livros e fotos.

A Rua Jorge Amado, hoje ressignificada foi transformada em calçada (figura 48) e teve o tráfego de veículos proibido (Torezani, 2007). Nesse processo de transformação para se adequar ao turismo acontece em Ilhéus um fenômeno semelhante ao descrito por Carlos, (2007, p.51) que diz: “a cidade transforma-se no espetáculo do consumo, as ruas são redimensionadas e ganham outro conteúdo que tende a eliminar o lúdico, pois se transforma em lugar de passagem”. Embora a autora não se refira a Ilhéus, esse fenômeno pode ser verificado em fragmentos da cidade ressignificados pelo turismo.

Fig. 48 - Calçada da Rua Jorge Amado.

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/33674096>. Acesso em 15/03/2011

As transformações nesse pedaço da cidade (centro histórico) se intensificaram ao longo dos anos de 1990. Nessa mesma década, a Secretaria de Turismo e a Fundação Cultural de Ilhéus criaram o “Projeto Quarteirão Jorge Amado”, com apoio da Petrobras. De acordo com Menezes (2004, p. 82), trata-se de:

[...] uma iniciativa que tenta dinamizar o turismo. Foi idealizado pela Secretaria de Turismo de Ilhéus – SETUR, juntamente com a Fundação Cultural de Ilhéus – FUNDACI, que delimitaram a área, selecionaram os prédios e monumentos ligados, em sua maioria, a obra amadiana e elaboraram folhetos contendo informações sobre cada patrimônio. Os prédios foram selecionados de acordo com a sua importância histórica e estão espalhados pelo centro da cidade. O Quarteirão foi dividido em dois circuitos, o Cravo e o Canela, fazendo alusão ao famoso romance. A escolha dos patrimônios que compõem cada circuito foi feita de acordo com a proximidade entre eles. [...] O projeto Quarteirão Jorge Amado inclui obras de recuperação total ou parcial dos casarões, que nem sempre respeitam as suas características originais.

Vale dizer que o centro da cidade se localiza numa ilha artificial formada pelos rios Almada, Cachoeira e Fundão e ainda pelos canais Jacaré e Itaípe, construído no final do século XIX para facilitar a passagem das canoas que transportavam o cacau vindo da região do rio Almada até o antigo porto (HEINE, 2004). O Quarteirão Jorge Amado está localizado nessa ilha (LEME, *et al.*, 2008, p. 7). Trata-se de um recorte do centro da cidade que compreende dois circuitos: Cravo e Canela (figura 49)

Figura 49 – planta do centro - circuitos Cravo e Canela

Fonte: Setur/ Ilhéus 2010

O Circuito Cravo compreende a Catedral de São Sebastião, (figura 50), Bar Vesúvio, (figura 51), Teatro Municipal, (figura 52), Casa de Cultura Jorge Amado, (figura 53), Associação Comercial de Ilhéus, (figura 54), Estátua de Sapho, (figura 55), Palácio Paranaguá, (figura 56), Igreja Museu São Jorge, (figura 57), Casa do Coronel Misael Tavares, (figura 58) e Casa de Tonico Bastos, (figura 59).

Fig. 50 - Catedral de São Sebastião
Foto – Moreira 2011

Fig. 51 - Bar Vesúvio
Foto – Moreira 2011

Fig. 52 - Teatro Municipal
Foto - Moreira 2011

Fig. 53 - Casa de Cultura Jorge Amado
Foto - Moreira 2011

Fig. 54 - Associação Comercial de Ilhéus
Foto – Moreira 2011

Fig. 55- Estátua de Sapho
Foto – Moreira 2011

Fig. 56 - Palácio de Paranaguá
Foto - Moreira 2011

Fig. 57 - Igreja Museu São Jorge
Foto - Moreira 2011

Fig. 58 - Casa do Coronel Misael Tavares
Foto - Moreira 2011

Fig. 59 - Casa de Tonico Bastos
Foto - Moreira 2011

O Circuito Canela é composto pelo Ilhéos Hotel (figura 61), Restaurante do Coronel, (figura 62), antigo Porto de Ilhéus, (figura 63), Bataclan, (figura 64), Restaurante Velhos Marinheiros, (figura 65), Cristo Redentor (figura 66) e Outeiro de São Sebastião (figura 67).

Fig. 60 - Ilhéos Hotel

Foto – Moreira 2011

Fig. 61 – Antigo Porto de Ilhéus - 1990

Fonte – www.codeba.com.br. Data de acesso: 25/12/2010

Fig. 62 – Bataclan
Foto – Moreira 2011

Fig. 63 - Restaurante Velhos Marinheiros
Foto - Moreira 2011

Fig. 64 - Cristo Redentor
Foto - Moreira 2011

Fig. 65 - Vista do Outeiro de São Sebastião
Foto - Moreira 2011

Alguns dos prédios acima citados foram refuncionalizados, para se adequar às exigências do turismo. É o caso do antigo cabaré Bataclan que após a restauração passou a abrigar um salão de eventos culturais (figura 66 e 67).

Fig. 66 - Ruínas do Cabaré Bataclan - 1980

Fonte: Bahia Map.com. Disponível em: http://www.bahiamap.com/html/ilheus_-_bataclan.html. Data de acesso 25/03/2011

Fig. 67- Bataclan restaurado - 2005

Fonte: Bahia Map.com. Disponível em: http://www.bahiamap.com/html/ilheus_-_bataclan.html. Data de acesso 25/03/2011

A figura acima mostra como ficou o prédio do antigo cabaré Bataclan após a restauração.

O cabaré Bataclan tornou-se famoso por ser importante cenário no livro *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. Ali os coronéis do cacau iam em busca de diversão quando vinham das fazendas para acertar negócios e vender cacau. Do ponto de vista da arquitetura, esse prédio não tem grande valor. Seu valor é cultural e está diretamente ligado à obra amadiana. É um dos locais mais procurados pelos turistas, que querem visitá-lo. Andou em ruína durante muito tempo e, no final da década de noventa, teve a fachada restaurada; foi reconstruído e transformado em espaço cultural. Era uma casa de diversão, com cassino, mulheres, música e bebida. Segundo depoimento de pessoas mais velhas, o cabaré não ocupava os dois andares, estava localizado apenas na parte de cima do prédio. No primeiro andar existia um armazém de secos e molhados, onde se guardavam mantimentos trazidos pelos navios. Na década de trinta o Bataclan não mais existia. Ainda segundo depoimentos, mais tarde, o prédio passou a ser do cabaré de Juninha. A dama do Bataclan chamava-se Antonia Machado (Maria Machado no romance *Gabriela*). O prédio encontrava-se em ruínas e foi desapropriado pelo prefeito, em 1984, para ser transformado em espaço cultural. Após a reconstrução, realizada numa parceria da Prefeitura Municipal com a Petrobrás, foi transformado em espaço cultural, com café, local para exposições e uma réplica do quarto de Maria Machado. Com dois meses de inaugurado, já havia recebido mais de onze mil visitantes³⁶.

A estratégia é tornar a “história alvo de contemplação e a cidade o campo de grandes eventos” (CARLOS, 1999). De acordo com Alves (2010, p. 56), “é nesse contexto que vemos surgir projetos específicos para a revalorização do centro (histórico) da cidade, em uma ação conjunta do Estado e instituições particulares [...], procura recuperar o centro como referência simbólica”. O centro antigo de Ilhéus se transformou sem sombra de dúvida em referência simbólica no âmbito do turismo. De acordo com Torezani (2007, p.144-145),

³⁶ Ilhéus com amor. Disponível em <http://ilheuscomamor.wordpress.com/patrimonio-historico/bataclan/>. Acesso em 23/07/2011

...com este projeto, a Praça J. J. Seabra (figura 68) foi reformada, com cimento claro nos passeios e detalhes de arenito, tornaram-se os jardins e canteiros mais ampliados, além do plantio de grama e árvores, instalações de telefones públicos, bancos, luminárias e quiosques. Também foram protegidas com grades e iluminação as estátuas italianas de Sapho e Inverno, esculpidas em mármore de Carrara. O Bar Vesúvio também foi reformado e depois foi passado à iniciativa privada para ser explorado comercialmente. O prédio foi reformado, várias vezes, mas mantém as características originais. [...]. Em 2003, após a conclusão da revitalização do *Circuito Cravo*, iniciaram-se as obras no *Circuito Canela*. Essas compreenderam a reurbanização da Praça J.J. Seabra e intervenções nas ruas Jorge Amado, (figura 69), Santos Dumont e Antônio Lavigne (figura 70), transformadas em calçamento. Desde então, foi implantado um ponto de informação turística na Avenida Soares Lopes. Todas essas obras foram referentes ao *Circuito Cravo*. No caso do *Circuito Canela*, as ruas Coronel Paiva, a Praça José Marcelino e a Avenida Dois de Julho sofreram intervenções, que incluíram investimentos em infraestrutura básica e turística com a implantação de telefones públicos, luminárias e quiosques de serviços.

Fig. 68- Praça J.J. Seabra

Fonte: <http://informegeralitabuna.blogspot.com/2011/04/contas-de-2010-da-prefeitura-e-camara.html>

Fig. 69 - Calçada Jorge Amado- sentido praia
 Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=463276>

Fig. 70 - Rua Antônio Lavigne
 Fonte: Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=463277>

As intervenções feitas na cidade de Ilhéus obedecem a uma racionalidade devido à competitividade entre produtos turísticos que se dá hoje em escala global. Mas, vale dizer que tais ações deixam claro que “a crescente importância econômica do turismo é causa e consequência da sua ampliada necessidade de intervenção espacial” (CRUZ, 2005, p. 8). Os investimentos no centro de Ilhéus, sobretudo no setor do turismo, representam uma tentativa de inserção da cidade no circuito turístico nacional. A ideia é dinamizar esse setor na cidade e, com isso, dar um novo impulso a economia que sofre ao longo de décadas com a estagnação econômica.

A concorrência pelo produto turístico com outras cidades forçou de certa maneira o poder público em conjunto com a iniciativa privada a pensar estratégias para tornar a cidade mais convidativa. De acordo com Cruz (2006, p. 3).

Ingressar no competitivo rol dos destinos turísticos nacionais e internacionais não é objetivo fácil de ser alcançado. Tornar-se um destino turístico nacional e internacionalmente conhecido é resultado de um feixe de ações e relações, fatores endógenos e exógenos cujo comando, no mais das vezes, não pertence ao lugar receptor. Ao contrário, a hegemonia dos mais importantes pólos emissores do País e do mundo se pode fazer sentir sobre muitos dos destinos turísticos do mundo e do País.

Todas as ações e estratégias adotadas em Ilhéus de acordo com Carneiro, (*et. al.*, 2011.p 64) tiveram por finalidade atender as expectativas da atividade turística da região atrelada ao forte apelo de desenvolvimento econômico. Mas, certamente objetivaram a inserção da cidade no rol dos destinos turísticos em escala nacional.

Todo o centro da cidade e não apenas o chamado “centro histórico”, onde se localiza o bairro Jorge Amado, recebeu atenção especial do governo municipal não por acaso, mas, porque reunia toda uma materialidade necessária ao desenvolvimento do turismo. A ressignificação do centro pelo turismo implicou no adensamento de serviços ligados ao turismo (restaurantes, bares, cinemas, agências de turismo, lojas de artesanatos, entre outros), mas vale dizer que a maioria desses serviços se concentra na avenida mais valorizada da cidade – a Soares Lopes situada no centro da cidade. Nela também se localiza o Centro de Convenções Luís Eduardo

Magalhães³⁷ (figura 71), construído para atender exposições, convenções, conferências, cafés, concertos e shows.

Figura 71 – Centro de Convenções Luís Eduardo Magalhães

Fonte: SkyscraperCity. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=420335>

³⁷ Luiz Eduardo Magalhães (ex-deputado federal) era filho do ex-senador Antonio Carlos Magalhães - um político que exerceu grande influência na política baiana. Quando Luiz Eduardo faleceu no ano de 1998 recebeu várias homenagens *post-mortem* dos políticos aliados a Antonio Carlos. Como exemplo citamos a criação do município baiano Luiz Eduardo Magalhães (antigo povoado - Mimoso do Oeste) localizado a 947 km de Salvador – capital do estado. A criação do município se deu pela Lei 7619/00 que foi alvo de muitas críticas, considerada inconstitucional. Também foram criados mais de 20 colégios com o nome do deputado em quase todo estado. Várias avenidas, casas de espetáculos e centros de convenções como o de Ilhéus também receberam o nome do deputado. Além disso, a mudança de nome do Aeroporto Internacional Dois de Julho (data da independência da Bahia) para Aeroporto Deputado Luiz Eduardo Magalhães também foi alvo de críticas da oposição. A influência de Antonio Carlos Magalhães criou na Bahia a corrente política Carlismo. A definição do verbete não consta em nenhum dicionário oficial da Língua Portuguesa. Mas a expressão, de tão popular, transformou-se em sinônimo do poder do mais influente político baiano. Fonte: Folha.com. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u306235.shtml>. Data de acesso 20/06/11

A Soares Lopes (figura 72) é uma das poucas áreas totalmente verticalizadas da cidade. Famosa por abrigar jardins que foram projetados pelo arquiteto Roberto Burle Max é também espaço de festas como carnaval e outras festividades. A Soares Lopes já passou por várias intervenções que incluíram iluminação pública, ordenamento visual e sonoro. De acordo com Vidal (2009, p. 64) além de uma excepcional vista panorâmica,

... nesta avenida não há tráfego de transporte coletivo e o fluxo de veículos é moderado, predominando o uso residencial com construções de alto padrão (na Avenida Soares Lopes teve início o processo de verticalização da cidade), e o uso comercial destinado ao lazer, cultura e serviços.

Fig. 72 – Verticalização da Avenida Soares Lopes

Foto: Moreira 2011

Os imóveis na Soares Lopes são em média 40% mais caros que em outra área da cidade. Para se ter uma ideia um imóvel de três dormitórios, sala, cozinha e banheiro varia entre R\$ 500.000,00 (US\$ 320.924) e R\$ 800.000,00 (US\$ 513.479). Em outros bairros menos valorizados um imóvel com as mesmas características não ultrapassa R\$ 250.000,00 (US\$ 160.462). As características físicas dessa avenida justificam a sua valorização. A Soares Lopes é dotada de uma boa infraestrutura (pavimentação, iluminação, saneamento básico, coleta regular de lixo, praças e jardins) e se localiza na orla central.

Além do centro, outras frações da cidade também foram remodeladas e/ou adaptadas para atender as exigências desse novo ramo da economia que se articula a tendência de transformação do uso em troca. Parte da zona rural de Ilhéus hoje concentra atividades voltadas ao turismo. Antigas fazendas de cacau foram contempladas com restaurantes, hospedarias, trilhas e outras práticas para receber turistas interessados não só em passeios ecológicos, mas em conhecer a história do cacau e o processo de produção desse fruto.

O porto que fora construído com a finalidade de escoar mercadorias, principalmente o cacau, conta agora com um receptivo de transatlânticos que aportam em Ilhéus, durante a temporada de cruzeiros no Brasil³⁸. Faz parte do receptivo aos cruzeiristas além da distribuição de folder promocional um tarifário com preços de serviços, restaurantes bares entre outros. A estratégia é auxiliar o turista no consumo de um modo geral. Além disso, todo um apoio logístico também é disponibilizado para o turista. Este compreende uma estrutura mínima, que envolve segurança, tendas de informações, provimento de água, alimentação entre outros.

³⁸ De acordo com Maurício Torres - chefe de serviços turísticos, o receptivo e o apoio logístico aos turistas só está sendo possível em razão de um acordo entre a Prefeitura de Ilhéus e a Companhia Docas do Estado da Bahia (CODEBA). O acordo prevê que os táxis e vans possam entrar no Porto Internacional de Ilhéus para transportar os turistas. Além disso, o porto está limitado à atracação de um navio de passageiros por vez de acordo com a Resolução da Autoridade Portuária. Ele ainda acrescenta que apesar de todos esses entraves, os cruzeiros hoje são responsáveis pela dinamização da economia da cidade uma vez que gera emprego e renda ainda que temporários. Segundo dados da Secretaria Municipal do Turismo (Setur), durante a alta estação os turistas de cruzeiro geram uma receita de cerca de R\$ 6,5 milhões por ano. "Esses turistas aumentam o consumo em lojas, restaurantes, artesanato, táxis, vans, ônibus, entre outros".

Outro espaço da cidade que sofreu mudanças para se adequar ao turismo foi o aeroporto Jorge Amado (figura 73) principal porta de entrada de turistas para a costa do cacau. O aeroporto que conta atualmente com um pátio com três posições para vôos comerciais e dois portões de embarque, seis balcões de *check-in* e um estacionamento para automóveis, foi reformado: a pista para pouso e decolagens foi ampliada, para receber mais vôos vindos principalmente do sudeste do país.

Fig. 73 - Aeroporto Jorge Amado
Foto: INFRAERO - adaptação Moreira 2011

De acordo com Robert Godoy (ATIL)³⁹ o aeroporto possui 40 anos. Neste período as reformas estruturantes foram de equipamento, estacionamento, entre outras. As reformas operacionais do ponto de vista de ampliação de pista, áreas de segurança, entre outras são impossibilitadas pela limitação e localização do terreno⁴⁰. Em razão

³⁹ Entrevista concedida em janeiro de 2010

⁴⁰ A ANAC alega que não há área de escape no aeroporto de Ilhéus, assim como no aeroporto paulista. (Componhas). Outro problema seria os obstáculos para o vôo. Eles consideram perigosa a situação da cabeceira 29-leste do aeroporto, onde, após a pista, há uma avenida que dá acesso a BA-001 e onde estão instalados hotéis e postos de combustíveis. Por isso desde 2007 algumas companhias aéreas pararam de operar em Ilhéus com aeronaves A320, que tem maior capacidade de passageiros e carga,

desse problema a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) proibiu pouso e decolagem de aeronaves de grande porte e vôos noturnos operados por instrumentos em dias de mau tempo, fato que segundo Maurício Torres (chefe de serviços turísticos) prejudica sensivelmente o turismo na cidade. Pois além de limitar a quantidade de vôos e o tamanho das aeronaves também encarece o valor da passagem⁴¹.

No intuito de solucionar o problema desde 2005 por meio do decreto 9.997, foi desapropriada uma área na zona norte de Ilhéus, onde será construído um novo aeroporto, com perfil regional e capacidade para operações de vôos internacionais. De acordo com a Agência de notícias UPB (2011)⁴², a área declarada como de utilidade pública fica no quilômetro 13 da BA-001, na altura do loteamento Jóia do Atlântico, medindo 7.563.438,05 metros quadrados e foi escolhida depois de parecer técnico elaborado pelo Instituto de Aviação Civil. O decreto autoriza o Departamento de Infraestrutura de Transporte da Bahia (DERBA) a promover os atos administrativos e judiciais, se necessário em caráter de urgência, com vistas à desapropriação de que trata este Decreto.

Também determina que se providencie a liquidação e o pagamento das indenizações. De acordo com Maurício Torres o novo aeroporto terá pista com três mil metros de extensão, o que vai permitir pouso e decolagem de aviões internacionais diretamente em Ilhéus. De acordo com a ANAC (2010) a pista do Jorge Amado, atualmente em funcionamento, conta 1.577 metros, medida insuficiente para operações com aeronaves de maior porte.

A orla no sentido norte/sul (figura 74) também passou por um intenso processo de mudanças. Como exemplo, podemos citar: o adensamento de casas de veraneio, *resorts*, hotéis, pousadas e condomínios de luxo. A pavimentação de importantes vias de acesso (BA-001) e a rodovia Ilhéus/Olivença. Além de equipamentos urbanos (iluminação, calçamento, quiosques de informações turísticas).

passando a operar com aeronaves menores. Em 2008 a ANAC proibiu os vôos noturnos por meio de instrumentos. Além disso, estariam proibidos de decolar e de pousar no aeroporto, também durante o dia, quando houvesse neblina ou fortes chuvas. Fonte: A Tarde *on line*. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=951451>. Acesso em 16/02/2010.

⁴¹ Para se ter uma ideia do quanto a passagem para Ilhéus encareceu: um vôo direto de São Paulo a Salvador (percurso 2 mil quilômetros) fora do período de temporada custa em torno de \$150.00.(US\$ 96.451) Para Ilhéus custa em torno de \$ 550.00.(US\$353.652)

⁴² Disponível em <http://agenciadenoticiasupb.blogspot.com/2006/05/valderico-comemora-confirmao-de.html>. Acesso em 30/03/2011

Fig. 74 - Mapa com ilustração do Litoral Norte e Sul de Ilhéus

Fonte: SETUR/ ILHÉUS 2010 (sem escala no original)

De acordo com Góes *et. al.* (2010) a expansão da malha urbana para a zona Sul teve início na década de 1980, viabilizada pela construção da ponte governador Lomanto Junior em 1966. Até 1981, a expansão se limitou as imediações do aeroporto, no bairro Pontal. A partir daí se expande até Olivença. Nos anos 1990 a expansão urbana segue para o litoral Norte (figura 75) em direção a Itacaré. Segundo Oliveira (2008, p. 21), além do litoral Sul, tendo Olivença como referência, a expansão turística voltou-se para o litoral Norte. Em razão dessa expansão o litoral Norte passou por muitas mudanças de seu espaço físico. Sobre tais mudanças Magalhães (2006, p 95) assinala:

...a orla Norte foi pavimentada e iluminada, as cabanas de praias revitalizadas; na Avenida Luis Eduardo Magalhães

foram instalados equipamentos desportivos, restaurantes e ciclovia; as praças do centro da cidade foram equipadas com parques infantis (no segundo semestre de 2003).

Fig. 75 - Vista área do litoral Norte de Ilhéus

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/fabiocoppola/3865845905/>

De acordo com Prefeitura Municipal de Ilhéus, o litoral norte foi contemplado com um projeto executivo de urbanização com execução prevista a partir de 2011. As obras serão realizadas em duas etapas e consumirá cerca de R\$ 1 milhão (US\$ 643.000). O ministério do Turismo participa com um montante de 640 mil reais (US\$ 411.523) e o Município pretende participar com o restante. De acordo com a concepção do projeto, a urbanização contará com:

...obras de drenagem, pavimentação com paralelepípedos, calçada, sinalização vertical e horizontal. Na terceira etapa, a obra será complementada através da implantação de um deck de madeira no local onde existe a imagem da sereia, bancos,

iluminação indireta, sanitários e dois quiosques para a comercialização de coco verde e acarajé. No projeto também está prevista a construção de um mirante, na área em que se avista a foz do rio Almada e iluminação da praia do Norte⁴³.

O Litoral Sul já consolidado (figura 76) também foi contemplado com projeto de urbanização. As ações envolveram novo sistema de drenagem pluvial, dos dois lados do trecho da rodovia Ilhéus/Olivença e terraplanagem; reurbanização da área que compreende o marco zero da rodovia Ilhéus/Olivença até o trevo que dá acesso ao bairro Ceplus, na zona Sul da cidade. O projeto Orla Sul inclui ainda ciclovia e canteiros com jardins, pavimentação das duas vias paralelas e novo sistema de iluminação, que vai contemplar o trecho que integra o projeto Orla Sul com 72 novos postes.

⁴³ Fonte: http://www.ilheus.ba.gov.br/headline.php?n_id=634&u=0%5C

Fig. 76 - Litoral Sul - vista aérea do Morro de Pernambuco e a enseada do Pontal
Foto: Jose Nazal SOUB (2007)

De acordo com secretário da Infraestrutura da Prefeitura Municipal de Ilhéus, Marconi Queiroz, o projeto foi viabilizado por meio do Programa Brasil Turismo, do Ministério do Turismo, em parceria com a Caixa Econômica Federal (CEF) e a Prefeitura Municipal de Ilhéus⁴⁴. Cabe destacar que de acordo com Dr. José Nazal Pacheco (2011), a Zona Sul é a área que compreende os bairros mais valorizados da cidade em função do turismo. Segundo ele,

...essa valorização se deu de modo especial pelo planejamento realizado com a implantação dos loteamentos, com o crescimento ordenado, ainda que haja o grande problema da ausência de coleta dos efluentes em grande parte da área.

Robert Godoy (2011) acrescenta que a valorização dessa área também se dá pela localização. Pare ele “as praias da zona sul, a princípio são melhores se comparadas com as do centro que geralmente são poluídas”. Godoy (2011)⁴⁵ afirma que outro indicativo de valorização e, consequente transformação da Zona Sul, se deu pela “expansão dos bairros e condomínios na faixa litorânea”. Fato confirmado pelo Secretario de Gabinete da Prefeitura Municipal – Dr. José Nazal Soub.

As praias do Sul (figura 77) e Olivença também foram contempladas no ano de 2002 no Plano Estratégico de Turismo para Ilhéus - PET, cuja proposta consistia na preparação de um planejamento turístico integrado com as demais cidades da Costa do Cacau. Em 2003, foram indicadas no PET novas ações e novas áreas de atuação, dentre elas se destaca o litoral Norte com projeto de urbanização e recuperação da Av. Litorânea Norte, com a construção de um calçadão com bancos, iluminação noturna na praia, asfalto e integração com o projeto urbanístico que inicia no Malhado. Ligação da Av. Litorânea Norte com o bairro São Miguel por meio da construção de uma ponte.

⁴⁴ Fonte: www.jornalbahiaonline.com.br/index.asp?noticia=10772. Acesso em 21/03/2010

⁴⁵ Entrevista concedida em 20/01/2011

Fig. 78 - Praia no Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Na zona norte é significativa a expansão da urbanização pautada no reforço da atividade turística⁴⁶. No caso do Litoral Sul, o processo de urbanização é um pouco mais antigo. Data da década de 60 do século XX, mais precisamente a partir da construção da ponte sob o rio Cachoeira em 1966. Aliás, essa ponte é considerada um importante vetor não só de expansão urbana, mas também de impulso das turísticas na zona sul da cidade. Já no litoral norte o maior impulso tanto para a expansão urbana quanto para incremento das atividades turísticas se deu com a construção da estrada Ilhéus/Itacaré em 1998.

⁴⁶ Tanto no que se refere à criação de *resorts*, clubes e outros equipamentos como de residências de veraneio.

Segundo Oliveira (2008, p. 93), em 1998 foi asfaltada a estrada Ilhéus/Itacaré, dando um grande impulso no setor turístico da área, com a implantação de novos empreendimentos hoteleiros, bares, restaurantes e equipamentos de lazer. Entretanto, na Zona Sul, o adensamento de imóveis chamados de segunda residência⁴⁷, loteamentos, hotéis e pousadas é mais significativo, pois se trata de fenômeno mais antigo, data dos anos de 1980, período em que a cidade de Ilhéus atendia basicamente um público regional para atividades turísticas. Com o processo de ressignificação do turismo na cidade a zona sul que já tinha toda uma materialidade construída para atender ao turista regional e a elite ilheense se tornou alvo de investimentos desse setor.

De acordo com Dr. Robert Godoy - Diretor da ATIL é bastante expressiva a expansão dos bairros e condomínios na faixa litorânea Sul. Segundo ele na zona sul da cidade de modo espacial estão às áreas mais valorizadas. Para se ter uma ideia de valores de acordo com Nelson Tubino (Consultor da Residenci Internatinal Realty – Corretores Associados) num período de dez anos um terreno de 140m² na zona sul saltou de R\$ 20.000 (U\$12.378,54) para R\$140.000 (U\$ 86.649,75). Um terreno nesta mesma área de aproximadamente 1.000m² hoje, varia de R\$ 300.000 (U\$185.678,03) a R\$ 400.000 (U\$ 247.570,71)⁴⁸. Essa valorização se dá de acordo com a localização. Os terrenos localizados a beira mar são mais valorizados. As casas localizadas nos condomínios variam de R\$ 800, 000(U\$ 495.141,42) a R\$1.5000.00 (U\$928.390,17)

Durante os trabalhos de campo constatamos *in loco* que o processo de adensamento de condomínios e loteamentos no litoral sul é realmente algo significativo. Fotografamos alguns desses empreendimentos localizados na Rodovia Ilhéus/Olivença (figuras 78-80) loteamentos (figura 81- 83) condomínios.

⁴⁷ Imóveis de uso esporádico

⁴⁸ Essa variação se dá em função da localização. Os terrenos de frente para o mar chegam a custar 30% mais caro. Fonte: Residenci Internatinal Realty – Corretores Associados

Fig. 78 - Loteamento em fase de construção na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul – ao fundo área sendo desmatada
Foto: Moreira 2011

Fig. 79 - Loteamento na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 80 - Loteamento na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 81 –Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 82 –Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 83 –Condomínios localizado na estrada Ilhéus/ Olivença – Litoral Sul
Foto: Moreira 2011

O setor hoteleiro é também um indicativo das transformações socioespaciais em Ilhéus. Para suportar o fluxo de visitação turística, a cidade possui uma extensa rede de hotéis, pousadas, chalés, albergues e áreas para *camping*, apresentando dessa forma, diversas alternativas de acomodação. Hoje, de acordo com Robert Godoy – Diretor da ATIL.

... Nos anos 2000 a quantidade de meios de hospedagem cresceu algo em torno de 30%, saindo de 120 nos de 1990 para 156. Apesar de que muitos fecharam, outros mudaram de proprietários, etc., contudo, a quantidade de leitos existentes em sua maioria foi crescendo, justamente para suprir uma demanda sazonal, ou seja, muitos hóspedes no verão e poucos na baixa estação.

De acordo com Magalhães (2006, p. 79) apostando no crescimento do fluxo turístico ilheense, o parque “pousadeiro” (maior número de pousadas que de hotéis) do município de Ilhéus se estruturou. No ano de 2006, a cidade de Ilhéus já contava com: 134 empresas subdivididas da seguinte forma: 3 *resorts*, 16 hotéis, 103 pousadas e 12 chalés, albergues e *campings*, perfazendo um total de 8.000 leitos.

De acordo com Oliveira (2008) apesar do crescimento do número de leitos ter sofrido um aumento significativo em 1990, o processo de crescimento dos empreendimentos voltados para a hospedagem e lazer na cidade é anterior. Na década de 1980, foram inaugurados dois *resorts* (Arraial Canabrava *Resort* Hotel e Farol Tororomba) dando início aos investimentos de capitais oriundos de outros estados. Além de grandes empreendimentos, também pequenos projetos, tipo pousadas, se instalaram no território ilheense. Oliveira, (2008, p. 87) assinala que:

...em 1981, um grupo empresarial suíço descobre as potencialidades regionais e introduz um novo estilo de hotel – os *resorts*. O capital dos suíços administrado pela *holding* Corviglia inaugura em Ilhéus um novo tipo de gestão: o turismo empresarial, de forma a corresponder à demanda de seu público alvo

A *holding* Corviglia inaugurou em Ilhéus também nos anos de 1980 o Hotel Jardim Atlântico, um empreendimento cinco estrelas, localizado na rodovia Ilhéus-Olivença no litoral Sul. A infraestrutura garantida pelo poder público (saneamento básico, iluminação, coleta de lixo e transporte) garantiu a expansão desse setor na

cidade de Ilhéus na zona Sul. Vale dizer que outros aspectos também contribuíram para esse evento como discutiremos abaixo.

De acordo com Silva (2002) depois da construção da ponte Ilhéus/Pontal muitos empresários resolveram construir hotéis do outro lado, no bairro do Pontal, atraídos pela proximidade com o aeroporto. A localização também é um fator que exerce grande influência na escolha dessa área para desenvolver algum empreendimento. Segundo Godoy (2011)⁴⁹ a valorização da zona Sul se dá fundamentalmente pela localização das melhores praias, se comparadas com as do centro consideradas poluídas e sujas. Em especial a praia dos milionários porque conta com a melhor infraestrutura (cabanas, restaurante, bares, estacionamento e quiosques). Nessa praia existe uma grande concentração de cabanas (figura 84) algo que atrai os turistas devido à comodidade. Nessas cabanas são servidas refeições e bebidas além de se disponibilizar cadeira e guarda sol para os turistas que optam pelo banho de sol.

Fig. 84 - Cabanas de praia (restaurante e bar) na estrada Ilhéus/Olivença – Zona Sul de Ilhéus.
Foto: Moreira 2011

⁴⁹ Entrevista concedida em 20/01/2011

Também se localizam na zona sul o *ecoresort* Tororomba (figura 85), o *resort* Canabrava (figura 86) e o balneário Tororomba (figura 87 e 88) Ao longo da estrada Ilhéus/Olivença impressiona a quantidade de empreendimentos do setor de hospedagens. (figuras 89 e 90)

Fig. 85 - *Resort* Tororomba no litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 86– Vista aerea do Cana Brava Resort Hotel
Fonte: <http://pt.ammeo.com/brasil/ilheus/cana-brava-resort-hotel.html> - 2011

Fig. 87 - Balneário Tororomba

Fonte: <http://releasehoje.blogspot.com/2011/08/olivenca-ilheusba-balneario-tororomba.html>

Fig. 88 - Balneário Tororomba

Fonte: <http://releasehoje.blogspot.com/2011/08/olivenca-ilheusba-balneario-tororomba.html>

Fig. 89 - Pousadas e hotéis ao longo da estrada Ilhéus /Oliveira - litoral Sul
Foto: Moreira 2011

Fig. 90 - Pousadas e hotéis ao longo da estrada Ilhéus /Olivença - litoral Sul
Foto: Moreira 2011

O aumento do número de leitos e estabelecimentos ligados à acomodação dos turistas está articulado com o processo de transformação da cidade a partir do desenvolvimento da atividade turística, posta agora na estratégia de desenvolvimento local pelo poder público.

4.2 O Turismo e a mercantilização do espaço: a cidade de Ilhéus como mercadoria.

As mudanças socioespaciais em Ilhéus na atualidade revelam a nosso ver uma tendência: a transformação do espaço em mercadoria colocando a cidade no cerne dos interesses especulativos do capital produtivo, principalmente em razão da crescente importância econômica do turismo. Essa tendência, principalmente no que diz respeito à comercialização de frações da cidade, nos auxilia na compreensão das estratégias

que se entrelaçam na constituição de um espaço novo ressignificado e limitado pelas necessidades da acumulação capitalista.

Nos anos de 1990, a cidade de Ilhéus entrou definitivamente no circuito da troca. Tal raciocínio se funda no fato de que a partir de 1990, uma maior racionalidade, traduzida na elaboração de diversos planos e ações, se voltou para a ressignificação de fragmentos da cidade para um uso turístico. A venda e a especulação produtiva dos fragmentos da cidade, agora ressignificados (centro histórico, por exemplo), confirma que:

...o turismo representa a conquista de uma importante parcela do espaço que se transforma em mercadoria (e que entra no circuito da troca), como é o caso de praias, montanhas e rios, tornando-se um novo e rentável ramo de atividade produtiva, sob essa determinação. Nesse sentido os lugares passam a ter existência real em decorrência de sua trocabilidade por intermédio da atividade dos promotores imobiliários que se servem do espaço como meio voltado à realização da reprodução. (CARLOS, 1999, p.66).

Em Ilhéus, as áreas transformadas em espaços de atração turística se realizam capturando fragmentos da história e da cultura do cacau, reproduzindo-se enquanto simulacros, aqui entendidos como lugares reproduzidos para o consumo. A cidade passou por um intenso processo de remodelação por meio dos seus fragmentos para atender as exigências desse novo ramo da economia que “... hoje, no século XXI, [...] cresce e alcança as práticas culturais inserindo-as no circuito de valorização do capital” (COSTA, 2010, p.60). Vale dizer que não podemos pensar a fragmentação da cidade como mosaico de parcelas autônomas e independentes umas das outras. Segundo Carlos (2006, p. 86) também é impossível pensar:

...as transformações atuais apenas como um fenômeno econômico produto do desenvolvimento técnico independente de suas determinações sociais, sem enfrentar a realidade da existência da propriedade privada do solo urbano e do desenvolvimento do mundo da mercadoria. [...] A cidade constituída de fragmentos quase autônomos – senão autônomos cuja decorrência imediata é a separação que obscurece os conteúdos da produção da segregação enquanto produto da realização do projeto neoliberal capitalista aplicado de maneira selvagem, através do aprofundamento da miséria com pauperismo, a degradação das condições de vida, a precarização do trabalho; o desemprego em massa com o

desenvolvimento do mundo da mercadoria trás como consequência a construção da ideia de cidadania vinculada ao consumo de bens e serviços que faz da cultura um espetáculo que apoia a construção de uma identidade abstrata fundada no crescimento e poder do mundo da mercadoria.

Diante do exposto surge a questão. No que se transformou o centro histórico de Ilhéus, senão num cenário, onde forma e conteúdo foram reduzidos à condição de atrativos culturais para o consumo? É importante dizer que o espaço, enquanto mercadoria se constitui sob a égide da simulação e da *mimésis*⁵⁰ posto que a produção de representações se articula à criação de uma nova atividade econômica - o turismo. Para Lefebvre (1983, p. 56),

...as representações formam parte de uma estratégia inconsciente, nascem como símbolos no imaginário e se fortalecem virando correntes quase institucionais. Assim, devemos entender o conceito de representação não como a imagem/ reflexo de algo — no nosso caso, o espaço — ou ainda como uma produção desconectada do representado, nem uma reprodução fiel deste.

A valorização da cidade de Ilhéus pelo turismo é sinal de que o próprio espaço se insere de maneira mais intensa no processo de troca. Esse processo aponta para o fato de que ao vender-se o espaço, produzem-se mercadorias para serem consumidas principalmente nos momentos de não-trabalho. O que está em questão, realmente, segundo Carlos (1999 p. 25-39).

...é o fato de que a hora de não-trabalho destinada ao lazer não escapa das regras do mercado; transporte, cultura, viagem, tudo vira mercadoria, e esta transforma lugares e produz uma forma de ele se apropriar: a não-apropriação. O turismo cria uma ideia de reconhecimento do lugar, mas não o seu conhecimento, reconhecem-se imagens antes veiculadas, mas não se estabelece uma relação com o lugar, não se descobre

⁵⁰ A *mimésis* é entendida como imitação [...] é cópia da ideia imutável, que constitui a realidade. Este sentido negativo de *mimésis* - imitação, simulacro -, tal como é empregado por Platão, foi a tradução do termo que se solidou na tradição filosófico-literária ocidental. Fonte Sobre o conceito de *mimésis* e *katharsis* na *Poética* de Aristóteles por Miguel Duclós. Disponível em <http://alissoncastro.sites.uol.com.br/aripoetitexto.htm>. Acesso em 16/06/2010

seu significado pois os passos são guiados por rotas, ruas preestabelecidas por roteiros de compras, gastronômicos, históricos, virando um ponto de passagem (os passos dos turistas são sempre apressados, aí não se fica, só se deixa passar). Fragmentam-se os lugares, exclui-se o feio, afasta-se o turista do pobre, do usual; trajetos feitos por ônibus refrigerados ou *vans* confortáveis com guia de fala mansa e agradável, sempre bem disposto, sorriso nos lábios, naquele estilo absolutamente igual em todo lugar, estereotipado, que infantiliza o turista.

Em Ilhéus, os bairros pobres, as favelas e as ocupações no mangue não estão incluídos entre os pedaços da cidade ressignificados pelo turismo. O turista que visita a cidade não tem contato com essas áreas. Apesar dessa realidade não ser exclusividade de Ilhéus, reforça a idéia de que existe uma lógica excludente e contraditória que aqui buscamos revelar.

O turista que busca Ilhéus é induzido a conhecer o centro histórico, a ter contato com a história da cidade, visitar as igrejas, os antigos casarões, apreciar as belas praias, contemplar a Baía de Pontal e ainda conhecer as barcas de cacau nas antigas fazendas, finalizando com a degustação de chocolate. Ao fazer esse roteiro esse mesmo turista não imagina que esses fragmentos representam o espaço reduzido a 'atrativos naturais e culturais', o espaço que foi e continua sendo compreendido pelas administrações públicas - ao menos no que diz respeito ao turismo - como um puro e simples receptáculo de suas ações às quais devem somar-se as ações dos agentes de mercado (CRUZ, 2006, p.349).

As transformações que emanam da mercantilização do espaço têm seus desdobramentos e aparecem na banalização, na espetacularização e no esvaziamento das relações sociais. Cabe aqui outra questão. O que é a cidade de Ilhéus para o turista que compra um pacote numa agência de turismo, senão uma mercadoria com valor pré-estabelecido que deva ser consumida num tempo programado pelas agências de turismo num *city-tour*? Para usar os termos de Carlos (1999 p. 25-39),

...refiro-me, aqui, aos pacotes turísticos que programam, controlam, vigiam o uso que se impõe sobre um espaço pleno de sentido. É evidente que não se pode dizer que essas cidades sejam simulacros, pois é claro que não o são, o que quero dizer é que o pacote turístico ao controlar, delimitar o turista acaba por ignorar a identidade do lugar, sua história, cultura, modo de vida banalizando-os, pois produz a não-relação, o não-

conhecimento, o distanciamento dado pelo olhar orientado e vigiado que predetermina, preconcebe.

Ainda de acordo com esta mesma autora

... o turista assume uma postura passiva, ele deixa acontecer e se deixa levar por um programa, pelas mãos seguras de um guia. Os pacotes turísticos têm papel importante, pois homogeneizam o comportamento, direcionam a escolha tratando o turista como mero consumidor, delimitam hora, lugar, o que deve ser visto e o que não deve, além do tempo destinado a cada atração num incessante "veja tudo depressa para dizer que viu tudo", registre e fotografe. Desse modo o pacote turístico representa a lei e a ordem estabelecida do perceber o espaço e tempo na sociedade contemporânea, produzidos por uma racionalidade que engendra a passividade. Isso significa a sujeição do turista ao programa da agência, o que faz com que mesmo os chamados "horários livres" acabem sendo despendidos em atividades programadas pelas agências com custos extras. (CARLOS, 1999 p. 25-39),

Vale dizer que a alienação do turista não vem do turismo, mas é reforçada. Diante desse contexto, é evidente que “a produção dos espaços de lazer e turismo aponta, de forma significativa, a passagem da produção ao consumo do espaço na medida em que o próprio espaço entra no circuito comercial, como uma mercadoria a ser vendida a partir de seus atributos particulares” (CARLOS, 2006, p. 84). No turismo a venda das particularidades de cada lugar, o que há ou pode haver de específico, exótico, singular, torna-se uma atração (COSTA, 2010, p.113). O turista que compra um pacote turístico para Ilhéus compra, antes de tudo, o direito de consumir os fragmentos do espaço da cidade, juntamente com a sua história, arquitetura e cultura e objetos (lembrancinhas e artesanato, etc.).

Em Ilhéus, a produção do espaço pelo/para aparece como uma das soluções para as crises do capital produtivo⁵¹. Esse entendimento oferece-nos a oportunidade de, ao analisar a reprodução do espaço pelo turismo⁵², descortinar esse processo em

⁵¹ No caso refiro-me a crise da lavoura cacaueteira que havia em Ilhéus

⁵² Uma atividade econômica que se articula no plano mundial e regional, atraindo e redimensionando constantemente o fluxo, sempre crescente, de pessoas e que se articula à tendência de transformação do espaço em mercadoria.

seu âmago, no que se refere à estratégia do capitalismo que vai além da simples venda, pedaço por pedaço do espaço. Segundo Sanchez (2001, p.2),

...a transformação das cidades em mercadorias vem indicar que o processo de mercantilização do espaço atinge outro patamar, produto do desenvolvimento do mundo da mercadoria, da realização do capitalismo e do processo de globalização em sua fase atual.

O acesso ao uso e apropriação do espaço se realiza pela mediação do mercado, acentuando o papel e a força da propriedade do solo. Nesse contexto, a própria urbanização se realiza cada vez mais como um negócio. Em Ilhéus, o fenômeno do adensamento das residências de veraneio é cada vez mais significativo. Isso se explica devido à valorização dos terrenos a beira mar tanto no litoral Norte quanto no litoral Sul. De acordo com Dantas *et. al.* (2008, p. 1),

...a valorização, como produção social, não se define apenas pela criação de valor caracterizada pelas teorias econômicas. Envolve, na verdade, diversos aspectos simbólicos, culturais, tecnológicos e ambientais. Os espaços à beira-mar tornam-se objetos de desejo quando mudanças paulatinas nas representações sociais desmistificam o, até então, desconhecido. Concomitantemente, o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, distribuição de energia e transporte “aceleram” o tempo, “encurtando” os espaços. Os meios de comunicação de massa (especialmente a televisão) constroem imagens, caracterizando as zonas de praia como paraísos terrestres.

A valorização do litoral se consolida na medida em que acontece a propagação das práticas marítimas modernas, representativas de novas possibilidades de uso dos espaços litorâneos pela sociedade. Mas, vale lembrar que:

...no conjunto da cidade, a parcela específica do espaço tem seu valor determinado pelo fato de que o urbano se produz enquanto condição geral do trabalho da sociedade, portanto, trabalho social geral materializado, um processo espacial que, por um lado, realiza-se a partir do processo de produção de mais – valia e de sua viabilização, e de outro como produto deste processo. (CARLOS: 1997, p.53).

O processo de reprodução do capitalismo intensifica a reprodução do espaço urbano. Nesse processo ocupa e produz novos espaços, formam-se áreas especializadas em distintas partes do território, intensifica-se o uso e a ocupação do solo urbano, estimulando o mercado imobiliário e as parcerias entre os setores, público e privado. Em Ilhéus essa é uma parceria consolidada.

Na medida em que o poder público garante a infraestrutura nas áreas de interesse do setor privado à valorização é um processo que se dá em curto prazo. A cidade de Ilhéus, ao entrar no circuito da troca como mercadoria especial devido os seus atributos ligados a história e as belas paisagens têm atraído não só os turistas, mas também investidores estrangeiros. De acordo com a ATIL - 15% dos investidores de Ilhéus são estrangeiros destacando-se, suíços, espanhóis e italianos. Como exemplo, pode-se citar o empresário suíço Hanz Koella, proprietário de vários imóveis localizados no centro histórico de Ilhéus, além de hotéis e terrenos na orla (Casa dos Artistas, bar Vesúvio, Hotel Jardim Atlântico), entre outros. Para atrair os investimentos, os agentes promotores do espaço (poder público e iniciativa privada) se encarregam de criar uma “imagem positiva” da cidade para vendê-la no mercado nacional e estrangeiro.

Vale dizer que a “imagem turística das cidades litorâneas nordestinas obedece à mesma racionalidade⁵³ das outras cidades litorâneas do Brasil, ou seja, uma lógica estratégica conforme modelo internacional de desenvolvimento do turismo” (DANTAS, 2002). De acordo com este mesmo autor trata-se de um modelo que visa construir uma imagem positiva das cidades e assim torná-las competitivas no mercado mundial. Para tanto, as forças hegemônicas utilizam um verdadeiro *marketing* turístico. Dantas (2002) cita o caso da Espanha como modelo evidente aplicado no Estado do Ceará.

...a Espanha, com seu sucesso turístico, constitui paradigma maior do desenvolvimento do turismo segundo um verdadeiro *marketing* turístico (Laquar & Hollier, 1981), aquele que suscita a elaboração de uma imagem turística permitindo aproveitar-se

⁵³ Uma maior racionalidade, traduzida na elaboração de diversos planos e programas voltados ao ordenamento do território brasileiro para um uso turístico massivo e internacionalizado. Cada vez mais, a lógica vigente é a lógica do espaço-mercadoria. (CRUZ, 2006, p.359)

das costas ensolaradas e de sua geografia nacional (Poutet, 1995). As repercussões deste modelo também evidenciam-se no Ceará, com uma aproximação sensível de aspectos concernentes à elaboração da imagem turística do Ceará aqueles da Espanha e que se evidenciam com o emprego de caminho metodológico indicador do turismo como fenômeno de ordem econômica e política (Poutet, 1995). Como no caso espanhol, o desenvolvimento do turismo no Ceará não se reduz a simples aspecto de ordem econômica, caracterizando-se como instrumento de propaganda que a nova elite política cearense soube explorar para desenvolver uma consciência turística e um símbolo do sucesso e da viabilidade do novo governo. (DANTAS. 2002 p.57)

Embora Dantas (2002) analise a “construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará” os resultados de sua análise também podem ser vistos em parte a Ilhéus. Pois o turismo em Ilhéus não se reduz a questão econômica é também instrumento de propaganda explorado pelo poder público local. Assim uma nova imagem de Ilhéus também foi construída após a crise da lavoura cacauzeira. A cidade passou da condição de “Capital do Cacau” à “Terra da Gabriela” ressignificada pelo turismo. Nesse caso:

...pode-se falar, portanto, de um turismo que se desenvolve em virtude da ação conjugada entre publicidade e propaganda. Esta relação é sublinhada por Domenach (1979), ao afirmar que a propaganda, embora se diferencie ao ter um objetivo político e não simplesmente comercial, se aproxima da publicidade à medida que procura criar, transformar ou confirmar opiniões utilizando-se, em parte, dos mesmos meios. (DANTAS, 2009, p.54)

Deste modo, a cidade de Ilhéus ultrapassa o contexto estreitamente turístico e econômico e se revela por meio da propaganda política, transformada em publicidade para atender as exigências do desenvolvimento econômico e torna-se competitiva. É preciso lembrar que o objetivo da propaganda é também convencer os habitantes de Ilhéus da sua vocação turística, de modo a não questionarem e aceitarem o argumento do poder público, acreditando na geração de emprego e renda e melhoria de vida, além de atrair os turistas e os pretensos visitantes. Para tanto, veiculam a ideia da “cidade paraíso” de belas praias, para os turistas que apreciam o lazer de sol e mar. Ilhéus dispõe de cem quilômetros de praias; essa característica bastante expressiva é

explorada pela mídia, agências de turismo e pelas forças hegemônicas como potencialidade turística.

A busca pelo lazer de sol e mar iniciou segundo Madruga (1992), a litoralização⁵⁴ efetiva. De acordo com Corbin, (1989) o litoral adquiriu, a um só tempo, importância como meio natural, econômico e social. Assim, a litoralização foi incorporada ao turismo. Em todo Nordeste a expansão das atividades turísticas tem sido reflexo do processo de valorização dos litorais tropicais e das políticas públicas de turismo adotadas para a região, principalmente a partir dos anos de 1990. Esta situação pode ser constatada em várias cidades do litoral baiano, a exemplo de Porto Seguro, Salvador, Morro de São Paulo e da própria cidade de Ilhéus. Isso porque essas cidades litorâneas centralizam uma série de possibilidades que criam um grande poder de atração e sedução.

Além de oferecerem o lazer de sol e mar, contam com uma infraestrutura que envolve meios de transporte; serviço médico-hospitalar; hotéis, pousadas, aeroportos, bares, restaurantes, teatros, casas de shows, cinemas, *shopping centers*, museus, monumentos históricos, projetos arquitetônicos, entre outros. Mesmo em cidades onde não havia tal infraestrutura esta foi criada. Vale ressaltar que a justificativa para as intervenções espaciais que promoveram a infraestrutura necessária à viabilização das atividades turísticas em todo Nordeste brasileiro se deu sob o discurso da diminuição das desigualdades regionais. O turismo, nessa estratégia, seria capaz não só de gerar emprego e renda, mas contribuir para a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico/cultural. Portanto seria vetor da melhoria da qualidade de vida da população regional carente. De acordo com Cruz (2005, p.35) esse argumento é totalmente insustentável. Ela afirma:

...soma-se à clara e inaceitável negligência com o território, o insustentável discurso da diminuição das desigualdades regionais, como se o turismo, uma atividade setorial, fosse capaz de reverter, por si, uma realidade histórica e estruturalmente concebida, expropriadora, excludente e

⁵⁴ O termo litoralização representa um neologismo explicitador do movimento de ocupação contemporânea do litoral. A necessidade de criação de um termo é consequência da transformação do movimento de valorização do litoral em verdadeiro fenômeno de sociedade, ligado a uma urbanização significativa dos espaços litorâneos e traduzido na inserção gradual das zonas de praia à lógica derivada de uma sociedade de lazer e turística. (Dantas, 2002. p 58)

especialmente seletiva, típica do modo de produção a que estamos todos submetidos. O turismo assim concebido soa ser mais uma forma de fragmentação do espaço, já profundamente fragmentado por tantas e tão distintas formas de apropriação. Reduzido à mercadoria, vê-se submetido à consagração dos enclaves e das bolhas. Neste caso, as desigualdades regionais tendem a aprofundar-se ao invés de dissiparem-se.

Cruz (2005, p.37e38) ainda acrescenta que:

...o discurso legimitador das políticas públicas de turismo não difere, essencialmente, dos outros relativos a diferentes setores econômicos. Geração de renda, geração de divisas e de riqueza, geração de empregos, enfim, tudo o que um país em desenvolvimento pode almejar. O que não se leva em conta, entretanto, são as evidentes limitações de uma política pública setorial como a de turismo que, ao fim e ao cabo, não é capaz senão de gerar algum desenvolvimento local ou regional e de, no limite, promover alguma distribuição espacial, mas não estrutural da renda. Quem poderia nos dar um exemplo de nação que tenha se enriquecido seguramente por meio do desenvolvimento do turismo? Não há como se fundamentar uma afirmativa desta natureza em nenhum caso empírico. Conforme nos lembra Benevides (2004), o que há, de fato, são sim inúmeros exemplos que atestam exatamente o contrário, ou seja, é o desenvolvimento econômico que propicia o desenvolvimento do turismo.

No caso da Bahia, estado contemplado com obras de infraestrutura promovidas pelo PRODETUR/NE alguns municípios receberam atenção especial, desse e de outros programas. Tais municípios foram denominados âncoras (que dispõe de maior e melhor infra-estrutura), pois dão suporte para os demais municípios da região que não dispõem de infraestrutura mínima para atender aos turistas. Ilhéus é uma municipalidade âncora. É preciso lembrar que:

...embora a incorporação destas cidades ao sistema mundo implique certa independência em relação ao Estado[...], ela as submete a uma lógica de competição internacional. Estas cidades inserem-se atualmente numa rede mundial, onde cada uma procura se especializar, segundo suas vocações, num domínio específico para atrair fluxos de consumidores (DANTAS, 2002,.P58)

Ainda de acordo com Dantas (2002, p. 54), os governos locais, seduzidos pelo paradigma da industrialização, colocaram em segundo plano ou negligenciaram as

potencialidades turísticas do Nordeste durante muitos anos. Em Ilhéus, este fato se deu pela economia do cacau. Entretanto, a crise que se bateu sobre a lavoura cacaueira em razão das sucessivas pragas, problemas climáticos, concorrência com o produto externo e endividamento dos produtores levaram a região à estagnação econômica. Assim, a região foi marcada pela trama de imagens negativas vinculadas à ideia de falência e decadência. O discurso fundador da imagem positiva da região cacaueira e consequentemente de Ilhéus só toma fôlego a partir dos anos de 1990, vinculado às transformações promovidas por:

...grandes programas de governo gestados nos anos 90, como é o caso do PRODETUR-NE1, das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, do PNMT2 e do PROECOTUR3, são expressões materiais do crescente papel indutor do Estado brasileiro no setor turismo. Somam-se a esses documentos, a Política Nacional de Turismo 1996-99, do governo Fernando Henrique Cardoso, e, já nesta década, o Plano Nacional de Turismo 2003-2007, do atual governo (CRUZ, 2005, p.30).

Ainda segundo essa mesma autora:

...características históricas, representando menor resistência às novidades, somadas a qualidades naturais climáticas, fizeram do Nordeste brasileiro, ou melhor, do litoral nordestino, o alvo privilegiado das mudanças engendradas na década em tela. Tais mudanças podem ser relativamente expressas pelas próteses colocadas no território nordestino como parte do projeto governamental brasileiro de se colocar no *ranking* mundial de destinos turísticos em posição mais vantajosa relativamente à sua histórica posição nos últimos anos, geralmente próximo ao quadragésimo lugar (CRUZ, 2005, p.31).

A competitividade do turismo em nível internacional está baseada nas tentativas de implementação de desenhos estratégicos e de modelos de desenvolvimento sustentável. Os modelos adotados tem seguido os padrões estabelecidos pelo contexto internacional incorporados à realidade brasileira. De acordo Dantas (2002, p.56)

...a construção das imagens das cidades contemporâneas obedece a uma outra lógica reveladora de outras escalas

espaciais e de novos parâmetros. Atualmente, fala-se da articulação da cidade com escalas mais amplas, inclusive a internacional. Cada cidade tenta impor-se, através da elaboração de uma imagem específica, associada a suas características históricas, técnicas e naturais.

A cidade de Ilhéus se insere neste quadro, evidenciando uma cidade litorânea marítima cujos elementos humanos e naturais são valorizados como mercadoria turística. Uma nova imagem de Ilhéus foi construída, a “Princesinha do Sul”, “Terra da Gabriela”. Concebida e inserida numa escala nacional e quiçá internacional. Assim, ela ultrapassa o contexto estreitamente turístico, pois, o que está nas linhas e entrelinhas desse modelo de desenvolvimento de turismo é o espaço reduzido à mercadoria, cuja transformação em produto de consumo requer uma decisiva participação do Estado (CRUZ, 2005, p. 33).

Para garantir a mercantilização das cidades, agora tornadas também turísticas, são criados discursos referentes à cidade. Para tanto, encontram na mídia e na ação publicitária, importantes instrumentos de difusão e afirmação. São criadas estratégias para a venda da cidade, na realidade apenas os fragmentos que dispõem de potencialidades turísticas, sejam elas naturais ou criadas. A seguir vamos apresentar parte das estratégias usadas para vender a cidade de Ilhéus, agora tornada mercadoria.

4.3 As estratégias para venda dos fragmentos do espaço da cidade: marketing e propaganda

Procuramos discutir até agora parte da estratégia do uso da cultura e do espaço para intensificação das mudanças socioespaciais bem como a tendência da transformação desse espaço agora transformado em mercadoria. Aqui daremos destaque maior em como a cultura, a história do lugar e aspectos naturais (praias, montanhas, clima, entre outros) transformados em mercadoria são fundamentais para as transformações socioespaciais e venda dos espaços fragmentados da cidade. As estratégias de *marketing* para venda da cidade de Ilhéus encontram na publicidade o necessário para o desenvolvimento dessas estratégias. Para que os turistas consumam os fragmentos dos espaços ressignificados pelo e para o turismo, é preciso criar um imaginário, repleto de ideologia, que confira *status* e bom gosto ao lugar. Vejamos

como em alguns anúncios promocionais turísticos a cidade de Ilhéus é oferecida/vendida:

...se você quer apreciar muita cultura e diversão reunida em um só lugar, não pode deixar de visitar a cidade de Ilhéus, no sul da Bahia. Hoje, Ilhéus é o terceiro maior pólo turístico da Bahia, atrás apenas de Salvador e Porto Seguro. O litoral é uma das melhores opções que Ilhéus oferece a seus visitantes, à maneira das praias nordestinas, não falta sol e muito calor em todas as épocas do ano. Berço de um dos escritores mais famosos do Brasil, Jorge Amado, a cidade mantém preservada boa parte dos pontos turísticos que aparecem em livros do autor. Reconhecida pela produção de cacau no século XX, é possível visitar na cidade fazendas de cacau, casas construídas por coronéis do cacau e até uma fábrica de chocolates⁵⁵.

A estratégia da publicidade é construir uma imagem favorável da cidade e assim persuadir o turista com informações que revelem seus atributos ligados principalmente as belas paisagens. O intuito é despertar neles o desejo para empreenderem viagens e consumir o espaço. Para tanto, os agentes promovem os lugares e/ou fragmentos da cidade eleitos como propulsores de bem estar (história, cultura, clima, gastronomia, praias e montanhas), tudo é oferecido num pacote que vende Ilhéus como destino turístico. Deste modo, as técnicas de publicidade e propaganda, no contexto da atividade turística, são meios de informar e persuadir turistas potenciais, com impessoalidade e à distância, para empreenderem viagens e consumir os elementos a elas relacionados (RUSCHMANN, 1990, p. 61) como os produtos e serviços, considerando a abrangência e outras vantagens destas táticas de comunicação.

Vários agentes atuam nesse processo de mercantilização do espaço. Um deles é o poder público estadual que se encarrega de desenvolver estratégias e ações com o intuito de promover os lugares turísticos. A costa do cacau – uma das treze zonas turísticas da Bahia da qual a cidade de Ilhéus faz parte, aparece no *site* da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia - SETUR/BA como “reduto de belezas naturais”. Procura-se promover o espaço natural, quase intocado - estratégia muito apropriada nesse momento, pois a “sociedade burocrática de consumo dirigido” (LEFEBVRE,

⁵⁵ Texto publicado no *site* do Pacote Turismo.

Disponível em <http://www.pacoteturismo.com/viagem/ilheus/>. Acesso em 20/02/2011

1991, p. 62), aspira por espaços livres de poluição, verdes e preservados. De acordo com Carlos (1999, p. 25)

...o lazer na sociedade moderna também muda de sentido, de atividade espontânea, busca do original como parte do cotidiano, passa a ser cooptado pelo desenvolvimento da sociedade de consumo que tudo que toca transforma em mercadoria, tornando o homem um elemento passivo. Tal fato significa que o lazer se torna uma nova necessidade. Isto é, no curso do desenvolvimento da reprodução das relações sociais, produz-se nova atividade produtiva, diferenciada, com ocupações especializadas que produz um novo espaço e/ou novas formas de uso deste espaço.

Os agentes promotores do turismo em Ilhéus propõem ações para melhorar a competitividade com outros espaços que são oferecidos como destinos turísticos. Existe uma competição entre os agentes promotores de Ilhéus e das outras cidades do interior da Bahia (Porto Seguro, Trancoso, Morro de São Paulo, Itacaré, Mangue Seco, Prado, Alcobaça e Praia do Forte) além da própria capital Salvador. De acordo com Mattos (2003): 42% dos turistas que procuram as cidades da Costa do Cacau visitam Itacaré; 23% Canavieiras e outras 12%. Os destinos mais procurados do estado são Salvador e Porto Seguro (Costa do Descobrimento).

De acordo com Mattos (2003) Ilhéus perdeu a 3ª posição de maior pólo de turismo receptivo da Bahia, apesar de ser uma referência na região pelo fato de dispor de maior e melhor infra-estrutura (Secretaria de Turismo da Bahia, 2010). No intuito de reverter esse quadro os agentes hegemônicos (poder público e iniciativa privada) empreendem ações que visam enfatizar as chamadas qualidades do lugar.

Dentre estas se destaca o sistema nacional de informação turística que por meio de internet, mapas, folhetos, vídeos e fotografias. O uso da fotografia, por exemplo, pode gerar emoções associadas à imagem e estas por sua vez podem influenciar o turista na escolha do lugar. Não é por acaso que a ação publicitária explora por meio de fotografias as potencialidades culturais, históricas e paisagísticas do lugar. No *site* promocional da “Costa do Cacau” a imagem (figura 91) chama a atenção pela beleza paisagística. Quem acessa o *site* se depara com uma figura repleta de significados e atributos acrescidos pelo meio em que são vinculadas e pelo momento ao qual estão associadas.

Fig. 91- Costa do Cacau

Fonte: Portal Internetica. Disponível em: <http://www.internetica.com.br/1376/costa-do-cacau-encanta-pelas-paisagens-e-belezas-naturais>. Acesso em 25/11/2010

De acordo com Maranhão (2007, p. 1)

...a sociedade atual busca incessantemente produzir imagens e, no entanto, perde-se a capacidade de lê-las e de descobrir o que os seus enunciados simbólicos estão afirmando. Este tipo de formação social foi trabalhada por Guy Debord (1997), que a denominou de “sociedade do espetáculo”. Esta forma de organização social tem como base o sistema capitalista, no qual todas as relações perpassam pelo capital e as coisas tomam uma dimensão espetacular, gerando uma falsa consciência, uma ilusão de unificação, uma alienação social. As imagens seriam, para esse autor, a concretização desta

alienação. As imagens na “sociedade do espetáculo” recebem novos atributos, além de se tornarem o meio de propagação e construção de discursos ideológicos¹ de instituições, tais como Estado.

A ação publicitária não se limita apenas em exibir a imagem do lugar. O apelo promocional envolve a descrição do lugar, usando a cultura, a história e os atributos físicos do ambiente. Tudo aparece num texto cuja finalidade é persuadir o turista e assim leva-lo a consumir o lugar. Vejamos a seguir o texto publicado junto à imagem acima exposta.

Cerca de 180 km, entre os municípios de Itacaré e Canavieiras, formam a chamada Costa do Cacau. Reduto de belezas naturais, rios margeados por fazendas de cacau, praias de vastos coqueirais intocadas em meio à Mata Atlântica e densos manguezais, a região encanta pelas paisagens e pela opulência dos anos áureos do chamado “ouro negro”. A arquitetura preserva o casario colonial dos séculos XVIII e XIX, em ruas calçadas de pedras, igrejas e casarões antigos, reduto de parte importante da História Nacional e que remontam ao período em que a produção e exportação cacaueira eram a atividade primordial da economia brasileira. Cenário de filmes, novelas e romance – grande parte da obra do escritor Jorge Amado, traduzido em diversos países, é ambientada em Ilhéus, principal cidade da Costa -, a região, além de reduto histórico, é destino certo para quem procura diversão e contato direto com a natureza. Canavieiras, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Santa Luzia, Una e Uruçuca oferecem opções variadas aos visitantes. A abundância de praias inclui desde picos para a prática de *surf* e pontos de pesca – em especial do robalo, em Canavieiras – a águas calmas e verdadeiros paraísos desertos. Cachoeiras radicais – como a do Cleandro, em Itacaré –, rios e corredeiras são um convite à prática de esportes de adrenalina e aventura, como *rafting*, *rapell* e canoagem⁵⁶.

Além dos anúncios em sites promocionais ou de divulgação, outras estratégias também são utilizadas para vender os lugares. Dentre elas se destaca: a divulgação em feiras de turismo e a folheteria. A folheteria pode ser distribuída nas feiras, *shopping*

⁵⁶ Fonte: Portal Internetica. Disponível em: <http://www.internetica.com.br/1376/costa-do-cacau-encanta-pelas-paisagens-e-belezas-naturais>. Acesso em 25/11/2010

centers e quiosques. No caso de Ilhéus a secretaria de turismo se encarrega de produzir e distribuir folhetos aos turistas no aeroporto e aos cruzeiristas dos transatlânticos. Também mantém quiosques em pontos estratégicos da cidade para tal campanha. Os *folders* (figuras 92) trazem informações sobre os principais pontos turísticos da cidade e atrações (praias, museus, casa de cultura entre outros). De acordo com Silva (2010, p.1),

...destarte, quanto mais conhecida for a empresa e os produtos, maiores serão as chances de se vender. Lembrando que os consumidores estão cada vez mais informados e exigentes do que nunca. Fazendo com que a disputa pelo cliente seja mais acirrada. Então neste momento é onde entra a divulgação, que tem por objetivo construir uma imagem favorável na mente dos consumidores atuais e em potencial, podendo ser este um diferencial da empresa⁵⁷.

⁵⁷ A importância da divulgação por José Iomar Batista da Silva. Artigo publicado no Artiginal – Diretórios de artigos gratuitos. Disponível em <http://www.artiginal.com/marketing-e-publicidade-artigos/a-importancia-da-divulgacao-2035758.html>. Acesso em 5/06/2011

Praias Beaches

PRAIA DO CRISTO (CHRIST BEACH)

A imagem de um Cristo Redentor inspirado no monumento carioca dá nome à praia, bastante procurada para a prática de esportes náuticos como caiaque, jet-ski e Wind surf.

The image of a Christ, inspired in the Carioca monument, gives the name of this beach, which is searched to the practice of water sports like kayaking, jet skiing and windsurfing.

PRAIA DE OLIVENÇA (OLIVENÇA BEACH)

Localizada a 20 quilômetros de Ilhéus, abriga ainda uma estância hidromineral. O balneário de Tororomba, com piscinas e cachoeiras artificiais oferece banho de água ferruginosa e rica em iodo, magnésio e bicarbonato.

Distant 20 km of the City, it also has a hydro mineral ranch. There is also a place called Balneário Tororomba, with artificial pools and waterfalls that offer a shower of rusted water rich in iodine, magnesium and bicarbonate.

PRAIA DE TOROROMBA

situada a 7 km do Centro da Ilhéus, a praia dos Milionários ganhou essa nome em função das mansões dos barões do café que existiam neste trecho da orla. A extensa faixa de areia fina é repleta de coqueirais, com águas calmas que proporcionam banhos refrescantes. Além da ótima estrutura com barracas padronizadas, um chuveiros, banheiros e camping, há também o bar.

7 km far from the center of Ilhéus, the Milkies beach received that name due to the mansions of the coffee barons that existed on this part of the coast. The extensive range of fine sand is full of coconut trees, with calm waters that provide refreshing baths. It has an excellent structure, with standard tents with showers, toilets and camping to receive the visitors.

Cultura Culture

O BATACLAN

Antiga casa noturna que representou, a partir da década de 1920, o fausto da cultura do cacau. Funcionou como cabaré e cassino. Hoje o prédio abriga um espaço cultural.

It's an old night spot that represented, starting from the 1920's, the high point of cocoa culture. It was a casino and a cabaret. Nowadays, it's a cultural place.

CASA DOS ARTISTAS (ARTISTS HOUSE)

Mantida pelo Teatro Popular de Ilhéus, hoje a Casa dos Artistas é palco de eventos culturais que projetam artistas em todo o país.

Supported by the Popular Theater of Ilhéus, nowadays The Artists House is the stage of cultural events that projects artists in all country.

CASA DE CULTURA JORGE AMADO (JORGE AMADO HOUSE)

Construída pelo pai do romancista Jorge Amado, a casa possui uma linda pintura artística no teto, piso ricamente trabalhado em madeiras nobres da região e azulejos portugueses.

Built by Jorge Amado's father, this house has a beautiful painting on the ceiling, a hardwood floor with wood from the region and Portuguese tiles.

MERCADO DO ARTESANATO

O Mercado de Artesanato de Ilhéus é o melhor lugar para quem quer comprar lembranças. São 80 boxes com os mais variados produtos regionais: bijuterias, bordados, redes, tapetes, licores, etc.

The handicraft market of Ilhéus is the best place for those who want to buy souvenirs. There are 80 stores with several regional products: trinkets, embroidery, hammocks, rugs, liqueurs, etc.

Fig. 92- Folder informativo sobre a história e os atrativos turísticos da cidade
Fonte: SETUR – 2010

O *Folder* é considerado uma importante e poderosa ferramenta para vender serviços. Sabendo disso, os agentes promotores do turismo produzem, publicam e distribuem dezenas de *folders*. Mas, além dos *folders* também produzem mapas e folhetos de divulgação (figura 93). A seguir, vamos mostrar alguns exemplos especialmente elaborados para divulgar Ilhéus e a Costa do Cacau (figura 94).

Fig. 93 - Roteiro e Guia Turístico da Costa do Cacau

Fonte: Site oficial da Costa do Cacau.

Disponível em <http://www.costadocacau.com.br/pt/costadocacau.php>. Acesso em 18/06/2010

Fig. 94 - Mapa da Costa do Cacau

Fonte: Site oficial da Costa do Cacau

Disponível em <http://www.costadocacau.com.br/pt/costadocacau.php>. Acesso em 18/06/2010

O investimento em publicidade proporciona uma aura de distinção ao comprador da área selecionada (SANFELICI, 2009). E aqui no caso estudado, a conjunção da natureza da história e da cultura, são fatores atrativos bastante relevantes que chamam a atenção do consumidor e valorizam o lugar. Os editais publicitários evocam insistentemente esses aspectos. O anúncio a seguir destaca a culinária, o cacau, a figura dos coronéis, as praias, as estações do ano, e até a cor do mar, para chamar a atenção do turista.

Uma culinária deliciosamente diferente, que abusa de peixes, lagostas, camarões, caranguejos e mariscos como pratos principais, histórias fascinantes que nos contam sobre as fazendas de cacau e seus coronéis, junto de praias lindas, que tem um mar azul-esverdeado, variando de acordo com as estações do ano são alguns dos atrativos dessa cidade que vai encantar você!⁵⁸

Inúmeros sites promocionais brasileiros que anunciam a cidade de Ilhéus emitem as seguintes ordens: “venha curtir suas férias em Ilhéus e sintase em casa”. “Visite Ilhéus - cultura e muita diversão na Bahia”. “Visite Ilhéus, aceite o desafio de conhecer os encantos do mar, dessa ilha paradisíaca, de litoral magnífico e beleza incomparável”. “Venha conhecer Ilhéus a terra da Gabriela Cravo e Canela”. Observase o uso dos verbos sempre no imperativo, indicando ordens. Os verbos de comando no imperativo no gênero propaganda desempenham a função na frase, qual seja induzir o interlocutor a realizar a ação expressa por esse verbo. O público-alvo dessa propaganda são os turistas. A frase “visite Ilhéus, aceite o desafio de conhecer os encantos do mar, dessa ilha paradisíaca, de litoral magnífico e beleza incomparável” tem a intenção de estimular o interlocutor a viajar por conta própria ou comprar um pacote turístico para com destino a Ilhéus e, para convencê-lo, o locutor (anunciante) emprega recursos como: associar a cidade a ideia de paraíso, liberdade e beleza.

Vale dizer que a ação publicitária não se limita ao Brasil, Ilhéus é anunciada em sites estrangeiros. O site Italiano *Solesol investimenti Immobiliari* oferece empreendimentos imobiliários no Brasil. Vejamos o que dizem os anúncios a seguir:

⁵⁸ SNEW. Belas praias do sul da Bahia, em uma cidade incrível. Disponível em: http://www.stw.tur.br/destinosturisticos/pontos_turisticos/pontos_turisticos_ilheus_BA.htm. Acesso em 18/04/2010

Olivenca – Lotto destinazione turistica

*Possibilità di sviluppare un resort con hotel, 200 villette, campo da golf, spiaggia privata, beauty farm, palestra ed altri servizi in una delle più belle spiagge del Brasile nello stato di Bahia.*⁵⁹ **La proprietà** *L'area di interesse si sviluppa su una superficie fondiaria di circa 5.100.000 mq con quasi 1.000 mt di spiaggia; un fiume lungo 11,5 km arricchisce la proprietà rendendola ancora più lussureggiante. Ad Ilheus sono già presenti importanti gruppi turistici che da anni operano nella zona aumentando ogni stagione il numero di ospiti ed il loro fatturato.*

A cidade de Ilhéus é descrita no site da seguinte maneira:

*Ilheus è in una zona facilmente raggiungibile dalle principali città di Bahia. La sua vicinanza con porti ed aeroporti internazionali rendono la location appetibile non solo per l'attrattività turistica intrinseca ma anche per diverse attività industriali*⁶⁰.

Apesar dos anúncios serem dirigidos a investidores, os recursos da propaganda são os mesmos. Para chamar a atenção dos interessados, os anunciantes (*Solesol Investimenti Immobiliari*) exploram a beleza paisagística de Ilhéus e quase sempre a relacionam ao turismo. O objetivo é mostrar Ilhéus como um lugar propício para fazer novos negócios e aplicar investimentos, pois garantem lucro certo. Essa propaganda chama a atenção pelo forte apelo publicitário que cria uma expectativa de quase mágica de lucro certo para uns e de lazer e tranquilidade para outros. A sutileza da propaganda oculta vários artifícios intrínsecos ao processo de turistificação do lugar

⁵⁹Tradução: Olivença - destino turístico

Possibilidade para desenvolver um resort hotel com 200 casas, campo de golfe, praia privativa, salão de beleza, ginásio e outros serviços em uma das praias mais bonitas do estado da Bahia no Brasil. A propriedade. A área de interesse abrange aproximadamente 5.100.000 metros quadrados de praia, com quase 1.000, a 11,5 quilômetros do rio enriquece muito a propriedade que torna ainda mais exuberante. Para Ilhéus já estão grandes grupos de turistas que têm trabalhado na área de cada estação do aumento do número de clientes e seus negócios.

⁶⁰ Tradução: ⁶⁰Ilhéus está em uma área de fácil acesso do cidadão baiano. A sua proximidade com portos e aeroportos internacionais tornam o local atraente para a atração turística não só para atração turística, mas também para vários industriais Fonte: http://www.solesol.eu/?page_id=399

– a mercantilização do espaço; a simulação e a produção de signos. De acordo com Carlos (2007, p. 24).

para Lefebvre, [...] a partir dos anos 60 começa-se a produzir cada vez mais imagens, textos e signos, o que compõe um conjunto de produção imaterial. Todavia, o que vai caracterizando essa produção é sua ambiguidade, isto é, a produção de imagens, signos permite sonhar, inventar, mas na maioria dos casos esta produção imita e simula uma realidade já existente.

Ilhéus, ou seu simulacro, é vendida em outros espaços que simulam lugares e até prédios dessa cidade. Como exemplo, podemos citar a pousada Gabriela localizada no complexo turístico Costa do Sauípe, situado na Costa do Coqueiro, no município de Mata de São João, interior da Bahia. O Costa do Sauípe que é o maior complexo hoteleiro da América Latina, além dos hotéis dispõe de uma vila com seis pousadas temáticas. Elas situam-se dentro da Vila Nova da Praia, uma cidadezinha artificial que remete a um cenário de novelas da rede Globo; um carrinho elétrico leva os hóspedes até o seu destino, pois os automóveis não são permitidos na vila.

O turista não precisa andar um passo sequer ou carregar malas em instante algum. A pousada Gabriela (figura 95) é inspirada nos casarões dos anos de 30 do século XX da cidade de Ilhéus. Na pousada os funcionários recebem os turistas trajados com roupas da época.

Fig. 95 - Pousada Gabriela

Fonte: Site da Costa do Sauípe. Disponível em: www.costadosauipe.com.br. Acesso em 19/11/2010

Ilhéus não é um simulacro, mas os agentes hegemônicos produzem imagens e signos em vários pedaços da cidade, signos que permitem sonhar, inventar e servem para o desenvolvimento da atividade turística. Na medida em que a cidade foi se modificando pelo/para o turismo concomitantemente alguns fragmentos da cidade foram preenchidos por signos e imagens. Para efeito de análise se faz necessário esclarecer o papel dos signos. Os signos desempenham um papel destacado na venda dos fragmentos da cidade. De acordo com Carlos (2007, p. 50).

...os objetos se dispõem em uma ordem hierarquizada e são reduzidos ao signo, o que cria um modelo cômodo para manipular pessoas e consciências na medida em que o signo separa-se do significado e do significante tornando o objeto algo mágico, que entra no sonho das pessoas, orienta suas estratégias de vida, redefine suas relações e orienta projetos. Transforma-se, portanto, em uma ordem que regulariza comportamentos e determina ações, pois ao sentido do uso prático, se superpõe o consumo do signo.

No plano das estratégias de *marketing* empreendidas pelo mercado do turismo a publicidade alcança êxito na venda de signos do bem-estar, o sol, o mar, o verde, o ar puro, se tornam alvo de comercialização. A indústria do turismo tem um papel de destaque nesse processo uma vez que, segundo Carlos (1999, p. 25).

...transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o "espetáculo" para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros

De acordo com Debord (1992), o espetáculo é o consumo nas suas derivações mais fetichizadas: não há apropriação, apenas contemplação. Na cidade de Ilhéus, os templos religiosos são estratégicos em um mundo de crescente comércio da “cultura do passado”. Os signos do sagrado são o “ponto-chave” para o turismo em Ilhéus. O espetáculo do sagrado está presente nos anúncios permeados de relações fetichistas de mercado. A ideia é fazer com que o turista consuma uma mercadoria com uma aura de sagrada, algo quase subliminar.

São comuns os anúncios em jornais e revistas convidando o turista a conhecer os templos religiosos de Ilhéus. Em vários *sites* da internet se encontra as seguintes frases/ordens⁶¹ visite a Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, Catedral São Sebastião, Igreja São Jorge e o Cristo Redentor⁶². Em outros sites da internet é comum o apelo à visitação do que chamaremos aqui de roteiro sagrado.

...visite a Catedral de São Sebastião uma dos principais passeios a se fazer: um belíssimo templo católico, de arquitetura muito interessante. O Convento e Igreja de Nossa Senhora da Piedade, que fica na rua Madre Thaís, no bairro Alto do Ceará é outra atração que merece uma visita. Uma miniatura do Cristo Redentor, medindo 7,5 metros também pode ser encontrada e visitada na cidade (SNEW, 2009).

⁶¹ Os verbos estão sempre no imperativo indicando, ordens.

⁶² Texto publicado no site férias Brasil. Disponível em <http://www.feriasbrasil.com.br/ba/ilheus/dicas.cfm?IDgrupo=20>. Acesso em 15/12/2009

Nesse edital publicitário chama a atenção o termo “atração”, os templos religiosos cuja finalidade seria levar consolo espiritual e alívio para os corações dos fieis, entra no circuito da troca como “atração turística”.

...Com esse processo, assistimos à significação de uma nova ordem de troca (social), novas formas de uso dos lugares da cidade, um novo modelo de vida que se impõe pelo efêmero, em que a “imagem pela imagem” aparece enquanto reino do espetáculo e como simulacro. O novo engole as formas nas quais se escreve o passado e com ele seu estilo e, sem referencial, o mundo, na busca incessante do novo, se transforma no instantâneo (CARLOS, 2007, p. 37).

Assim, incluída nas proposições de transformações do espaço urbano levadas a cabo pelo turismo, está à criação de novas necessidades, a venda de signos. No caso de Ilhéus os templos religiosos, com toda a certeza, são estratégicos em um mundo de crescente comércio do “passado” pelo turismo. Os signos do sagrado são ponto-chave para o turismo em Ilhéus. O espetáculo do sagrado está presente nos anúncios permeados de relações fetichistas de mercado. E como se explica isso? Segundo Lefebvre, (1991, p. 62)

...o fenômeno do consumismo se explica por um aparelho econômico - ideológico de propaganda, que associa imagens e sistemas simbólicos a produtos, de modo que o consumidor não mais consome por necessidades "do estômago" ou "da fantasia"; o próprio comportamento consumista é em si uma ideologia, e o que se consome é a própria ideologia que foi associado à mercadoria por meio da propaganda. O fetichismo da mercadoria se aprofunda. É claro que a eficácia da propaganda não é absoluta, mas mesmo assim a sua influência sobre os hábitos de consumo é muito grande. O consumo é dirigido por meio de sistemas simbólicos, desde sistemas da moda até sistemas de horóscopo e turismo, por exemplo. Na esfera intelectual e acadêmica, por outro lado, passa a dominar a metalinguagem, ou seja, o discurso sobre o discurso.

Mais de 50 *sites* (grosso modo) na internet disponibilizam algum tipo de propaganda promocional da cidade de Ilhéus. Esses meios de comunicação criam estereótipos, comportamentos e dados de lazer que relegam a viagem a uma satisfação máxima imposta pelos padrões da sociedade de consumo (CARLOS, 1999 p. 25). O

edital publicitário a seguir mostra que a manipulação de desejos e gostos, ao precisar, especificar e orientar escolhas tenta produzir um modelo geral do "estar satisfeito" como consumidor de lazer.

Prefere natureza à cultura? A 18 km do sul de Ilhéus localiza-se a Estância Hidromineral de Olivença, que é muito famosa por suas fontes de águas medicinais, praias do Balneário de Tororomba e por suas festas populares, típicas da região. No Balneário você também encontrará barzinhos, restaurantes e barracas, que deixam a região sempre movimentada. Grande parte do movimento deve-se também à bela queda d'água, chamada "Véu de Noiva". O porquê desse nome será facilmente descoberto, logo que se avistar a cachoeira. Voltando a Ilhéus, mais precisamente ao centro, você pode e deve apreciar a vista panorâmica da baía de Ilhéus, do alto do Outeiro de São Sebastião.

O apelo continua...

Para uma vista ainda melhor, visite o Morro de Pernambuco. Contando com uma área de 347 hectares, a Mata da Esperança é um dos poucos lugares no Brasil que ainda preserva a Mata Atlântica, formando então uma belíssima paisagem. Cercada de cachoeiras, fazendas de cacau e exuberante vegetação. A Lagoa Encantada, no distrito de Castelo Novo, a 34 Km ao norte da sede do Rio Almada, é abastecida por diversos ribeirões, e também merece uma visita. Mas chega de observar e visitar, chegou a hora de também praticar esportes como *windsurf*, laser, *hobby-cat* e caiaques, que podem ser alugados na Baía de Ilhéus. Visitar Itacaré que fica 70 km ao norte é passeio obrigatório, com suas pequenas praias paradisíacas separadas por costões formam um reduto paradisíaco, motivo pelo qual vários *resorts* lá se instalaram. Itacaré é indescritível, conheça e se apaixone por esse lugar bucólico, talvez um dos poucos paraísos brasileiros ainda preservados⁶³.

Segundo os empreendedores, esses diferenciais são fatores de grande atratividade para divulgar e vender seus produtos. É preciso reforçar a ideia presente em Lefebvre (1991) de que “a eficácia da propaganda não é absoluta, mas a sua influência sobre os hábitos de consumo é muito grande”.

⁶³ Texto publicado no site SNEW - Disponível em http://www.stw.tur.br/destinos-turisticos/pontos_turisticos/pontos_turisticos_ilheus_BA.htm. Acesso em 15/12/2009

Pois esse sistema tem demonstrado ser capaz de introduzir novos hábitos de consumo, fazendo o indivíduo sonhar, imaginar e agir concretamente, sem que ele perceba que vai sendo conquistado, programado, com sutileza. A publicidade faz tudo parecer normal, livre, e, somente através de um profundo trabalho de observação, podemos perceber e avaliar o grau dessa manipulação do cotidiano via consumo. Em todo momento procuramos não limitar o cotidiano nessa relação econômica, pois a vida cotidiana é vida total, estando relacionada com todos os processos sociais, econômicos e políticos no mundo. Ela não é local e nem se restringe a nenhum desses processos separadamente (ORTIGOZA, 1997, p. 3)

Nas estratégias de *marketing* utilizadas para venda dos fragmentos da cidade eleitos pelo turismo percebe-se um movimento onde a captura do modo de vida - as necessidades e os modos de satisfazê-las são meticulosamente planejados pela publicidade, constituindo uma cotidianeidade marcada e delimitada nos estritos limites do consumo e do mundo da mercadoria (CARLOS: 2005).

É preciso lembrar que as estratégias de *marketing* para a venda da cidade, na realidade alguns fragmentos ressignificados pelo/para o turismo, não se encerra na propaganda promocional do lugar, ela é apenas um elemento do processo de mercantilização do espaço. O objetivo é atrair o turista e convencê-lo a consumir serviços e comércio (transporte, hospedagem, alimentação, lazer e compras).

Os pacotes turísticos são um dos meios mais utilizados pelas operadoras e agências de viagens para convencer as pessoas à prática do turismo. O argumento usado é a comodidade, pois um pacote de viagem combina a reserva de um apartamento em um hotel ou pousada, com a compra de passagens aéreas e outros serviços no mesmo orçamento. Além disso, o cliente escolhe o seu pacote já com os vãos em horários compatíveis, traslado e hospedagem com café da manhã, além de poder incluir opcionais como passeios guiados e pensão completa.

Trata-se de uma estratégia de mercado para fazer consumir, uma vez que, fazem de tudo para "capturar" o consumidor. Para tanto, estimulam o interesse pelo pacote e o desejo de compra, jogando com os instintos das pessoas, ou seja, o desejo de poupar tempo; dinheiro, possuir conhecimentos, a necessidade de evasão; sonho de mudar e finalmente viajar. De acordo com Carlos (1999, p. 4).

...os pacotes turísticos têm papel importante, pois homogeneizam o comportamento, direcionam a escolha tratando o turista como mero consumidor, delimitam hora, lugar, o que deve ser visto e o que não deve, além do tempo destinado a cada atração num incessante "veja tudo depressa para dizer que viu tudo", registre e fotografe. Desse modo o pacote turístico representa a lei e a ordem estabelecida do perceber o espaço e tempo na sociedade contemporânea, produzidos por uma racionalidade que engendra a passividade. Isso significa a sujeição do turista ao programa da agência, o que faz com que mesmo os chamados "horários livres" acabem sendo despendidos em atividades programadas pelas agências com custos extras.

Agora é a vez de apresentar um pacote turístico⁶⁴ para a cidade de Ilhéus. O objetivo é mostrar mais uma estratégia para a venda da cidade. A programação a seguir nos dará uma ideia da rotina diária que o turista que compra um pacote de uma semana para Ilhéus precisa seguir. Este mesmo turista é levado a cumprir uma agenda prescrita pela agência de turismo nos mínimos detalhes de tempo e espaço. Todos os instantes previstos são meticulosamente preenchidos. Além disso, os turistas são persuadidos a empreenderem gastos extras com a compra de passeios não incluídos no pacote que são oferecidos durante a viagem.

Roteiro dia a dia

1º Dia Ilhéus

Chegada ao aeroporto, recepção da equipe CVC® e traslado até o hotel escolhido.

2º Dia - Passeio Histórico e Panorâmico em Ilhéus. Duração: 7 horas - sendo 3 horas de parada na praia. Este passeio está incluso no valor do pacote. O visitante conhecerá o terceiro pólo turístico da Bahia, berço e fonte inspiradora dos romances de Jorge Amado. A terra da Gabriela é um manancial para pessoas interessadas em enriquecer seus conhecimentos de história e cultura. Ao termino do tour o turista seguirá para a praia dos milionários para um delicioso banho de mar e posterior regresso ao hotel.

⁶⁴Pacote turístico montado pela CVC. Disponível no site <http://www.cvc.com.br/site/turismo/viagens/219,40,ilheus+8+dias+7+noites>. Acesso 07/03/2011.

3º Dia - Itacaré com Itacarézinho + Cachoeira de Tijuipe.

Duração: 8 horas. Este passeio é apenas uma sugestão para o dia, não estando incluso no valor do pacote. A bucólica cidade proporciona momentos de encantamento com cenários de belíssimas praias, lagoas e trilhas dentro da Mata Atlântica preservada. Apesar do diminutivo, a praia é imensa. Têm 3,5km de extensão e muitos coqueiros, boas ondas para a prática de surf e um ponto de desova de tartarugas marinhas. Na ponta norte uma cascata de água doce desce da mata e cai direto na areia. O visitante adorará o refrescante banho na Cachoeira de Tijuipe. No final da tarde, o turista regressará a Ilhéus.

4º Dia - Canavieiras com banho de lama. Duração: 8 horas.

Este passeio é apenas uma sugestão para o dia, não estando incluso no valor do pacote. Cidade de beleza cênica, composta por belos casarios datados dos séc.XVIII e XIX e cenário da novela Porto dos Milagres, da Rede Globo. O passageiro visitará a Ilha das Garças, onde terá tempo para banho de lama negra, que é ótimo para rejuvenescer. Haverá uma parada para almoço opcional na Praia da Costa. Em seguida, o visitante fará um tour pelo centro histórico. No final da tarde, voltará para Ilhéus.

5º Dia - Rota do Chocolate Duração: 7 horas. Este passeio é apenas uma sugestão para o dia, não estando incluso no valor do pacote. O Cacau, os lendários coronéis, sua saga e as delicias da culinária local compõem a história da região nos contos de Jorge Amado. O visitante sairá do hotel em direção a Fazenda Primavera, na rodovia Ilhéus x Itabuna, trajeto feito em ônibus de turismo. O turista visitará plantações de cacau, barçaça, museu da fazenda e explanação sobre o cultivo do cacau. Haverá degustação do fruto, com prova do suco, tempo para passeio a cavalo e charrete. Na volta, terá uma parada para almoço opcional no povoado de Banco da Vitória, para apreciar as delícias da culinária regional. O trajeto continuará com a visita a loja de Fábrica de chocolates Caseiro para compras.

6º Dia - Baía de Camamu com Taipa de Fora Duração: 13 horas. Este passeio é apenas uma sugestão para o dia, não estando incluso no valor do pacote. O visitante sairá do hotel/pousada em Ilhéus em ônibus de turismo, por rodovia asfaltada, trafegando por uma das 10 maiores área de remanescentes de Mata Atlântica do país, com uma parada para delicioso e farto café da manhã regional no caminho (incluso), com destino a cidade de Camamu.

A partir daí, o turista seguirá pela Baía de Camamu - Terceira maior baía do Brasil em volume de águas, que abriga uma variedade de ilhas de todos tamanhos, além de praias, florestas

e manguezais ainda bem preservados. O desembarque será no Vilarinho de Barra Grande e traslado em jardineira até a Praia de Taipu de Fora, que possui coqueiros, recifes, ondas fortes. A praia é considerada uma das mais belas do Brasil. A maior atração do lugar é uma grande piscina natural, de 1 km de extensão por 500m de largura, cercada de corais, com águas cheias de peixes, ótimas para mergulho (depende das condições da maré).

7º Dia - Morro de São Paulo Duração: 15 horas. Este passeio é apenas uma sugestão para o dia, não estando incluso no valor do pacote. O visitante sairá do hotel e seguirá pela BA 001(acesso via BR101), no percurso haverá parada no Restaurante Casarão de Pedra para degustação de um farto café da manhã regional (incluso). O passeio continuará até a cidade de Valença, onde será feita travessia de lancha com duração de 30 min. até o vilarejo de Morro de São Paulo, conhecido como o Caribe Brasileiro. Haverá caminhada pelo vilarejo até a 2ª praia, com parada neste local até as 14h00, com caminhada opcional até a 4ª praia. O regresso será feito pelo mesmo trajeto, travessia de lancha, embarque em veículo de turismo e regresso a Ilhéus.

8º Dia - Partida de Ilhéus. O visitante terá o traslado para o aeroporto no horário estipulado. **Importante:** Tanto a ordem quanto à disponibilidade dos passeios estão sujeitas à alterações sem prévio aviso, em função de variações climáticas ou operacionais.

Ainda que em todos os dias apareça um passeio para um lugar diferente, estes são apenas sugestões para o dia. Mas na maior parte dos casos os turistas acabam por realizá-los. Existem inúmeras razões que fazem com que os turistas paguem pelos passeios opcionais, algumas das principais são: para preencher o tempo, porque aprenderam que o tempo é um dos artigos mais preciosos no mundo capitalista; estar bem informado, porque as pessoas não querem se sentir ignorantes; sentir-se mais confortável, porque isso está associado ao bem-estar e a comodidade.

De acordo com Lucena *et al* (2011, p.99) “trata-se de uma compra [...] não planejada, mas ela acontece, [...] devido à visualização de um determinado produto seguida da lembrança que precisa dele, ou mesmo devido ao preço ofertado, o consumidor enxerga uma boa oportunidade e não abre mão da compra”. Trata-se do fenômeno do consumismo que se explica por um aparelho econômico-ideológico de propaganda que se encarrega de fabricar necessidades e novas opções de consumo. A propaganda associa imagens e sistemas simbólicos a produtos, de modo que o

consumidor não mais consome por necessidade. O próprio comportamento consumista é em si uma ideologia e, o que se consome é a própria ideologia que foi associada à mercadoria por meio da propaganda (LEFEBVRE, 1991).

Voltando ao roteiro do pacote turístico, observa-se que os dias de viagem seguem-se sempre dentro da mesma rotina, numa programação extensa de atividades. A programação diária é sempre igual mesmo se os lugares são diferentes “porque o tempo reduzido e a forma do seu uso impedem que as especificidades dos lugares, na sua diferença, aflorem já que tudo se homogeneíza” (CARLOS 1999, p. 6). Vale lembrar que nos pacotes turísticos está incluído o *city tour* no qual:

...os guias explicam aos turistas o que ver o que estão vendo e escolhem o que deverão ver num programa em que a quantidade dos lugares vistos é o que importa, limitada apenas pela equação tempo/distância: 24 horas do dia, número de dias de viagem/distância entre lugares e meios de transporte utilizado. Essa rapidez impede que os olhos desfrutem da extensão da paisagem, "que o caminho que ele segue vai lhe ficar na lembrança com a excitação produzida por lugares novos, atos inabituais" A busca dos lugares se desfaz na pressa. Passa-se em segundos por séculos de civilização, faz-se tábua rasa da história de gerações que se inscrevem no tempo e no espaço. Tudo previsto nos mínimos detalhes propõe um uso do tempo e, com isso, uma forma de apropriação do espaço. Num autêntico *tour de force*, consentido, os programas produzem uma programação que pouco espaço permite à criatividade. A carga de atividades faz com que levas de turistas cheguem aos hotéis de madrugada, deixando-os logo de manhã cedinho ao raiar do sol. A indústria turística impõe uma nova racionalidade, que não é diferente da imposta ao processo de trabalho na fábrica. Por sua vez, o turista acostumado a uma rotina massacrante no seu cotidiano, vê sufocar-se um desejo que nem se esboçou o de experimentar, que permite a descoberta dos lugares como descoberta da vida. O que está em questão, realmente, é o fato de que a hora de não-trabalho destinada ao lazer não escapa das regras do mercado; transporte, cultura, viagem, tudo vira mercadoria, e esta transforma lugares [...] (CARLOS, 1999, p. 4 e 5).

Nesse roteiro da CVC, Ilhéus figura basicamente como cidade âncora de uma zona turística, a “Costa do Cacau” (ver mapa - figura 96). De acordo com a SETUR/BA (2010), a Bahia possui 13 zonas turísticas. São elas: Zona Turística da Costa dos Coqueiros Zona Turística da Baía de Todos os Santos, Zona Turística da

Costa do Dendê, Zona Turística da Costa do Cacau, Zona Turística da Costa do Descobrimento, Zona Turística da Costa das Baleias, Zona Turística dos Lagos do São Francisco, Zona Turística da Chapada Diamantina (Circuito do Ouro, do Diamante e da Chapada Norte), Zona Turística da Chapada Diamantina (Circuito Chapada Velha, Zona Turística dos Caminhos do Sertão, Zona Turística dos Caminhos do Oeste, Zona Turística do Vale do Jequiriçá. As 13 zonas abrangem 156 municípios considerados turísticos. Desse total, seis são classificados pelo Ministério do Turismo como destinos indutores de desenvolvimento e treze como municípios âncoras.

Destinos indutores são:

...aqueles municípios com maior e melhor infraestrutura e com um conjunto de atrativos qualificados, identificados através de pesquisa da consultoria internacional realizada pelo Ministério do Turismo. Em todo o Brasil, foram classificados pelo Ministério 65 destinos indutores. A Bahia possui cinco municípios indutores de desenvolvimento e mais um que está em processo de consolidação. São eles: Salvador, Mata de São João, Maraú, Lençóis e Porto Seguro, e mais Itacaré. Esses municípios recebem do Ministério do Turismo orientação e capacitação para desenvolver e elaborar um plano de ação a fim de alcançar um nível de competitividade internacional. Esses municípios são responsáveis por induzir o desenvolvimento na região turística.

Já o município âncora é descrito como:

...o município referência na região que dispõe de maior e melhor infraestrutura, além de dar suporte para os demais municípios da região. Este conceito foi elaborado pelo Programa de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) vinculado ao Programa de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur).

São considerados municípios âncora: Salvador, Porto Seguro, Prado, Valença, Mata de São João, Itacaré, Lençóis, Cachoeira, Juazeiro, Paulo Afonso, Barreiras, Feira de Santana e Ilhéus. Dos municípios da Costa do Cacau, a cidade de Ilhéus possui a melhor infraestrutura, principalmente, em termos de hospedagem.

Fig. 96- mapa da Costa do Cacau

Fonte: Secretaria de Turismo do Estado da Bahia . Disponível em www.bahia.com.br

A atividade turística consegue captar (além de produzir) o desejo transformando tudo que toca em espetáculo controlado, o que transforma o indivíduo num ser reduzido à passividade e ao olhar (CARLOS, 1999, p.5). Quem entra num *site* de busca na *internet* a procura de informações sobre Ilhéus se depara com anúncios como este:

A moldura exuberante – mar azul esverdeado de um lado e Mata Atlântica de outro – conferiu a Ilhéus o título de cartão-postal da Costa do Cacau. Também as boas ondas que quebram por ali tornaram a região um dos *points* do surf do Nordeste brasileiro. Mas Ilhéus também tem águas calmas e areias douradas, como as das praias dos Milionários, do Sul e de São Miguel, as preferidas dos nativos e dos turistas.

Praia do Cristo: Morro do Pernambuco
Foto: Setur Ilhéus

Foram os caprichos da natureza - o cacauero é tipicamente equatorial, mas em Ilhéus se adaptou melhor que encomenda - que permitiram à cidade atingir seu apogeu no início do século XX. As lembranças da época continuam vivas no *Centro Histórico*, repleto de casarões e palacetes erguidos pelos barões em estilo neoclássico. Os antigos pontos de encontro dos ricos comerciantes também permanecem de pé, como o bar Vesúvio e o cabaré Bataclan, presentes nas obras do ilustre filho adotivo Jorge Amado. Em homenagem ao escritor, que tão bem retratou as belezas e as histórias da cidade, a residência onde passou a infância foi transformada em Casa de Cultura. O sabor dos tempos áureos também não foi perdido. Algumas fazendas da região estão abertas à visitação e permitem conhecer o processo de cultivo do cacau desde a plantação até o processo pós-colheita, incluindo, claro, uma degustação. Até mesmo a primeira fábrica de chocolates caseiros do Nordeste funciona a todo vapor, oferecendo as delícias com recheios e formas diversas. A preservação histórica e cultural da região reflete na natureza. É em Ilhéus que fica a *Estrada Parque*, a primeira rodovia ecológica do país, com praias selvagens, manguezais, cachoeiras... tendo como ponto final a intocada Itacaré, salpicada de praias desertas e protegidas por costões⁶⁵.

Todos esses lugares estão incluídos no pacote turístico que vende Ilhéus como uma opção de turismo e lazer. Em todos esses lugares o espetáculo contempla a vitória da mercadoria, pois produz cenários ilusórios, vigiados, controlados sob aparência da liberdade (CARLOS, 1999), como mostra o anúncio a seguir:

...águas calmas e areias douradas [...] praias dos Milionários, [...] palacetes erguidos pelos barões do cacau em estilo neoclássico, com antigos pontos de encontro como o bar Vesúvio e o cabaré Bataclan. [...] fazendas da região abertas à visitação que permitem conhecer o processo de cultivo do cacau desde a plantação até o processo pós-colheita, incluindo, uma degustação, a Estrada Parque, a primeira rodovia ecológica do país, com praias selvagens, manguezais e cachoeiras, e a intocada Praia de Itacaré⁶⁶.

65

Fonte: <http://www.pakotsviagens.com.br/default.asp?modo=pacote&intIdPacote=101&intpaginaa=1&intIdCategoria=&chaNome=Ilhe%FAs>. Acesso em 26/04/11

⁶⁶ Fonte: Turismo Criativo. Disponível em: <http://turismocriativo.blogspot.com/2010/04/pacote-turistico-ilheus-capital-do.html>. Acesso em 16/01/11

Durante os trabalhos de campo pelo centro histórico de Ilhéus me deparei com um grupo de turistas brasileiros (figura 97), conduzidos por um guia que lhes apresentava o Quarteirão Jorge Amado. Ele apontava para os casarões antigos, a Igreja Matriz, a caricatura do Jorge Amado (figura 98) que fica na entrada do Bar Vesúvio e ao mesmo tempo resumia em cinco ou dez frases a história de cada ícone. Os turistas ouviam atentos, pois a distração podia significar perder parte da explicação e comprometer o passeio. Após os esclarecimentos, o guia disse aos turistas: “agora podem fotografar tudo. Encontrar-nos-emos aqui em 20 minutos. Vocês podem aproveitar também para comprar lembranças e doces típicos da região”.

Fig. 97 - Grupo de turistas brasileiros
Foto: Moreira 2011

Fig. 98 - Escultura do Jorge Amado na entrada do Bar Vesúvio
Fonte: Moreira 2011

Mal o guia terminou a frase, os turistas saíram correndo e começou um verdadeiro bombardeio de flechas. Um grupo foi em direção a Igreja Matriz, outro se dirigiu ao bar Vesúvio, enquanto alguns turistas sentaram-se ao lado da caricatura de Jorge Amado e começou a tirar fotografias, outro grupo se dirigiu aos quiosques para comprar algum souvenir. O que mais me chamou a atenção foi observar aquele grupo atento aos comandos do guia, olhando de lado para o outro como se estivessem observando uma partida de tênis. Confesso que me lembrei da cena de abertura do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin (figura 100) que mostra um rebanho de ovelhas e ao mesmo tempo uma multidão correndo desesperada. “Gente que se

submete a viver amontoada, sem propósito como gado domesticado – uma visão da bestialidade humana”.⁶⁷

Fig. 99 - Imagens do filme Tempos Modernos
Fonte: www.supercatalogo.com.br/unit/Tempos_Modernos

⁶⁷ Resenha do filme Tempos Modernos de Charles Chaplin por Francisco Pereira Maia. Disponível em www.supercatalogo.com.br/unit/Tempos_Modernos.doc+as+peoas+comparadas+a+gado+no+filme+tempos+modernos+de+charles+chaplin&hl=en&pid=bl&srcid. Acesso em 26/03/11

Nos dias de hoje, de predomínio do mundo da mercadoria, pouco escapa do circuito abrangente da produção e circulação do capital. A cultura, a viagem, o lazer tudo vira mercadoria, nada parece escapar das regras do mercado. O predomínio do valor de troca sobre o valor de uso sinaliza a extensão do processo de desenvolvimento do mundo da mercadoria que embasa o processo de produção do espaço urbano, transformando-o em mercadoria valorizada pelo processo de urbanização da sociedade, e, com ele, eliminando referenciais, volatilizando relações sociais e gerando individualismo (CARLOS, 2007, p. 50). Deste modo,

...o desejo é o de possuir e não o de utilizar. É nesse sentido que, ao ter seu uso atenuado, o produto enquanto mercadoria, pela troca, adquire força destituindo a qualidade do uso, valorizando-o exclusivamente enquanto um valor de troca. A posse dos objetos pela compra reforça a satisfação dos chamados desejos do consumidor, criados e reproduzidos pelos meios de comunicação. (ALVES, 2010, p. 22)

No caso de Ilhéus, o *city tour* no centro histórico é feito pelas ruas do quarteirão Jorge Amado. O guia de turismo acompanha os turistas informando-lhes sobre as manifestações culturais e geográficas da cidade, da região e do próprio centro histórico. Faz paradas estratégicas em frente a igrejas, monumentos, prédios tombados e praças. Utilizando sempre uma linguagem clara e inteligível. Assim, busca sensibilizar os turistas apresentando esse espaço (centro histórico) como um cenário, onde a história do lugar se resume a fatos. A estratégia é promover o espetáculo do passado, seja no quarteirão Jorge Amado, seja na orla com suas belas praias emolduradas por coqueirais. Cada pedacinho da paisagem do centro histórico é meticulosamente explorada. Nesse caso se presencia o espetáculo das belas paisagens (LACOSTE, 2003), tão bem explorado pelos profissionais do turismo e pelos empreendedores imobiliários. Mas, vale lembrar que “a paisagem nem sempre é reveladora dos processos de produção do espaço, ocultando-os muitas das vezes, dando lugar a dissimulação, a sociedade do espetáculo”, (DEBORD, 1997, p. 14). Essas novas produções colocam a necessidade de uma crítica à mercantilização do mundo e de sua constituição enquanto mundo como abstração (CARLOS, 2010, p. 1).

O apelo publicitário se impõe num cotidiano fragmentado e alienado. Mas, se a eficácia da propaganda não é absoluta, apesar de influenciar os modos de consumo, é possível pensar que algumas ações escapam do domínio total do mundo da

mercadoria. Como diz Alves (2010), o espaço múltiplo, ainda democrático, existe de modo latente e assusta. Apesar da cidade de Ilhéus estar sendo vendida enquanto espaço perfeito de lazer e investimentos, alguns fragmentos da cidade não estão incluídos nessa estratégia. A partir daqui vamos deslocar a análise para o Teotônio Vilela o ponto de partida desse estudo em busca dos conteúdos que auxiliem na compreensão desse processo.

4.4 O ponto de chegada: o Teotônio Vilela, um fragmento da cidade aparentemente fora do circuito da mercadoria.

O ponto de partida da investigação dessa análise foi o Teotônio Vilela - um fragmento da cidade que por si só não explica a realidade de Ilhéus que está em constante movimento, mas quando articulado a totalidade da cidade nos ajuda na compreensão dos conteúdos nem sempre aparentes dos processos reais e concretos que se articulam aos nexos da reprodução capitalista.

Já se passaram seis anos da nossa pesquisa de mestrado. Muitas transformações ocorreram em Ilhéus nesse espaço de tempo. Mudanças associadas de maneira inexorável ao turismo. O centro da cidade fora totalmente remodelado para se adequar às exigências desse novo ramo da economia. Várias ruas foram transformadas em calçadas, antigos prédios foram restaurados e refuncionalizados. O porto sofreu adequações para recepcionar os turistas dos transatlânticos que passaram a aportar na cidade na temporada de cruzeiros (dezembro a fevereiro).

O aeroporto passou por reformas para receber aeronaves maiores e consequentemente mais turistas. Os bairros localizados a beira mar, principalmente na zona Sul por serem dotados de melhor infraestrutura e pela proximidade com o centro histórico, com o porto e o aeroporto passam por um intenso processo de adensamento de casas de veraneio, condomínios fechados, *resorts* e loteamentos. Nestes bairros também se localizam cerca de 90% dos hotéis e pousadas da cidade. No entanto, essas mudanças que se apresentam intensas e que têm por objetivo atrair cada vez mais um fluxo maior de turistas, ocorrem praticamente nesses fragmentos específicos da cidade. Bairros como o Teotônio Vilela apesar da proximidade com o centro (4 km de distância) não fazem parte desse processo de modernização espacial cujo objetivo é inserir Ilhéus no circuito turístico nacional e talvez internacional.

O Teotônio Vilela foi planejado (ainda que não tenha se desenvolvido a partir do plano elaborado como já mostramos) para abrigar a população de baixa renda. Por quê? Num primeiro momento, para atenuar o problema do déficit habitacional, já que a população carente e sem teto clamava por providências por parte do poder público. Após muita pressão dessa população, o poder público desapropriou uma antiga fazenda, localizada numa área de manguezal, abriu algumas ruas, demarcou alguns lotes e os entregou às famílias cadastradas na prefeitura municipal.

Mas, após denúncias de corrupção na entrega dos lotes, dezenas de famílias ocuparam a área loteada e adjacências. O poder público utilizando-se desse fato não completa a construção das casas populares como constava no projeto inicial. Assim fica nas mãos dessa população a solução da falta de moradia, o que faz com que a saída pela autoconstrução se torne a única alternativa possível. Com povo ocupado em produzir sua própria moradia, os investimentos públicos puderam ser canalizados ora na tentativa de recuperação da lavoura cacaeira, ora na resignificação de fragmentos da cidade para o turismo. Fica claro que o objetivo do poder público não era solucionar a crise habitacional, mas viabilizar o processo de acumulação capitalista.

Sem a atenção do poder público, o Teotônio Vilela, que já era periférico, se tornou uma área segregada, carente de todo tipo de serviço público e infraestrutura. Hoje, esse bairro se constitui num espaço de confinamento, onde o pobre e suas mazelas ficam ocultos do turista e de populações de mais alta renda dessa cidade que busca lazer de sol e mar na bela Ilhéus. Afinal, no processo de reprodução do capital interessa que as camadas mais pobres morem afastadas das áreas resignificadas pelo turismo e, conseqüentemente dos espaços mais valorizados da cidade.

De acordo com os empreendedores imobiliários, a proximidade com uma favela pode desvalorizar qualquer empreendimento. Vale lembrar que um dos motivos que levaram as pessoas a ocupar o bairro Teotônio Vilela foram os altos preços dos terrenos, dos imóveis e dos aluguéis em outras áreas da cidade, principalmente a beira mar - áreas mais valorizadas. Vidal (2009. p 64) assinala que nessas áreas só habitam as classes média e média alta. Sobre essa assertiva ela diz:

...área de classe média: numa via de continuidade da ponte do Pontal, no sentido sul, e que liga a “ilha” ao aeroporto e às praias e, considerado o mais importante vetor ao litoral sul da cidade, predomina na área o uso residencial de médio e alto padrão construtivo e o uso comercial destinado ao lazer e ao turismo como bares, restaurantes, pousadas e hotéis. Os bairros que se classificam dentro desta área são: Centro, Conquista, Vitória, Tapera, Sapetinga, Pontal (a parte interna do bairro), Proa, Malhado, Savóia, Vila Lúcia, Barra, São Miguel e São Domingos; Área de Classe Alta: as Avenidas Soares Lopes e Avenida Dois de Julho [...]. Há uma valorização urbana nas áreas situadas às margens da Rodovia Ilhéus/Olivença, por sua proximidade com o mar, sua vista panorâmica e a instalação de condomínios fechados, faculdade e hotéis. Nesta classificação estão os bairros: Cidade Nova, Bela Vista (Pacheco), Jardim Pontal, Pontal (na Avenida Lomanto Júnior), Jardim Atlântico, São Francisco e os loteamentos da orla sul (Pérola do Mar, Aldeia Atlântida, Mar à Vista, entre outros); [...]. O valor das áreas nas cidades, antes restrito à sua proximidade com a área central pela facilidade de acesso aos serviços e equipamentos urbanos, muda sua referência, e as áreas mais valorizadas são aquelas distantes do centro, porém, com a oferta de serviços públicos, infraestrutura, vias de acesso, proximidade a áreas que possuem um espaço verde considerável, e a sua ocupação se dará em graus diferenciados de renda. Porém, os espaços desprovidos de infraestrutura e serviços urbanos, situados em locais insalubres, possuem baixo ou nenhum valor e estão destinados à população de baixa ou nenhuma renda. Em Ilhéus estas áreas estão localizadas próximas aos recursos hídricos, mangues e encostas, e cuja ocupação resulta em problemas de naturezas social e ambiental.

Numa sociedade hierarquizada, as classes de maior poder aquisitivo habitam as melhores áreas e quando estas se tornam inconvenientes pelo barulho, congestionamento e poluição, buscam áreas mais distantes do centro, porém com muito verde e infraestrutura (Carlos 1997). Segundo os empreendedores imobiliários, os fatores tais como proximidade com o mar, vista panorâmica, oferta de serviços públicos, infraestrutura, vias de acesso, proximidade com áreas que possuem um espaço verde são diferenciais que implicam na valorização não só dessas áreas, mas principalmente dos imóveis nelas localizados. Além disso, são fatores de grande atratividade para divulgar e vender seus produtos. A valorização desses espaços foi condição *sine qua non* para que muitas famílias deixassem essas áreas e buscassem moradia em outras partes da cidade e dentre elas o Teotônio Vilela.

Os valores dos imóveis nas áreas mais valorizadas de Ilhéus, (Avenida Soares Lopes, Centro, e Zona Sul) hoje variam de R\$ 500.000 (U\$ 314.564,33) a R\$ 1.500.000⁶⁸ (U\$ 943.692,99). Vale lembrar que o valor do salário mínimo hoje é de R\$ 545,00 (U\$ 342,88). Em 2003, por ocasião da pesquisa de mestrado, o salário mínimo era de R\$ 200,00 (U\$ 125,83) e o valor dos imóveis nessas áreas variava entre R\$ 200.000 (U\$ 125.825,73) a R\$ 800.000⁶⁹ (U\$ 503.302,93). Nessa época só 10% da população residente no Teotônio Vilela tinha emprego fixo e apenas 5% tinha um ganho superior a um salário mínimo (Moreira, 2003). Cabe relembra que o Estado define o salário mínimo, insuficiente para a reprodução da força de trabalho, estabelece as normas de propriedade da terra, regulamenta o uso do solo e as formas de intervenção no urbano (RODRIGUES, 2007, p. 79)

Por ocasião da pesquisa de mestrado (2003) o poder público já buscava alternativas no sentido de se recuperar da crise do cacau e reerguer Ilhéus da estagnação econômica. Vários investimentos no turismo por meio de projetos de resignificação e infraestrutura já estavam em andamento na cidade. As parcerias entre Estado e iniciativa privada já estavam consolidadas. A partir daí a cidade entrou num processo de transformação de seu espaço físico e do cotidiano de sua população local. Mas, e o Teotônio Vilela? O que aconteceu? O que mudou nesse bairro do ponto de vista socioespacial? De acordo com Oliveira (2008, p.142), nos últimos dez anos a cidade de Ilhéus foi contemplada com alguns programas habitacionais e estes, de alguma forma, promoveram intervenções no Teotônio Vilela. Esta mesma autora afirma:

...o “Viver Melhor”, implementado pela URBIS com financiamento do PRODUR – Banco Mundial, no bairro de Teotônio Vilela, recebeu intervenções urbanísticas e de infraestrutura, na sua primeira edição, em 1997. Em 2002, o prefeito Jabes Ribeiro (1997-2004) firma convênio com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o governo federal pela SEDU, através do programa Habitar- Brasil/BID, com a proposta de intervir na recuperação urbanística, ambiental, social e econômica da Comunidade do Alto Teotônio Vilela. A primeira etapa previa o remanejamento de

⁶⁸ Fonte: Residenci Internatinal Realty – Corretores Associados

⁶⁹ Pesquisa de campo realizada em 2003

156 famílias, com a construção de: novas unidades habitacionais dotadas de quarto, sala, cozinha e banheiro; um centro comunitário; uma escola de ensino fundamental; uma praça e uma quadra polivalente, com o intuito de promover o convívio social. Cursos profissionalizantes são previstos para a formação de mão-de-obra e geração de renda.

Oliveira (2008, p.142), ainda acrescenta que:

o programa inclui, além disso, toda a infra-estrutura: pavimentação de vias, contenções de encostas, abastecimento de água, esgotamento sanitário, drenagem pluvial e a regularização fundiária dos lotes, perfazendo um total de 389 unidades. O prefeito Valderico Reis (2005-2007) continuou com o programa e em junho/2006 foram entregues as 156 casas e mais 50 casas dentro do Programa de Subsídio à Habitação – PSH, no bairro Teotônio Vilela, além da assinatura de termo de compromisso para a construção de outras 40 unidades, através deste mesmo programa. No referido bairro, em 2006, com o objetivo de urbanizar o restante da área, o prefeito firma convênio com o Ministério das Cidades e implanta o programa PATPROSANEAR, com a proposta de produção de 272 unidades habitacionais e a requalificação urbana, com a complementação de toda a infra-estrutura: abastecimento de água, esgotamento sanitário, energia elétrica, iluminação pública, drenagem e pavimentação de vias. As obras estão paralisadas (OLIVEIRA,

O “Viver Melhor” é um programa de emergência para agir especialmente em áreas de favelas. De acordo com a CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia)⁷⁰

...tem por objetivo a recuperação de áreas degradadas, insalubres ou inadequadas para moradia através das ações de construção habitacional para famílias remanejadas, melhorias

⁷⁰ A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) é uma empresa pública, com personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio, autonomia administrativo-financeira e vinculada estruturalmente à Secretaria de Desenvolvimento Urbano. A CONDER foi criada pela Lei Delegada nº 8, de 9 de julho de 1974, modificada pela Lei nº 7.435, de 30 de dezembro de 1998. A CONDER tem por finalidade promover, coordenar e executar a política estadual de desenvolvimento urbano, metropolitano e habitacional do Estado da Bahia e, dentre os seus objetivos sociais destacam-se o de estudar, formular e implantar planos, programas e projetos para o desenvolvimento urbano e metropolitano e de habitação de interesse social do Estado, bem como planejar, programar, coordenar e controlar a execução de serviços de interesse urbano e metropolitano, promovendo a sua unificação, integração e operação. Fonte: Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER). Disponível em <http://www.conder.ba.gov.br/oquee.htm>. Acesso em 16/01/2011

habitacionais, incluindo-se unidades sanitárias, infra-estrutura, equipamentos comunitários, serviços urbanos, regularização fundiária e promoção social.

O PRODUR é um programa de administração municipal de desenvolvimento de infra-estrutura urbana do Estado da Bahia - e o desenvolvimento urbano preconizado pelo Banco Mundial. Lançado em 1997 pelo Governo do estado da Bahia foi implantado pela Secretaria de Planejamento da Bahia – SEPLAN, tendo como órgão coordenador a Campanha de Ação Regional – CAR (TRIGO, 2008). O PAT - PROSANEAR é um Projeto de Assistência Técnica ao Programa de Saneamento para Populações em Áreas de Baixa Renda.

O projeto indica apenas a realização de obras de urbanização (saneamento básico, iluminação e pavimentação) da área ocupada. Embora Oliveira (2008) afirme que o Teotônio Vilela foi contemplado com obras de infraestrutura e programas de habitação popular, não é essa a realidade encontrada no bairro. As 196 casas citadas por Oliveira (2008), não foram suficientes para acabar com as moradias precárias (barracos) que estão por toda parte, na entrada do bairro, no alto dos morros e na beira do rio. As 272 unidades habitacionais também citadas por Oliveira (2008), financiadas principalmente pela Caixa Econômica Federal (CEF), prevê a mudança das famílias que moram na Rua do Mosquito (área de manguezal próxima ao bairro) e não do Teotônio vilela.

Vale dizer que a pesquisa de Oliveira data de 2008, ano em que as obras já estavam paralisadas e, até a presente data, ainda não foram concluídas. Parte da população que habita o bairro continua vivendo em péssimas condições de habitabilidade. Em termos concretos, o Teotônio Vilela permanece segregado do ponto de vista socioespacial. As obras de infraestrutura também citadas por Oliveira (2008) só atenderam apenas parte do Teotônio Vilela, outras partes permanecem na precariedade. Recuperando o mapa da página 28 é possível apontar as áreas dotadas de infraestrutura e as áreas mais carentes do bairro

Fig. – 100- Mapa com o traçado urbano e os rios que circundam o Teotônio Vilela

Elaborado com base em CONDER (2007) - Fonte: VIDAL Elzita F. 2008.

Áreas carentes de infraestrutura

Áreas com infraestrutura precária

Isso explica em parte as diferenças internas no espaço físico do bairro. Áreas com infraestrutura (precária) onde se localizam prédios, casas de alvenaria e um pequeno comércio. Áreas totalmente carentes de equipamentos urbanos onde predominam barracos de madeira, sucata e até papelão. Os investimentos realizados pelo poder público no Teotônio Vilela por meio de projetos e programas de habitação popular visaram apenas atenuar os problemas que afligiam aquela população e não

solucioná-los. De acordo com Oliveira (2008) “tais programas e projetos prevêm a permanência dos moradores no mesmo local da favela”. Afinal o Teotônio Vilela não apresenta nenhum obstáculo aos interesses do poder público, tampouco aos empreendedores imobiliários. Os interesses desses agentes estão voltados nesse momento para outras áreas da cidade – o centro histórico e a orla. Por isso:

...não se coloca a remoção dos moradores para outra área, mas a remoção das características da favela O que atende, pelo menos parcialmente, às reivindicações dos favelados que lutam pela instalação de serviços públicos e pela permanência nas áreas ocupadas. Não atua, porém nas causas da existência da favela. (RODRIGUES, 1997, p. 42)

Isso porque a existência de favelas é expressão da má distribuição de renda e da propriedade privada do solo. Reverter esse quadro exige mudanças em nível estrutural na própria sociedade.

As condições precárias das moradias no Teotônio Vilela permanecem exatamente como há oito anos, quando realizamos a pesquisa no mestrado. As figuras 101 e 102 ilustram essa realidade.

Fig. 101- Barracos no Mangue lado esquerdo da avenida central

Foto: Moreira 2011

Fig. 102 - Barracos no Mangue lado esquerdo da avenida central

Foto: Moreira 2011

Essa realidade nos remete a ideia de que:

...desigualdade socioespacial exprime formas e conteúdos da apropriação e da propriedade, da mercadoria terra e das edificações, da cidade mercadoria, da exploração e da espoliação da força de trabalho, da acumulação desigual no espaço, da presença e da, aparentemente paradoxal, ausência do Estado capitalista no urbano. (RODRIGUES, 2007, p. 74)

No caso de Ilhéus o poder público elegeu as áreas da cidade que receberia infraestrutura (iluminação, calçamento, saneamento básico, pavimentação, jardinagem, entre outros). O critério para tal escolha é sempre de acordo com os interesses do capital. E quando esses espaços foram ressignificados pelo e para o turismo foram transformados de tal forma que dão a impressão de que Ilhéus é a cidade ideal, livre de mazelas tais como pobreza, miséria e violência. Mas, na cidade real, para usar as palavras de Rodrigues (2007, p.72), [...], os problemas não desaparecem, mas pelo

contrário, são visíveis e para ignorar as causas que levam a existência dos mesmos os pobres são tidos como causadores dos problemas a que estão submetidos⁷¹.

O Teotônio Vilela é um exemplo de que esses espaços existem e pulsam no “coração” de Ilhéus, hoje uma cidade que se transforma prioritariamente, pelo turismo. . No capítulo anterior vimos as várias estratégias de *marketing* e propaganda para a venda dos fragmentos da cidade. Geralmente anúncios com textos chamativos e fotografias que apresentam uma cidade bela aparentemente sem problemas. É evidente que imagens (figura 103) como as que se seguem jamais farão parte da folheteria turística que promove Ilhéus.

Fig. 103 - Barracos no alto do morro

Foto: Moreira 2011

⁷¹ É comum e recorrente associação de pobre com grande número de pessoas, como se houvesse necessariamente um alto índice de reprodução e o controle de natalidade pudesse minimizar os problemas

Fica difícil associar essa imagem a um lugar emoldurado por águas verdes, areias douradas e coqueirais como aparece nos anúncios que vendem Ilhéus. Os barracos que aqui aparecem em nada lembram as barracas de praia cuja função é de lazer, entretenimento e alimentação para os turistas que frequentam as badaladas praias da cidade.

A função desses barracos é outra – a moradia de centenas de despossuídos. Na cidade ideal, a Gabriela é Cravo e Canela, mas aqui no Teotônio Vilela se chama Maria (figura 104) e em nada lembra a mulata glamurosa do romance de Jorge Amado. É uma mulher simples, que mora num barraco a beira do rio, dentro do mangue. Ela representa centenas de mulheres que vivem em condições subumanas num fragmento da cidade que é vendida como sendo a jóia do litoral Sul.

Fig. 104 – Maria - moradora do Teotônio Vilela em área de mangue

Foto: Moreira 2011

Maria lembra muito mais a Maria da canção do Milton Nascimento que diz:

Maria, Maria
 É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta
 Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta
 Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria
 Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida....

Vale lembrar que as diferentes formas de apropriação do espaço e a consequente diferenciação socioespacial são produtos da existência de classes sociais, inerente ao modo de produção capitalista. Pois como diz Rodrigues (2007, p. 78)

...a desigualdade socioespacial e a precariedade para a reprodução da vida são produtos do modo de produção e, ao mesmo tempo, são condição de permanência nas mesmas condições precárias. O processo de expansão capitalista produzindo “cidade”, incorporando o espaço produzido pelos trabalhadores faz prevalecer o valor da troca sobre o valor de uso.

Com a lavoura cacaueteira Ilhéus tornou-se não só a cidade mais rica e próspera do interior do estado, mas também uma das mais segregadas, pois as políticas públicas se direcionaram para uma transformação que trouxe maiores benefícios para a população de médio e alto poder aquisitivo. Enquanto isso, a população pobre que

morava na periferia continuava desprovida de serviços básicos. Essa situação permanece até o momento atual. A presença da periferia na cidade representa a contradição da urbanização capitalista. O Teotônio Vilela é um exemplo da condição perversa do viver urbano. Dos 54 bairros de Ilhéus o Teotônio Vilela é o mais populoso 39 mil habitantes.

Já se passaram oito anos desde o nosso mestrado, e pouca coisa mudou em termos de infraestrutura no bairro, pois a precariedade persiste. Isso implica dizer que a situação do bairro pirou bastante. A imagem (figura 106) a seguir comprova que parte dos habitantes do Teotônio Vilela continua vivendo, numa situação de miséria absoluta, principalmente no que diz respeito a moradia.

Fig. 105 - Moradias dentro do mangue
Foto: Moreira 2011

Os moradores do Teotônio Vilela vivem no bairro e não o bairro. Parte dessa população mora em ruas sem nome, em casas sem número. É um paradoxo pensar que há uma invisibilidade dos bairros pobres em relação às instâncias políticas e sociais de poder local. Vidal (2009), em sua pesquisa de mestrado, evidenciou os mesmos problemas que diagnosticamos há oito anos, ou seja, a precariedade dos serviços públicos (oferta de água encanada e tratada, coleta de lixo, esgotamento sanitário),

mesmo nas áreas mais urbanizadas. Por conta dessa deficiência grande parte dos moradores descarta o lixo na rua, despeja seus dejetos e rejeitos no rio e armazena água em locais impróprios e forma inadequada colocando em risco a própria saúde. De acordo com Vidal (2009, p. 91),

...a maioria das caixas d'água não possui tampa e estão localizadas fora das moradias. Notou-se também, que as condições de armazenamento de água não são adequadas, sendo armazenadas em locais impróprios, como a passagem de esgotos a céu aberto e os recipientes em sua maioria não possuem tampa, o que compromete o seu consumo e possibilita a proliferação de doenças. (figura 107)

Fig. 106 - Recipientes utilizados para armazenamento de água

Foto: Vidal, 2009

Vale dizer que os custos da ligação e manutenção do serviço de água e esgoto se constituem um empecilho de acesso ao saneamento básico para muitos moradores que estão desempregados e sobrevivem de “bicos”. Por conta disso, despejam seus efluentes no rio e lançam seus resíduos a céu aberto. Mas vale dizer que própria EMBASA (Empresa Baiana de Água e Saneamento S.A.) não cumpre a sua função de prover um serviço de qualidade que contemple todo o bairro. Poucas ruas no Teotônio

Vilela contam com saneamento que, aliás, é bastante precário. De acordo com Vidal (2009, p.105), apenas 2,0% têm drenagem e rede de água; 3,0% possuem coleta de lixo regular. São inúmeras as dificuldades da população que convive com problemas de esgoto despejado a céu aberto (figura 108).

Fig. 107 – Canalização de esgoto de rede sendo despejado a céu aberto.
Moreira 2011

O principal elemento que salta aos olhos é a sobreposição dessas carências que reforça as precariedades do bairro. O Teotônio Vilela é o retrato de um espaço contraditório, onde milhares de pessoas vivem em moradias precárias, cercadas por rios, lixo, mangues, poluição, vegetação e miséria. Os moradores do bairro Teotônio Vilela vivem na cidade de Ilhéus, porém apartados dela. Esse é um fragmento da

cidade que está (momentaneamente) fora do circuito da riqueza, é a outra face do urbano, ou seja, na periferia degradada com pouco ou sem nenhum valor de mercado. Vale lembrar que a valorização de outros espaços, evidente nos altos preços dos imóveis e dos terrenos, obrigou os pobres a buscar na periferia da cidade, a satisfação de uma necessidade básica - a moradia, fato que culminou numa violenta segregação urbana.

O Teotônio Vilela foi escolhido como lugar de confinamento e é para lá que estão convergindo aqueles cujos baixos salários ou a falta total de recursos não permitem habitar outro lugar.

No ano 2000 (IBGE), a população de Ilhéus estava estimada em 222.127 habitantes. Em onze anos essa população sofreu uma retração. Atualmente a população está estimada em 176.917 (IBGE (2010)), uma perda populacional considerável que, aliás, está sendo questionada pelo poder público⁷². Entretanto, o Teotônio Vilela que contava com uma população de 25 mil habitantes em (IBGE, 2000) atualmente, tem uma população estimada em 39 mil habitantes, ou seja, um aumento de 14 mil pessoas.

De acordo com a associação de Moradores do Teotônio Vilela (2011), 30% dessa população é proveniente de outras regiões do estado, 40% da zona urbana, 24% de outros municípios e 6% da capital. As razões que motivaram a busca pelo Teotônio

⁷² O prefeito de Ilhéus, Newton Lima, protocolou junto à unidade da Bahia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o ofício/Gab 144/10, destinado a Arthur Ferreira da Silva Filho, para que seja procedida revisão na contagem populacional em todo o território municipal. Newton não concorda com as informações até agora obtidas sobre os resultados do censo 2010 e também publicadas no Diário Oficial da União, no dia 4 deste mês, que apontam uma população encontrada de 176.917 pessoas. Esses números contradizem os encontrados no censo 2000, que garantiam uma população acima de 222.127 moradores, constituindo-se numa queda muito brusca no nível populacional. Além de não concordar com esses números atuais, o prefeito afirma que Ilhéus não reconhece os novos limites estabelecidos pela Superintendência de Estudos Econômicos Sociais da Bahia, que prevê a perda de importantes áreas para demais municípios circunvizinhos, o que inclusive, terminou influenciando no trabalho do censo realizado pelo IBGE. Para tanto, também protocolou junto àquele órgão requerimento sob o número 140110000554712, solicitando revisão do perímetro territorial do município. Ainda no ofício protocolado no IBGE, Newton Lima requer que o município seja informado qual número de habitantes foi encontrado nos limites municipais utilizados no censo 2000, antes da nova delimitação da superintendência, que foi suprimido do território ilheense; e, que seja informado o número de habitantes encontrados nos distritos Sede, Aritaguá, Banco Central, Castelo Novo, Couto, Inema, Japu, Olivença, Pimenteira e Rio do Braço, “com o objetivo de podermos comparar com os dados do Censo 2000, para identificarmos onde ocorreu o decréscimo populacional”. Fonte: <http://www.otrombone.com.br/blogpost-1552.html>. Data de acesso: 24/04/12

Vilela por parte dos migrantes de outros bairros, são basicamente os altos preços de imóveis e alugueis em outras áreas da cidade. Quanto aos migrantes de outras regiões e da capital os motivos são variados.

A valorização do centro da cidade e dos espaços a beira mar, culminou no aumento de preços dos imóveis e dos terrenos nessas áreas. Fato que, contribuiu para expulsar os mais pobres. No ano de 2003, 57% dos moradores do Teotônio Vilela vieram de outros bairros de Ilhéus, por causa dos altos preços dos imóveis. Sendo assim, pode-se dizer que a segregação socioespacial está relacionada a essa valorização e ao conseqüente aumento dos preços. Sendo assim, a valorização do centro e de outras áreas de Ilhéus, bem como a segregação socioespacial não se dá exclusivamente pelo turismo. Ela se dá também pela exploração dessas áreas pelos agentes hegemônicos (empreendedores e agentes imobiliários), mas, o turismo reforça todo esse processo.

O Teotônio Vilela em função da sua localização (zona oeste) uma área cercada por morros e encostas, não é visível ao resto da cidade. As áreas mais valorizadas estão localizadas na planície (centro, zonas norte e sul da cidade). Essa realidade remete as palavras de Yves Lacoste que diz

...se no primeiro plano nós somos abatidos por todas as formas visíveis da miséria, estas não são mais perceptíveis a uma certa distância, onde se estabelece uma certa 'harmonia' de forma e de cores. A mais abominável das favelas será, a uma certa distância, apenas uma mancha de cor que se integrará '*perfeitamente*' na paisagem. [...] A paisagem vista obliquamente de algumas centenas de metros de altitude torna-se totalmente ordenada e bela. Uma tal fábrica com fumaças pestilentas, cercada de acumulações de rejeitos nocivos, exibirá, do alto, a lógica de sua planta, a brancura da cortina de fumaça; [...]. A cidade não tem barulho nem congestionamentos; os pardieiros ou o luxo dos belos bairros tornam-se uma estrutura bem organizada. A vista aérea vertical é bem menos impressionante, pois o desaparecimento da terceira dimensão faz com que não se possa projetar sobre essa carta muda, os impulsos afetivos que desencadeia a vista das belas paisagens. (LACOSTE, 2003, p. 147)

Vale lembrar que de acordo com Carlos, (1994 p.36)

...enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva

da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida.

O Teotônio Vilela foi produzido com a finalidade de levar os pobres para a periferia pobre, numa tentativa de esconder a miséria, mantendo-a fora da vista da elite e dos turistas. Essa é uma prática comum da administração pública não só de Ilhéus, mas do Brasil. Mas o Teotônio Vilela também pode ser entendido como espaço de resistência. Dentro dessa perspectiva, queremos expor outra dimensão da análise: o espaço de luta. O Teotônio Vilela surgiu da necessidade de moradia de uma da parte da população de Ilhéus que ocupou a área destinada a um loteamento popular. Deste modo, ainda que denominado como prática ilegítima e de violação do bem patrimonial de outrem, as sucessivas ocupações possibilitaram a conquista do acesso ao solo. Além disso, gerou movimentos organizados resultando na Associação de Moradores do Bairro. De acordo com Bidarra (2005, p.1)

...as invasões coletivas de solos constituíam-se num fenômeno urbano relevante em virtude da amplitude e da adesão alcançadas por essa modalidade de luta pela conquista do direito à posse do solo urbano. Elas passavam a demonstrar um potencial de ação organizativa e estrategicamente elaborada daqueles que, historicamente, foram excluídos ou destituídos das possibilidades de consumirem, pelas vias legais, os bens territoriais e imóveis produzidos pelas sofisticadas sociedades urbanas.

Hoje, é impossível pensar o Teotônio Vilela sem levar em conta a luta dos membros da Associação de Moradores que, por meio desta, reivindicaram do poder público a “satisfação das demandas que decorrem das próprias urgências da vida urbana, tal como ela se constitui atualmente”. (CARLOS, 1997, p. 87). É importante salientar que o espaço urbano se reproduz na contradição/luta.

De um lado estão necessidades do processo de valorização do capital - enquanto condição geral de produção em que o indivíduo se prende, cria-se o estranhamento, o distanciamento e o desencantamento do mundo: a cidade dividida e vendida aos pedaços espelha a segregação do

habitante, expulsando – o para a periferia da mancha urbana. De outro, ocorre a reprodução da vida humana em todas as suas dimensões, enquanto retornada dos lugares, recriação de pontos de encontro, e da busca de identidade com o outro (CARLOS, 1997, p. 92)

Nesse contexto, o turismo concorre, no cotidiano, na reprodução da vida nos lugares, com outras práticas sociais e outras atividades econômicas.

No plano da vida cotidiana o processo de produção do espaço da vida revela a passagem da produção de um lugar conhecido/reconhecido (pelos atos e ações simples suporte da vida cotidiana – posto que lugar da reprodução da vida) para a constituição de "um novo lugar", provocando ausências inexoráveis - este processo decorre do movimento da passagem da produção do espaço enquanto valor de uso para o espaço submetido ao valor de troca. "Aqui o desconhecido, o não - reconhecido, aparece como sinal inexorável dos "novos tempos", onde a forma efêmera impõe-se como a única possibilidade da realização do novo". (CARLOS, 2001. p. 01)

Hoje, mais dramaticamente do que em outros momentos da história urbana, a segregação socioespacial ao realizar-se sob o processo de valorização do espaço, é percebida e vivida como contradição inerente à reprodução social. A ideia da cidade homogênea, que é vendida nos pacotes turísticos e está presente no discurso do Estado, visa impedir o questionamento das contradições que são reafirmadas. Um olhar mais atento e uma análise mais cuidadosa dos processos que conduzem a produção do espaço, pode nos permitir sair da superficialidade e pensar num projeto de mudanças, ou seja, pensar a possibilidade de transformação saindo da própria situação de crise da segregação. É possível:

...“mudar a vida” questionando o sentido da cidade produzida sob a égide do processo de valorização - pressupondo a propriedade privada da terra que escancaram as alianças que se consolidam entre os setores do político e econômico como movimento necessário ao processo de reprodução do capital, como processo de reprodução das relações sociais (CARLOS, 2010, p.1).

Essas considerações implicam na necessidade de se pensar a cidade para além dos necessários e fundamentais equipamentos urbanos (iluminação água, esgoto,

coleta de lixo e pavimentação), buscando caminhos que conduzam não só a superação dos problemas, mas possibilitam a valorização do uso em detrimento da troca o que implica a transformação radical da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos aqui as transformações socioespaciais da cidade de Ilhéus a partir de 1990, período em que ocorreu uma grave crise no setor produtivo regional baseado na lavoura cacaueteira e, coincidentemente, a valorização da atividade turística no Brasil, fator desencadeador de uma visível resignificação do turismo em toda a região cacaueteira. Tratou-se em princípio, de entender o porquê das transformações da cidade e o reforço dos processos de segregação socioespacial, tendo hoje a atividade do turismo como elemento chave para apreender esse processo.

Esta investigação partiu da hipótese de que o turismo enquanto atividade econômica poderia fundamentar o processo que mais induziria as mudanças socioespaciais em Ilhéus desde 1990. Fundamos a nossa análise na tese de que de que o turismo, como toda atividade humana, promove algum tipo de mudança sobre os lugares, uma vez que, inserido numa lógica de uma atividade econômica organizada, para acontecer exige a criação de uma infraestrutura capaz de atender a demanda por alimentação, transporte, lazer, hospedagem, entre outros. Além disso, seus agentes ao se apropriarem do espaço, impõem a sua lógica, criando novos espaços, revalorizando espaços antigos, reorganizando e refuncionalizando seu uso.

Incluimos nesse estudo o processo de mercantilização do espaço que se dá na transformação do uso em troca. Isso se justifica pelo fato de que mesmo sendo o turismo uma prática social, as trocas que se realizam não são apenas subjetivas, pois o próprio espaço entra no circuito da troca e é comercializado como uma mercadoria, inaugurando um movimento que vai do espaço de consumo (condição da produção: distribuição, circulação, troca e consumo), ao consumo do espaço (condição para a reprodução do capital e da vida). Assim, essa pesquisa buscou por meio de um estudo de caso entender esse processo em sua diversidade. O que implicou considerar as contradições intrínsecas ao modo de produção capitalista.

A escolha de Ilhéus como objeto desse estudo se deu pelo fato de que a cidade, após a crise da lavoura cacaueteira passou por um intenso processo de mudanças socioespaciais que mereciam investigação, porque o colapso do setor produtivo regional já não dava mais conta de explicar os fenômenos socioespaciais que se apresentavam intensos desde 1990, como mostram diversos estudos regionais com esta

abordagem. Apesar de não descartarmos as produções com este enfoque, enveredamos por um caminho diferente. Buscamos explicar não só o porquê das transformações socioespaciais, mas as consequências desse processo e para tanto, tomamos como ponto de partida o turismo.

Convém esclarecer que tomar o turismo como elemento explicativo para as transformações da cidade de Ilhéus não se deu de maneira aleatória. Com a crise do setor produtivo, o turismo passou por um intenso processo de ressignificação, não por acaso, mas porque no Brasil é exatamente nesse momento que esta atividade passou a ser revalorizada e ganhou importância por meio de políticas públicas.

No afã em fazer do turismo uma alternativa à estagnação econômica o poder público nas esferas federal, estadual e municipal, promoveram em Ilhéus uma série de intervenções espaciais que compreendem a criação de infraestrutura (saneamento básico, iluminação, duplicação e pavimentação de rodovias) e projetos de remodelação de fragmentos da cidade (área central e espaços a beira mar). Esses projetos envolvem não só a remodelação, mas a refuncionalização dos espaços já citados. Com isso, toda a cidade está passando por um processo significativo de mudanças socioespaciais ligadas ao turismo. Muito embora, alguns dos seus fragmentos aparentemente não façam parte diretamente desse processo. Refiro-me as áreas segregadas. A inexistência de pesquisas com esse enfoque constituiu-se elemento motivador para a realização desse estudo.

Ao longo deste trabalho, procuramos discutir como o desenvolvimento do turismo, que tem na imagem da cidade uma estratégia, está obedecendo à mesma racionalidade das outras cidades litorâneas do Brasil, ou seja, uma lógica que segue um modelo internacional de desenvolvimento do turismo. O fenômeno que está acontecendo em Ilhéus, apesar de conter suas especificidades, se reproduz em diferentes escalas com as mesmas determinações. O objetivo precípua dos agentes que promovem as transformações da cidade é inseri-la no circuito nacional e quiçá internacional dos roteiros turísticos. Para chegar nesse entendimento, analisamos as ações do poder público em nível federal e estadual, bem como suas estratégias de implantação de infraestrutura que buscam viabilizar todo esse processo. Também analisamos as ações do poder público municipal e suas estratégias para adequação da cidade às exigências desse novo ramo da economia.

De efetivo, se pode citar a criação dos circuitos “cravo” e “canela” no quarteirão Jorge Amado - um recorte do centro antigo que compreende casarões (antigas residências de coronéis do cacau), prédios antigos, praças e igrejas, a transformação de ruas em calçadas, a restauração de prédios antigos, a recuperação de praças e monumentos, a adequação do porto para receber os transatlânticos, a reforma do aeroporto e a valorização da orla com a criação de infraestrutura que envolve a abertura de estradas iluminação e uma estrutura de cabanas e quiosques nas praias e o consequente adensamento de hotéis, pousadas e *resorts* loteamento e condomínios fechados nessa região da cidade. Na zona norte esse fenômeno foi impulsionado pela pavimentação da BA - 001(Ilhéus/Itacaré).

Ilhéus, assim, afirmar-se-ia enquanto um destino turístico, fazendo parte da rede de cidades turísticas não só do estado da Bahia, mas de todo o Brasil e quiçá do mundo (esse é o desejo dos organismos municipais). Os agentes hegemônicos para atingir esse objetivo recriaram a imagem da cidade tornado-a símbolo de lazer e bem estar. A estratégia empregada foi explorar a cultura por meio das obras de Jorge Amado, a história e os atributos naturais da cidade – os cem quilômetros de praias sua característica mais marcante.

Todos esses elementos foram cuidadosamente selecionados e colocados à venda em pacotes turísticos que são oferecidos em centenas de *sites* na internet e agências de turismo. Para garantir o sucesso da venda, os atributos da cidade são divulgados também por meio de folheteria turística. A eficácia da propaganda não é absoluta, mas a sua influência sobre os hábitos de consumo é muito grande, principalmente nessa “sociedade burocrática de consumo dirigido” que consome não mais apenas o produto, mas a própria ideologia contida nele.

Todos os lugares de alguma forma são afetados pelo desenvolvimento da atividade turística. Alguns, como mostramos (o centro antigo com a criação do quarteirão Jorge Amado: o circuito Cravo e Canela) são transformados para proporcionar diretamente essa atividade; outros aparentemente são deixados a margem do processo, mas efetivamente fazem parte dele. Por isso, para analisarmos as transformações socioespaciais em Ilhéus a partir de 1990, partimos também de um fragmento da cidade que aparentemente está excluído do circuito da mercadoria – o bairro Teotônio Vilela nosso objeto de estudo no mestrado como já dissemos no início dessa pesquisa. Foi observando esse bairro que despertamos para a busca pelo entendimento sobre o processo de produção da cidade no momento atual.

As condições socioespaciais do Teotônio Vilela pioraram, pois continuam com as mesmas características de oito anos atrás, quando lá estivemos pela primeira vez, uma área totalmente segregada carente serviços e infraestrutura básica (água de rede, esgoto, iluminação, calçamento e coleta lixo). Não há praças nem parques. As escolas não atendem a demanda, o único posto de saúde atende de maneira precária. Vale dizer que alguns desses serviços são oferecidos no bairro, mas apenas na área central.

A população que habita as partes mais altas (morro) precisa se deslocar até a avenida central para ter acesso a qualquer serviço e, quando não conseguem satisfazer suas necessidades, algo que é constante, essas pessoas são obrigadas a se deslocarem até o centro da cidade. Este fato caracteriza a atuação discriminatória do Estado e do poder público local. Mas, essa presença/ ausência aparente do Estado traz a baila as contradições imanentes a urbanização capitalista. Ao mesmo tempo em que o poder público implanta de maneira precária infraestrutura no bairro não garante o acesso aos equipamentos de uso coletivo (áreas de lazer como praças, jardins, parques, entre outros).

Enquanto isso, em outros pedaços da cidade se observa que não há tantos problemas com transporte, escolas, postos de saúde, hospitais, saneamento básico, áreas verdes e de lazer de uso público. Em Ilhéus esses equipamentos se localizam nas áreas mais valorizadas tais como centro antigo – área ressignificada pelo turismo e bairros a beira mar nas zonas norte e sul da cidade.

A paisagem do Teotônio em nada lembra a cidade que é vendida nos *sites* e pacotes turísticos das agências de viagem como espaço de belas praias, de majestosa paisagem arquitetônica que abriga casarões do século XIX dos tempos áureos do cacau. Quem passa pelo Teotônio Vilela percebe um espaço totalmente segregado marcado pelo antagonismo, pois, embora faça parte da cidade visivelmente está apartado dela. Nesse bairro vive uma população aparentemente excluída de todo esse processo. Porque, embora apareça de forma fragmentada faz parte do todo. Em Ilhéus há uma rarefação de bens e serviços na periferia (que é predominantemente ocupada pela população de menor poder aquisitivo) e uma concentração deles na área central e principalmente nos bairros da zona sul. Nessas áreas (centro e zona sul), ocorrem não só a concentração de bens e serviços, como também do poder econômico.

Vale lembrar que a cidade de Ilhéus já possuía toda uma materialidade necessária à expansão das atividades turísticas, construída pelo/ para a atividade cacaueira cacau ao longo dos anos. A decadência da lavoura cacaueira e a

ressignificação do turismo em nível nacional contribuíram para a transição de um modelo agroexportador para um modelo pautado nas atividades terciárias. Todavia as ações do Estado e do Poder Público local mostram claramente que o espaço físico de Ilhéus foi reduzido à condição de receptáculo de suas ações às quais devem somar-se as ações dos agentes de mercado. E nesse processo a cidade se resume a condição de “atrativos naturais e culturais,” espaço do espetáculo. Vale a pena lembrar que esse processo não é específico de Ilhéus, ele se dá em escala global

As ações efetivas do Estado, dos agentes de mercado ligadas à estruturação e planejamento do espaço, fizeram de Ilhéus por meio de seus fragmentos, um lugar de consumo e de uso mais elitizado. O bairro Teotônio Vilela entra nesse processo como espaço de confinamento, pois ao segregar as pessoas que ali residem, mantém ou tenta manter esses sujeitos afastados dos lugares que interessam ao capital produtivo (o centro e a orla). Essa estratégia pressupõe que o Teotônio Vilela foi espaço “planejado”, racionalizado, efetivamente pelo poder público. Assim, bairros segregados, como o Teotônio Vilela, fazem parte do processo de valorização e revalorização de pedaços específicos da cidade. Mas, essa estratégia não é necessariamente percebida pela população.

Os apelos sedutores e aparentemente vantajosos das facilidades oferecidas de exploração do turismo expulsam moradores pobres de áreas de interesse do capital para áreas segregadas obrigando-os a se readaptarem as mudanças impostas pela produção espacial. É importante dizer que algumas dificuldades acompanharam o processo de investigação desse estudo: às restrições de tempo que se impõe num trabalho dessa natureza, a imprecisão de dados fornecidos por órgãos e instituições públicas, a insuficiência de dados quantitativos que poderiam auxiliar as análises qualitativas aqui propostas. É oportuno assinalar que não tivemos a pretensão de apresentar uma teoria pronta ou respostas definitivas para os fenômenos estudados. Portanto, se nesta investigação ficaram lacunas, apesar dos nossos esforços em realizar um caminho completo, é porque numa investigação dessa natureza não há verdades eternas o que abre a possibilidade para novas leituras.

A pesquisa mostrou que as transformações socioespaciais de Ilhéus e o reforço dos processos de segregação socioespacial hoje, estão relacionados de maneira inexorável ao turismo como afirmamos no início dessa pesquisa. Os investimentos no turismo transformaram alguns fragmentos da cidade. O *marketing* e a propaganda para a promoção da cidade estão influenciando na valorização dos espaços a beira mar. Pois

o litoral é o atributo mais explorado pela propaganda turística. Os preços dos terrenos e dos imóveis nessas áreas são empecilhos para a população pobre morar. Esta se vê obrigada a buscar lugares cada vez mais afastados para habitar.

A pesquisa também mostrou que a cidade entrou definitivamente no circuito da troca. A venda de seus fragmentos por meio dos pacotes turísticos que são comercializados por agências de viagens que exploram os atributos culturais e naturais de seu espaço comprova essa realidade. A atuação das forças hegemônicas (Poder público, empresários e agentes imobiliários) foi determinante na viabilização de todo esse processo de mudanças socioespaciais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Glória da Anunciação. O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação: FFLCH, 2010, 268 p.
- AMADO, Jorge. Gabriela, Cravo e Canela. 51 ed. São Paulo: Record/Martins, 1975.
- ANDRADE, Maria. Palma. Ilhéus: passado e presente. Ilhéus: Editus, 2003.
- ARARIPE, G. V. Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Ilhéus - PLAMI. Salvador: CINGRAFI, 1969.
- ATIL – Associação do Turismo de Ilhéus. Disponível em <http://www.atil.tur.br/>. Acesso em 22/02/2010
- BAHIA/SEPLANTEC – Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia; Fundação Centro de Projetos e Estudos. Ilhéus-Itabuna Estratégia de Desenvolvimento. Salvador: SEPLANTEC, 1992.
- BAHIATURSA, Empresa de Turismo da Bahia. Programa de Desenvolvimento Turístico do Estado da Bahia. Salvador, 1992.
- BAIARDI, A. Subordinação do Trabalho ao Capital na Lavoura Cacaueira da Bahia. São Paulo: Hucitec Ltda., 1984.
- BIDARRA. Zelimar Soares. Os movimentos de invasão de solos urbanos descobrem o direito. II Jornada Internacional de Políticas públicas. Mundialização e Estados Nacionais: a questão da emancipação e da soberania. São Luís – MA, 2005. Disponível em: www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/.../Zelimar_Soares_Bidarra205.pdf. Acesso em 25/12/2010
- BRITO Ana Leonor Monteiro de. Alguns aspectos da decadência da lavoura cacaueira. 2000. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia), Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, Bahia, 2000.
- CAMPOS, S. Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1981.
- CARLOS, Ana Fani A. A (re)produção do Espaço urbano São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. A cidade. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. A. Espaço e Indústria. São Paulo: Contexto, 1997.

_____, O turismo e a produção do não-lugar. Do livro: Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, Editora Hucitec, org. Eduardo Yázigi, Ana Fani Alessandri Carlos e Rita de Cássia, Ariza da Cruz, págs. 25-39, 1999.

_____. O consumo do espaço, in: CARLOS, ANA FANI A. (org.) Novos caminhos da geografia. São Paulo: CONTEXTO, 1999.

_____. Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. São Paulo hoje: as contradições no processo de reprodução do espaço. Scripta Nova revista electrónica de geografía y ciencias sociales Universidad de Barcelona Nº 88, 1 de maio de 2001

_____. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. In CARLOS, A. e OLIVEIRA, A. (orgs.) Geografias de São Paulo, vol 1. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 51 a 83.

_____. A reprodução da cidade como “negócio”. In: Carlos, A. & CARRERAS, C. (Org.). Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

_____. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

_____. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Disponível em World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf> . Acesso em 25/02/2010

_____. Diferenciação socioespacial. Cidades, v. 4 n.6 2007, p. 73-88.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A produção contraditória do espaço urbano e seus discursos. XI COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA 2010. Disponível em D:\Documents and Settings\user\Desktop\Material sobre turismo\alessandri carlos.mht. Acesso em 18/11/2010

CARNEIRO, Edivasco dos Reis. *et al.* O Turismo no Quarteirão Jorge Amado, Ilhéus (Bahia, Brasil): integrar é preciso. *Turismo & Sociedade*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 51-70, abril de 2011. Disponível em

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/viewFile/21382/14099>. Data de acesso 18/6/10

CARZOLA, Irene Maurício. Cacau trajetória declinante. Bahia. *Análise e dados*. Salvador/BA. v.I, n.4, p.93-101, 1992.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR (BA). Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS: Sul da Bahia. Salvador, Bahia, 1997.

CORBIM, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

COSTA, S. D. *et. al.* O enquadramento jurídico dos manguezais como áreas de preservação permanente e as unidades de conservação da natureza. 2008. Disponível em <http://www.redenet.edu.br/ojs/index.php/tecnologia/article/viewFile/35/31>. Data de acesso 15/04/2010

COUTO, Vitor Athayde. O Território do Cacau no Contexto da Mundialização. Bahia *Análise & Dados*, SEI. Salvador, v.9, N°4, p.38-52, Março 2000.

CRA, Centro de Recursos Ambientais. Diagnóstico ambiental da cidade de Ilhéus. Salvador: CRA, 1994.

CRUZ, Rita de Cássia A. Política de Turismo e Território, São Paulo, Contexto, 2000.

_____. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado *Geosul*, v.20, n.40, 2005

_____. Planejamento Governamental do Turismo: convergências e contradições na produção do espaço. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/19cruz.pdf>. Acesso em 25/12/2009

CRUZ, Rita C.A. Políticas públicas de turismo no ... Geosul, v.20, n.40, 2005

CRUZ, Ronaldo Lima da Clio se aproxima de calíope: os trabalhadores do cacau no pós-abolição sob a ótica de Jorge Amado. Revista História. Ed. 2011. Disponível em <http://www.revistahistoria.com.br/edicao-2011/clio>. Data de acesso. 02/04/11

CRUZ, Orlando Ribeiro - A Crise do Cacau e o 'Caos' Social da região Sul da Bahia . Cacau - A Saga de uma Região - Revisão e adaptação: Orlando Cruz. FONTE: JORNAL A TARDE - Edição de 08/03/2001 - Caderno de Economia - Pgs.05 e 06. www.OrlandoCruz.com.br acesso em: 02/05/2008

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Maritimidade nos trópicos: por uma Geografia do litoral. / Eustógio Wanderley Correia Dantas. - Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____ *et al.* Vilegiatura marítima no Nordeste Brasileiro. X Coloquio Internacional de Geocrítica. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999-2008. Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008

DANTAS. Eustógio Wanderlei Correia Construção da imagem turística de Fortaleza/ceará Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EMBRATUR. Empresa Brasileira de Turismo -. Anuário estatístico/turístico. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Turismo, 2007.

FARIAS, Regina Leite de LAPA, Marilene Oliveira. Planejamento urbano e saneamento básico: um estudo de caso do bairro Teotônio Vilela. 1992. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Desenvolvimento e Gestão Ambiental) - Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, 1992.

FERREIRA. Ed. Impactos ambientais dos manguezais de Ilhéus. Pactos & Impactos. Disponível em <http://pactoseimpactos.blogspot.com/2010/06/impactos-ambientais-dos-manguezais-de.html>. Acesso em 20/06/2010

FIDELMAM, Pedro L.J. Impactos Ambientais: manguezais da zona urbana de Ilhéus. Bahia, 2001. Disponível em: www.members.mpoa.com/ocanog/mpamo. Acesso em: 18 de abril de 2008.

FILHO. Saúl E. Mendez Sanchez e SIMÕES. Maria de Lourdes Netto. O ontem e o hoje do porto de Ilhéus, em registros fotográficos: da visão literária ao turismo. Anais do 7º ENTBL - Encontro Nacional de Turismo com Base Local 2004. Disponível em <http://www.uesc.br/icer/artigos/oontemeohoje.pdf>. Data de acesso 25/06/10

FONTES. Maria Josefina Vervloet. Turismo de Ilhéus. Vantagem comparativa versus vantagem competitiva. Dissertação apresentada Curso de Mestrado da Escola de Administração, da Universidade Federal da Bahia. Salvador – BA, 2001

FUNDAÇÃO CPE. Panorama Geo-econômico da região Sul da Bahia. Fundação centro de Projetos e Estudos (BA). Salvador, 1992.

GÓES. Liliane Matos. *et al.* Análise temporal da expansão horizontal urbana de ilhéus, Bahia: uso de imagem multiespectral do satélite landsat. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010

HEINE, Maria Luiza. Patrimônio Cultural de Ilhéus: um caminho para promover o Turismo Sustentável do Município. Dissertação de (Mestrado), UESC, Ilhéus, 2004.

IBGE, Censo Demográfico 2000. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 20 de junho de 2002.

ILHÉUSTUR. ILHÉUS, Roteiro da Costa do Cacau. Folder propagandístico. Gráfica Ateneu - Ilhéus. Janeiro, 2001

LACOSTE, Yves. Para que serve a paisagem? O que é uma bela paisagem? Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 79, jul. 2003, p. 115-150.

LEFEBVRE, Henri, 1905. A vida cotidiana no mundo moderno / Henri Lefebvre; tradução por Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

_____. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones.

México: Fondo de Cultura Económica, 1983

LEME. Fabíola Mandarine Paes. A percepção dos trabalhadores do Quarteirão Jorge Amado, Ilhéus - Bahia, em relação ao patrimônio arquitetônico do local. Patrimônio: Lazer e Turismo. Revista Eletrônica. Mestrado em Administração. Edição No. 03, Jul-

Ago-Set 2008. Disponível em http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/images/artigos/Artigo3_JulAgoSet08.pdf Data de acesso 15/12/10

LUCENA. Wenner Glaucio Lopes et al. Finanças comportamentais: fatores que influenciam os consumidores na hora da compra. Estudos do CEPE, Nº 33 - Janeiro/Junho 2011.

MACEDO, Itallo Oliveira. Caracterização socioeconômica da população do bairro Teotônio Vilela. 2001. 68p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) - Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, 2002.

MADRUGA, Antônio, M. Litoralização da Fantasia de Liberdade à Modernidade Autofágica. Dissertação de Mestrado – São Paulo- USP, 1992

MAGALHÃES. Joana de Andrade Hage Fialho. Cultura, turismo e desenvolvimento da cidade de Ilhéus – Bahia: uma análise da gestão de Jabes Ribeiro (1996-2004) Ilhéus - Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus/ BA 2006

MARANHÃO, Cristina. O Poder da Imagem Fotográfica Uma análise das imagens publicadas nas revistas Veja e IstoÉ de Luiz Inácio Lula da Silva durante as campanhas presidenciais de 1989 e 2002. Dissertação de mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. São Paulo 2007

MATOS, Zilney; VIEIRA, Antonio. Pobreza e degradação ambiental. 1992. 75p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Desenvolvimento e Gestão Ambiental) - Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Ilhéus, Bahia, 1992.

MATTOS, Samuel Leandro Oliveira de. Análise da adequação da oferta turística de Ilhéus em relação ao perfil de sua demanda: ênfase em hospedagem. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus-Bahia 2003

MENEZES. Juliana Santos, Quarteirão Jorge Amado – Literatura, Cultura e Turismo Sustentável na cidade de Ilhéus, BA Trabalho publicado nos anais do II CULTUR, realizado em novembro de 2008. Disponível em http://www.uesc.br/icer/artigos/quarteirao_textocompletocultur.pdf. Data de acesso 18/02/10

MENEZES, S.; CARMO NETO, D. A Modernização do agribusiness do cacau. Salvador: CARGILL, p. 180, 1993 p.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2007. 31 p.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL. Perguntas e Respostas sobre a Integração do Rio São Francisco às Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Disponível em <http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/perguntas/index.asp>. Acesso em 17 de junho de 2009.

MOREIRA, Gilsélia. Lemos. A degradação sócio-ambiental na construção do espaço urbano: um estudo de caso no Sul da Bahia. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente: Ilhéus - Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. 2003

MURTA. Rachel Sant'Anna, Patrimônio material e turistificação: um estudo sobre a praça da estação – BH/MG. Dissertação de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. Belo Horizonte – Minas Gerais. 2008

NASCIMENTO, Rios do (coord). A crise da lavoura cacaueteira: sua natureza e solução. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Estudos de Política Agrícola – n.26 Documentos de Trabalho – outubro de 1994, projeto PNUD/BRA/014

NÓBREGA. Wilker Ricardo de Mendonça. Turismo em áreas naturais e sua relação com a comunidade local: uma reflexão sobre o ecoparque de UNA. Bahia. Caminhos de Geografia 2(15)13-19, Jun/2005 - Revista on line . Disponível em : <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em 20/06/2011

OLIVEIRA. Ailson Pinhão de. Representações sociais sobre elementos naturais e culturais como subsídios ao planejamento turístico sustentável em Olivença, Ilhéus-Bahia. Dissertação de mestrado Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz . Ilhéus/BA 2005

OLIVEIRA, Jaguaracy de, SANTOS. Flávio Gonçalves dos. Porto de Ilhéus 1918 – 1963. Disponível em http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/jaguaracy_de_oliveira.pdf. Acesso em 17/12/2010

OLIVEIRA, Olga Maria Góes de. A expansão urbana da cidade de Ilhéus – Bahia e a ocupação dos manguezais: o caso do bairro São Domingos. Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da Universidade Federal da Bahia, Salvador/ BA 2008

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais. Brasília, DF: MICT – SETS, EMBRATUR, [s.d.]. 217p.

ORTIGOZA. Silvia Aparecida Guarnieri. O *fast food* e a mundialização do gosto. Artigo publicado no Vol. V / 1997 da Revista Cadernos de Debate, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, páginas 21-45.

PLAMI. Plano de desenvolvimento local e integrado do município de Ilhéus. Ilhéus. 1986

PEMAS – Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais. Programa Habitar Brasil/BID. 2002

PEREIRA, Aglaé Vaz. O projeto Nova Luz e a renovação urbana na região da Luz: o espaço urbano como condição e produto da acumulação e como espaço de reprodução da vida. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

PDITS - Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS. Disponível em:

http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/prodetur_ne2/gerados/pdits.asp. Acesso em 15/03/2010

PET. Plano Estratégico de Turismo de Ilhéus- 2000. Disponível em

PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHÉUS. Ilhéus. In: Ilhéus/Bahia. Ano 3 – n. 3 – 2001

PRODETUR NE II. Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – Polo Litoral Sul, Bahia, Brasil. FGV – SP. HVS International. São Paulo Office. São Paulo: Secretaria de Turismo do Governo do Estado da Bahia, 2003.

RODRIGUES, Arlete Moyses. Moradia nas cidades brasileiras. São Paulo: Contexto, 1997.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (org). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 55-62.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdades Socioespaciais – A luta pelo direito a cidade Cidades, v. 4 n.6 2007, p. 73-88.

RUSCHMANN, Doris. Van de Meene. Marketing turístico: um enfoque promocional. Campinas: Papirus, 1990.

SALES, Fernando. Memória de Ilhéus. São Paulo: GRD, 1981.

SANFELICI, Daniel de Melo. A produção do espaço como mercadoria: novos eixos de valorização imobiliária em Porto Alegre/RS. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Geografia Humana da Universidade de São Paulo – USP. 2009, 147p.

SANTOS, Sérgio Vinicius Tanure de. Desenvolvimento do Turismo na Bahia. 1999. Disponível em <http://www.visiteabahia.com.br/visite/historiadabahia/detalhes.php?id=11>. Acesso em 17/12/2010

SANTOS. Nilmací Silva dos. A transformação da paisagem do Pontal/ilhéus - BA: a relação entre meio ambiente e identidade Dissertação de mestrado Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Universidade Estadual de Santa Cruz. 2007

SÁNCHEZ. Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. Revista de Sociologia e Política nº 16: 31-49 jun. 2001

SILVA, Sérgio Barbosa da. A Expansão Territorial do Turismo na Bahia. Trabalho apresentado durante a Semana Universitária da Unifacs de 2002. Salvador: UNIFACS, outubro de 2002.

SOARES. Luís Augusto Severo. Contemporâneos de seu passado: personagens do desenvolvimento gerado pelo turismo em Ilhéus – BA. Anais do XI Encontro Nacional de Turismo com Base Local Turismo e Transdisciplinaridade: novos desafios Niterói - RJ 12 a 14 de abril de 2008.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. Cidade, cotidiano, cidadania: um olhar ambiental Programa de Pós-Graduação em Educação - Nível Mestrado – UNISO v. 2, p. 105-120, 2007.

SOUB, José Nazal Pacheco. Minha Ilhéus. Fotografias do Século XX e um Pouco de Nossa História. . 2 ed. Itabuna BA: Via Litterarum, 2010

SPOSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e urbanização. São Paulo: Contexto, 1997.

TRIGO. Agustin Justo. O PRODUR - Programa de administração municipal de desenvolvimento de infra-estrutura urbana do Estado da Bahia - e o desenvolvimento urbano preconizado pelo Banco Mundial. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. Salvador /Bahia 2008

TOREZANI, Juliana Nascimento *Internet, Cultura e Turismo: o patrimônio arquitetônico de Ilhéus em sites informativos de turismo*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz. 2007. Ilhéus/ BA

VIDAL, Elzita Ferreira. *Ocupação urbana em área de manguezal: estudo de caso do bairro teotônio vilela no município de Ilhéus – BA*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Estadual de Feira de Santana. UEFS. 2009